



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO-PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS-CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL-PPGHB

FRANCISCA DAS CHAGAS MELO LIMA

NO TEMPO DAS “SABICHONAS DE SAIA ”:
AMÉLIA CAROLINA DE FREITAS BEVILÁQUA E AS TENSÕES EM
TORNO DA ESCRITA FEMININA NO BRASIL (1902-1940)

TERESINA-PI

2017

FRANCISCA DAS CHAGAS MELO LIMA

NO TEMPO DAS “SABICHONAS DE SAIA ”:
AMÉLIA CAROLINA DE FREITAS BEVILÁQUA E AS TENSÕES EM
TORNO DA ESCRITA FEMININA NO BRASIL(1902-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí como requisito final para obtenção do título de Mestre em História do Brasil, sob orientação da Professora Dr^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

TERESINA-PI

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

L732tLima, Francisca das Chagas Melo.

No tempo das “sabichonas de saia”: Amélia Carolina de Freitas
Beviláqua e as tensões em torno da escrita feminina no Brasil
(1902-1940) / Francisca das Chagas Melo Lima. – 2017.

162f. : il.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade
Federal do Piauí, 2017.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

FRANCISCA DAS CHAGAS MELO LIMA

NO TEMPO DAS “SABICHONAS DE SAIA ”:
AMÉLIA CAROLINA DE FREITAS BEVILÁQUA E AS TENSÕES EM
TORNO DA ESCRITA FEMININA NO BRASIL (1902-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí como requisito final para obtenção do título de Mestre em História do Brasil, sob orientação da Professora Dr^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz(Orientadora)
Universidade Federal do Piauí-UFPI

Prof^a Dr^a Elizabeth Sousa Abrantes(Examinadora externa)
Universidade Estadual do Maranhão-UEMA

Prof^a Dr^a Elizangela Barbosa Cardoso (Examinadora interna)
Universidade Federal do Piauí-UFPI

Prof. PhD Francisco de Assis de Sousa Nascimento (Suplente)
Universidade Federal do Piauí-UFPI

TERESINA-PI

2017

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Gratidão! Esse é o sentimento que nos acolhe ao término desse exercício de pesquisa. Gratidão por todas as experiências vivenciadas e por todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a elaboração dessa dissertação.

Agradeço a Deus, que me proporcionou força para essa realização. *Ebenézer!*

Agradeço aos meus pais, Marina e Domingos. Estas singelas páginas são uma forma de apresentar a vocês que sonhos valem a pena, que *tudo vale a pena se a alma não é pequena*. Obrigada por todo apoio, obrigada pelo colo, obrigada por serem meus pais e me ensinarem que é com luta que se alcança um novo amanhã.

Às minhas irmãs Jheyce, Alice e Ester, pelos risos e o apoio incondicional de sempre.

Ao Diego Carvalho, esposo amado, pela companhia e compreensão diária. Obrigada pelo ombro nos momento em que “encontrar Amélia” estava árduo demais. Obrigada por todo afeto e apoio. Eu não conseguiria realizar esse trabalho sem seu olhar acolhedor, e o tão necessário “eu estou aqui”! Todo meu amor a você!

À Luma Pinheiro, Daniela Fontenele, Iara Ferreira, Ana Maria e Camila Rodrigues. Como é bom contar com pessoas singulares em dias árdus. Vocês são dádivas em minha vida, são mais do que amigas, se tornaram irmãs. Obrigada por todo o carinho, pelas palavras de apoio, pelos muitos risos. Esse trabalho também é de vocês;

À Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz pela orientação compreensiva, cuidadosa, paciente e competente, essencial para a elaboração da presente dissertação.

Aos meus companheiros Maria do Socorro Rangel, Josilene Lima, Shirlane Nunes, Allan Ricelli, Sâmia Sampaio, Sâmia Karol, Thiago Rodrigues, Viviam Cathaline, Leandro Oliveira, Anne Caroline, Daiane Portela, Lucielma Carvalho, Jaquelany Marreiros, Rosa Neres, Gisvaldo Oliveira, Ramsés Pinheiro, Iracema, Elisângela Jamara e Tâmara Uchoa, pelas experiências e saberes compartilhados diariamente;

Agradeço ao pesquisador Nino Dourado Barros pelas contribuições e pela gentileza de compartilhar algumas das fontes aqui utilizadas;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí;

Enfim, a todos os que colaboraram para elaboração deste trabalho, o meu sincero agradecimento!

RESUMO

A escrita, lugar de poder, por séculos se constituiu como apanágio dos homens. Entretanto, a partir do século XIX, mulheres e escrita começam a se aproximar. É o momento em que emerge por todo o mundo um grupo de mulheres que ousavam ultrapassar os limites das rígidas barreiras sociais e que passaram a utilizar a palavra escrita para dar vazão a reflexões relacionadas às mais diversas temáticas. Em meio a esse processo destacou-se a figura de Amélia Carolina de Freitas Beviláqua, cuja trajetória permite observar múltiplas possibilidades de vivências femininas no Brasil, sobretudo no século XX, quando ela consolida seu nome em meio ao universo letrado (1902-1940). Dessa forma este trabalho apresenta as vivências de Amélia Carolina de Freitas Beviláqua, observando os elementos que propiciaram a chegada da mulher a espaços antes tidos como masculinos. Apresenta-se de que forma as tensões de gênero se fazem perceber na produção intelectual de Amélia e elucida-se como a relação entre o velho e o novo, tão cara aquele contexto, marcou sua trajetória. Além disso, disserta-se sobre os deslocamentos e os elementos propiciadores da chegada de Amélia a espaços de poder, bem como a compreende-se o processo de recusa vivenciado pela escritora em 1930, quando ela apresenta sua candidatura a Academia Brasileira de Letras e por motivos misóginos é recusada.

Palavras-chave: Amélia Beviláqua. Escrita feminina. Academia Brasileira de Letras.

ABSTRACT

The writing, place of power, for centuries was constituted as an apanage of men. However, from the nineteenth century, women and writing began to approach. It is the moment when a group of women emerged all over the world who dared to go beyond the limits of the rigid social barriers and who began to use the written word to give vent to reflections related to the most diverse subjects. Amelia Carolina de Freitas Beviláqua, whose trajectory allows to observe multiple possibilities of feminine experiences in Brazil, especially in the XX century, when it consolidates its name in the middle of the literate universe (1902-1940). In this way, this work presents the experiences of Amelia Carolina de Freitas Beviláqua, observing the elements that allowed the arrival of the woman to spaces previously considered as masculine. It shows how gender tensions are perceived in Amelia's intellectual production and elucidates how the tense relationship between the old and the new, so dear to that context, marked its trajectory. In addition, it discusses the displacements and the propitiating elements of the arrival of Amelia to spaces of power, as well as the understanding of the process of refusal experienced by the writer in 1930, when she presents her candidacy to the Brazilian Academy of Letters and for misogynistic reasons is refused.

Keywords: Amélia Beviláqua. Female writing. Brazilian Academy of Letters.

Lastimo apenas que a Academia de Letras aprecie, numa pequena maioria toda ocasional, os valores das pessoas, que a devem compor, em primeiro lugar, pelo sexo, na eterna canção das calças e saias, antes de apreciar o mérito real dos valores intelectuais.

Henrique Pinheiro de Vasconcellos, Gazeta de Notícias, 06 de julho de 1930.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Clóvis Beviláqua e Amélia Beviláqua na juventude.....	35
FIGURA 2: <i>Fac-símile</i> do primeiro número da revista <i>O Lírio</i> , de 5 de novembro de 1902.....	45
FIGURA 3: <i>Fac-símile</i> do segundo número da revista <i>O Lírio</i> , de 10 de dezembro de 1902.....	46
FIGURA 4: A Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, símbolo da reforma urbana no Rio de Janeiro de Pereira Passos	55
FIGURA 5: A civilidade dos hábitos dá um novo tom às ruas cariocas.....	60
FIGURA 6: Residência de Clóvis e Amélia Beviláqua no Rio de Janeiro.....	65
FIGURA 7: A família Beviláqua e sua criação de animais.....	66
FIGURA 8: Amélia Beviláqua, esposo, filhas, netas, livros e animais de estimação.....	68
FIGURA 9: Divulgação de uma conferência de Clóvis e Amélia Beviláqua.....	77
FIGURA 10: Detalhe da primeira página do jornal <i>A Família</i> , n.144 do dia 22 de setembro de 1872 com destaque ao nome da redatora.....	89
FIGURA 11: Aula de bordados no Colégio Nossa Senhora da Estrela, do Rio de Janeiro.....	91
FIGURA 12: Passeio feminino pelas ruas cariocas.....	93
FIGURA 13: Capa do romance <i>Angústia</i> publicado em 1913.....	94
FIGURA 14: Capa da terceira edição do romance <i>Silhouettes</i>	104
FIGURA 15: Clóvis Beviláqua e Spencer Vampré.....	126
FIGURA 16: Clóvis e Amélia Beviláqua recebendo visitas.....	128
FIGURA 17: Ficha a ser preenchida com nomes de mulheres intelectuais que poderiam ser candidatas a integrantes da Academia Brasileira de Letras.....	138
FIGURA 18: Ana Amélia, Gilka Machado, Sílvia Patrícia, Ieda Ribeiro e Cecília Meireles.....	139

FIGURA 19:Registro de Amélia Beviláqua na época de sua candidatura junto a Academia Brasileira de Letras.....	140
FIGURA 20:Premiação das vencedoras do concurso promovido pela revista O Malho.....	142
FIGURA 21: Premiação das vencedoras do concurso promovido pela revista O Malho.....	142
FIGURA 22:Medalhão de bronze oferecido a cada uma das vencedoras pela revista <i>O Malho</i> ...	143
FIGURA 23:Diploma que os organizadores do concurso d' <i>O Malho</i> conferiam às ganhadoras..	143
Figura 24: A multidão de escrevinhadoras brasileiras.....	144

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 AMÉLIA CAROLINA DE FREITAS BEVILÁQUA: VIVER E ESCREVER.....	24
2.1 Em tempos de outrora: primeiros passos de Amélia Carolina de Freitas Beviláqua.....	24
2.2 Amélia Beviláqua e a revista <i>O Lírio</i>	38
2.3 O Rio de Janeiro de Amélia Beviláqua	50
2.4 A experiência escriturística de Amélia Beviláqua.....	71
3 SER MULHER, SER ESCRITORA	79
3.1 História e escrita literária feminina: um encontro possível.....	79
3.2 Deslocamentos e tensões de gênero na ficção de Amélia Beviláqua.....	92
4 AMÉLIA BEVILÁQUA E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.....	109
4.1 Amélia submete seu nome à Casa dos Imortais das Letras.....	109
4.2 Compartilhando os registros de um protesto: a publicação da coletânea <i>Academia Brasileira de Letras</i> e a defesa de Amélia Beviláqua.....	117
4.3 “Levemos a mulher à Academia de Letras”.....	134
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS	152
1 INTRODUÇÃO	

A escrita, lugar de poder¹, por séculos se constituiu como apanágio dos homens. Por meio dela, inúmeros sábios deixaram suas atividades intelectuais, desejos, perspectivas, encontros e desencontros para a posteridade. Aquele fora um dos lugares utilizados pelo homem para exercer o seu domínio e até o século XIX “não pertencia” ao gênero feminino. Entretanto, a partir do século XIX, século “duro para as mulheres”², a mulher e a escrita começam a se aproximar. É o momento em que emerge por todo o mundo um grupo de mulheres que ousavam ultrapassar os limites das rígidas barreiras sociais e que passaram a utilizar a palavra escrita para dar vazão a reflexões relacionadas às mais diversas temáticas. Nem todas eram consideradas subversivas. Todavia, o ato de se lançar ao universo da palavra escrita já era considerado um deslocamento de fronteira. Um deslocar que se constituiu como um fenômeno e levou muitos homens a se posicionarem em busca de um lugar tido como pertencente ao seu gênero. É o tempo das “sabichonas de saia”³ que muito assustaram aqueles homens.

Os termos “viragos obscenas”, “solteironas da pena” ou mesmo “sabichonas de saia”, foram artifícios pejorativos utilizados para desqualificar mulheres que se destacaram no universo das relações sociais do mundo ocidental em meio a um tempo de mudanças. Não eram, no entanto, meramente vítimas de um sistema opressor, apesar de terem sofrido as agressões deste. Trata-se de uma multidão de escrevinhadoras que o século XIX viu emergir.⁴ Mulheres que não aceitavam o espaço de subjugação que lhes era reservado e que contribuíram para o processo da emancipação de seu gênero. Estudá-las é, pois, deslegitimar o ideal de que a mulher se constituiu ao longo da história como um ser sem voz. Mesmo com toda a contrariedade de um sistema que inferiorizava suas atividades, elas se fizeram notar por suas práticas cotidianas, por seu modo de enfrentamento direto e ao não aceitar os ideais femininos que lhes eram impostos.

Em meio a esse processo, destacou-se a figura de uma escritora nascida no ano de 1860 na cidade de Jerumenha, interior do Piauí. Trata-se de Amélia Carolina de Freitas

¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

² PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

³ “Sabichonas de saia” foi uma expressão pejorativa utilizada pelos homens do século XIX com o objetivo de desqualificar as ações e produções intelectuais femininas. GAY, Peter. O poderoso sexo frágil. Cf. GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 292-370.

⁴ GAY, 2010.p.293.

Beviláqua cuja trajetória permite observar múltiplas possibilidades de vivências femininas, sobretudo no século XX, quando ela consolida seu nome em meio ao universo letrado.⁵

Amélia foi uma mulher que se deslocou por vários espaços brasileiros, tais como Piauí, Maranhão e Pernambuco, mas foi no Rio de Janeiro, espaço para o qual ela se muda no início do século XX, que ela vivenciou mais intensamente sua trajetória de escritora.

Ao lado do esposo, o juriconsulto Clóvis Beviláqua, teve seu nome em destaque nos principais jornais em circulação na época, nas academias, agremiações literárias, espaços de conferências e nos almanaques, publicando artigos, poemas, tendo, portanto, uma vida intelectual notavelmente agitada.

Olhar, portanto, para Amélia Carolina de Freitas Beviláqua é enxergar todo um corpo social. Um contexto onde se percebem os primeiros passos de uma abertura para a atuação feminina em frentes de poder “legitimamente”, como se dizia, “pertencentes ao homem”. Observando seus passos, vê-se a crescente presença de mulheres atuando na imprensa, nas escolas, universidades, espaços de conferências e no mundo das publicações. Observando-a, identifica-se também a permanência dos limites que ainda se faziam presentes na relação entre homens e mulheres, que não impediam, no entanto, o alcance do espaço público por parte destas personagens. Olhar para Amélia é ver a chegada da mulher a esse espaço e ver também a dor que essa ousadia proporcionou.

Além disso, olhar para a relação entre escrita e mulher, a partir das vivências de Amélia Beviláqua, é ver um Rio de Janeiro perpassado por tensões sociais geradas pelo processo que visava civilizar os espaços e hábitos. Tensões que se configuraram na produção de Amélia, representadas por meio de vários de suas personagens.

Dessa forma, o presente trabalho apresenta as vivências de Amélia Carolina de Freitas Beviláqua entre os anos de 1860 e 1946, focando em sua intensa produção escriturística entre os anos de 1902 e 1940⁶ observando os elementos que propiciam a chegada da mulher a espaços antes tidos como masculinos. Problematiza-se de que forma as intempéries que

⁵ No século XX, Amélia se insere no mundo das publicações, embora já escrevesse desde muito jovem. Entre 1902 e 1940, publica *Alcione* (1902), *Através da Vida*(1906), *Angústia*(1913), *Impressões*(1921), *Silhouettes*(1906), *Literatura e direito*(1907), *Flor do orfanato*(1931), *Divagações sobre a consciência*(1931), *Alma universal*(1935), *Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*(1930), *Instrução e educação da infância*(1906), *Vesta*(1908), *Jeannette*(1923), *Açucena*(1923), *Jornadas pela infância*(1923). Publica também uma série de textos na Revista da Academia Piauiense de Letras como *Um aniversário*, dedicado ao marido Clóvis Beviláqua, *Teresinha*, que trata a respeito das fantasias femininas, dedicado à filha Dóris, *O artista* que trata a respeito de um jovem pintor que busca a aprovação de sua arte pelo rígido mestre e *Alcione* que apresenta os enlances da vida conturbada de uma jovem que acaba se suicidando.

⁶ 1902 é o ano em que Amélia se tornou redatora-chefe da revista *O Lírio e* 1940 é o ano da publicação de *Jornadas pela infância*, último livro por ela publicado.

marcaram aquela conjuntura se fazem perceber na produção intelectual de Amélia. Problematisa-se também como a tensa relação entre o velho e o novo, tão cara ao contexto, marcou a trajetória. Busca-se compreender os deslocamentos e os elementos propiciadores da chegada de Amélia a espaços de poder, bem como a compreensão do processo de recusa vivenciado pela escritora em 1930, quando ela apresenta sua candidatura à Academia Brasileira de Letras e por motivos misóginos é recusada.

Todos estes elementos fornecem indícios que justificam uma investigação visando analisar os deslocamentos e tensões vivenciados pela escritora Amélia Beviláqua. Indícios que propiciam delinear a respeito das condições e possibilidades de ser mulher escritora no Brasil.

O campo de estudo da História das Mulheres é fundamental para a constituição do trabalho, tendo em vista que a mulher e as complexidades que envolviam seu gênero ocupam lugar central nesta análise. Além disso, os enlaces entre História e Literatura também foram importantes, tendo em mente que o lugar ocupado pela mulher ocidental, mais especificamente brasileira naquela conjuntura, foi analisado a partir da produção literária de Amélia Beviláqua. Uma produção que se constitui, segundo uma perspectiva apontada por Roger Chartier, como representação de um tempo.⁷

Para construção dos argumentos relacionados ao deslocamento de fronteiras por parte das mulheres, faz-se uso de textos inseridos no campo de História das Mulheres e História e Gênero. Amélia não foi analisada por ela mesma, mas, sim, ela em conjunto com as marcas do tempo em que viveu.

Amélia Beviláqua foi uma mulher do sertão nordestino⁸ cuja carreira se constituiu em outros espaços e se consolidou no Rio de Janeiro, onde publicou a maioria de suas obras. Em suas andanças, leva as marcas de sua origem. Amélia foi uma mulher de pensamento arguto e inquieto numa sociedade em que o gênero feminino não poderia ocupar o espaço público e que utilizou sua produção para falar dos mais diversos temas. A literata ousou, inclusive, a ser a primeira mulher brasileira a concorrer a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e que por ser mulher não obteve êxito.

⁷ CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

⁸FALCI, Miridan Brito Knox. Mulheres no sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del [Org]. *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p.241-277.

Suas produções revelam uma preocupação com questões relacionadas ao universo feminino. Sua personagem Maria da Luz, por exemplo, é uma mulher nordestina do final do século XIX que tem a tristeza por destino. Vê-se, por meio dos enlaces da vida da personagem, que o sujeito feminino se apresenta sufocado pela sua condição, na medida em que é apresentada pelo narrador como um corpo cansado e sempre encurvado. Em *Angústia* ela evidencia a trajetória de uma mulher no Rio de Janeiro do fim do século XIX. Mulher que se constitui como metáfora/ crítica dos novos tempos que marcaram a sociedade carioca. Mulher ousada que se quer liberta, abdicando de sua condição de dona do lar para vivenciar a liberdade de habitar o espaço público, indo contra a vontade do marido.

Algemira de Macedo Mendes, que dedica estudos ao universo da escrita feminina, evidencia Amélia Beviláqua e suas produções em suas pesquisas. Sua dissertação intitulada *A imagem da mulher na obra de Amélia Beviláqua*⁹ analisa personagens que compõem as obras de Amélia. Personagens que, segundo ela, permitem apreender aspectos da condição da mulher brasileira do século XIX e XX e que possibilitam identificar como Amélia percebe a condição feminina. Analisa a partir de Daluz, Tereza e Vesta, personagens das obras *Através da vida*¹⁰, *Angústia*¹¹ e *Vesta*¹², quem eram as mulheres do raiar do século XX perpassado pelo surgimento de novos papéis sociais. Daluz, a infeliz predestinada que é obrigada a abdicar da própria felicidade. Vesta, um projeto de mulher intelectual, mas que encontra a infelicidade, e Tereza, representação da mulher que valorizava a liberdade acima de qualquer ideal, quebrando normas e paradigmas a ela impostos.¹³ Em *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*¹⁴, Algemira de Macedo Mendes traz como foco a experiência dessas duas escritoras brasileiras cujas vidas se inseriram no universo da cultura letrada do país. Apresenta aspectos biográficos e as marcas deixadas por elas na produção literária do país, incluindo seus lugares na historiografia literária. Além disso, analisa obras das duas autoras a fim de identificar o que estas apresentam sobre aquelas realidades. Sobre Amélia Beviláqua, Algemira destaca como esta foi percebida na historiografia e como suas obras trazem marcas

⁹ MENDES, Algemira de Macedo. *A imagem da mulher na obra de Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

¹⁰ BEVILÁQUA, Amélia. *Através da vida*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1906.

¹¹ BEVILÁQUA, Amélia. *Angústia*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1913.

¹² BEVILÁQUA, Amélia. *Vesta*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1909.

¹³ MENDES, 2004, p. 34.

¹⁴ MENDES, Algemira de Macedo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 282 f. 2006. Tese (Doutorado em Linguística e Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

da *Belle Époque* e do anseio por mudanças naquela sociedade como pode ser observado no romance *Angústia*.

Regina Coelli Moura de Carvalho, em *Astúcias de mulher*, faz uso da produção intelectual de Amélia para apresentar uma discussão a respeito de como as relações de gênero são apreendidas por Amélia Beviláqua em sua vida e produções escritas. Analisa aspectos biográficos, vivências e as obras *Angústia*, *Através da vida* e *Jeannette*¹⁵. Identifica em Amélia uma mulher de destaque em seu tempo que se muda para a capital federal, palco de debates intelectuais e centro das decisões e transformações sociais, espaço que se torna seu lugar de observação.

Olívia Candeia Lima Rocha apresenta, em alguns de seus artigos e em sua obra *Mulheres, escrita e feminismo no Piauí (1875-1950)*,¹⁶ aspectos relacionados a escritoras piauienses. Analisa os pseudônimos utilizados por essas sabichonas de saia e segundo ela o uso do codinome masculino servia para facilitar o rompimento de barreiras de conteúdo da escrita, visto que a opinião masculina era mais aceita socialmente. Identifica os percalços e dificuldades dessas literatas, sua relação com as revistas femininas e também alguns nomes que vêm a se destacar como Amélia Beviláqua, personalidade que ganha notoriedade no cenário nacional após sua tentativa de adentrar pelo universo masculino da intelectualidade brasileira na Academia Brasileira de Letras. Contribui dessa forma para que o conhecimento sobre essa literata venha a se expandir e que seus feitos pelas causas femininas ganhem notoriedade.

O estudo de Olívia Candeia Lima Rocha relacionado ao universo da escrita feminina foi de fundamental importância para este trabalho, tendo em vista que possibilitou ampliar o olhar para elementos presentes nessas práticas de produção cultural das mulheres. Sua análise sobre os pseudônimos próprios de um grupo que buscava encontrar meios para burlar a resignação imposta é perspicaz à medida que apresenta a mulher não como mera vítima, mas como um ser que utiliza de seus anseios por liberdade para inserir-se no espaço público, mesmo que tenha sido sob o uso de máscaras.

Assim como Olívia Candeia Lima Rocha, Norma Teles também dedica alguns de seus estudos à análise de experiências das mulheres escritoras. Sua observação sobre a relação entre escrita, saber e poder é pertinente e importante para compreensão da resistência à entrada da mulher no mundo escriturístico. Analisa experiências de mulheres que ousaram

¹⁵ BEVILÁQUA, Amélia. *Jeannete*. Rio de Janeiro: Garnier, 1928.

¹⁶ROCHA, Olívia Candeia Lima. *Mulheres, escrita e feminismo no Piauí (1875-1950)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2011.

adentrar pelo mundo da intelectualidade, evidenciando o anseio destas em romper paradigmas e contrapor o ideal de mulher imposto à época.

As temáticas abordadas nas obras de Amélia Beviláqua encontram referência em estudos realizados por Mary Del Priore¹⁷, que analisa o caso brasileiro, e em Michelle Perrot,¹⁸ que observa as experiências europeias, sobretudo francesas. É importante destacar que a situação vivenciada pelas mulheres escritoras, seus embates e discussões são amplos, daí a importância de autores como Michelle Perrot. Todavia o espaço de observação é o Brasil e é este lugar social, numa perspectiva apontada por Michel de Certeau, que constitui as experiências de Amélia Beviláqua.

O lugar da mulher escritora e as tensões em torno da escrita feminina podem ser encontradas a partir de Constância Lima Duarte, em texto intitulado *Mulher e escritura: produção letrada e emancipação feminina no Brasil*¹⁹, quando a mesma apresenta um panorama de como o feminismo influenciou a produção da escritora brasileira nos séculos XIX e XX. Percebendo esse movimento em quatro momentos de mudanças ideológicas, ela evidencia como esse processo e as mulheres que a ele se lançaram, contribuíram para a emancipação do gênero feminino e a ruptura dos paradigmas masculinos dominantes. Tais paradigmas, que por vezes acabavam podando as ações femininas, são analisados por Heleieth Saffioti ao estudar o poder do macho.²⁰ A partir dos elementos por ela oferecidos, compreende-se a como se construiu e se constrói cotidianamente a dominação masculina, enfocando os processos históricos e papéis sociais atribuídos às diferentes categorias de sexo. Em sua concepção, qualquer dominação desse tipo tem como norte o sistema capitalista pelo qual a sociedade é regida. Ela percebe, portanto, que o poder atribuído ao macho é uma construção que ainda se perpetua na sociedade brasileira.

A fim de confrontar essa dominação, muitas mulheres se lançaram às ruas como destacam Maria Lígia Prado e Stella Statena Franco ao analisar a participação feminina no debate público brasileiro.²¹ Explorando um rol de textos escritos por mulheres e homens do início do século XX, elas detectam a ampliação do envolvimento e da participação feminina com as questões da ordem pública. Percebe-se, portanto, que Amélia não se destaca no espaço

¹⁷PRIORE, Mary del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

¹⁸PERROT, 2008.

¹⁹ DUARTE, Constância Lima. *Mulher e escritura: produção letrada e emancipação feminina no Brasil*. In: *Revista Pontos de Interrogação*. Alagoinhas, v.1, n.1, 2001. p.73-83.

²⁰SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987

²¹FRANCO, Stella Scatena; PRADO, Maria Lígia. *Participação feminina no debate público brasileiro*. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

público como um caso excepcional, mas em conjunto com um crescente movimento de mulheres que estreitavam cada vez mais sua relação com o espaço público.

Esse estreitamento é analisado por Rachel Soihet em *A conquista do espaço público*²² onde se pode observar como se constituíam as aspirações no que diz respeito à busca pelos direitos por parte da mulher. A luta das mulheres pautava-se, sobretudo, no pleno acesso à educação de qualidade, ao direito de voto e de elegibilidade, as aspirações, entretanto, não se concretizam de imediato. No emergir do século XX, Bertha Lutz dá início a sua campanha pela emancipação feminina. Ela chama a atenção por ter passado em um concurso e começa a agregar um grupo de mulheres se tornando, posteriormente, uma das maiores referências nos movimentos de mulheres da época. Para ela, a ascensão feminina resultaria não só em benefícios pessoais, como também faria das mulheres instrumentos preciosos no progresso do Brasil. Dois pontos chamavam sua atenção; para melhorá-los, seria necessário uma luta intensa a fim de elaborar uma nova realidade. Em 1920, ocorre a criação da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher. Nas reivindicações, a conquista do voto era prioridade. Em 1922, o feminismo estreita os laços com entidades internacionais, momento em que Bertha participa da primeira Conferência Internacional de mulheres. É criada a Federação Brasileira para o progresso feminino que promoveu o Primeiro Congresso Internacional Feminino, visando discutir questões pertinentes à luta das mulheres. Surgem inúmeras filiais dessa entidade, e, a partir disso, o debate toma impulso, sendo parte inclusive dos jornais da época. A pressão no Congresso começa a dar frutos levando alguns líderes a integrarem-se aos ideais da luta como Juvenal Lamartine que incluiu um dispositivo que estabelecia a igualdade dos sexos. Em 1930, e as demandas relacionadas a questão do voto ainda não haviam sido atendidas. É apenas em 1932 que o Brasil ganha um novo Código Eleitoral que estabeleceu no país o voto secreto e feminino.

Este era o meio social sob o qual Amélia esteve envolta. Um meio que ainda reproduzia padrões pautados no “deve ser”. Nesse sentido, Carla Bassanezi Pinsky, em *A era dos modelos rígidos*,²³ apresenta imagens e representações construídas em torno das mulheres brasileiras durante o século XX. De acordo com a análise, é importante conhecer as representações que prevalecem em cada época, pois elas têm a capacidade de influenciar os modos de ser, agir e sentir das pessoas, os espaços que elas ocupam na sociedade e as escolhas de vida que fazem. Ela discute que, durante a primeira metade do século XX, havia o

²² SOIHET, Rachel. *A conquista do espaço público*. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

²³ PINSKY, Carla Bassanezi. *A era dos modelos rígidos*. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

discurso de que as mulheres eram “por natureza” destinadas ao matrimônio e à maternidade, sendo a família a referência central de sua identidade. Até então, em termos ideais a masculinidade era associada a força, coragem e racionalidade, ao tempo que as mulheres possuíam características como o instinto maternal, a fragilidade e a dependência. Além disso, a autora apresenta os ideais de mulher casta e moça de família, elementos que salvaguardavam a moral das mulheres de bem. No entanto, nos anos 20, inúmeras mudanças afetaram as imagens femininas, tendo em vista que as oportunidades de trabalho assalariado cresciam juntamente com a escolaridade das jovens, fazendo com que mais mulheres passassem a encontrar empregos diversos e a ocupar espaços diferenciados, contribuindo para mudar percepções do que era ou não apropriado para a mulher. Os novos hábitos, como ir sozinhas às compras, submetiam-na a olhares controladores que aos poucos percebiam a emergência de vivências que possibilitavam o surgimento de novas mulheres.

A mudança na mentalidade social em relação aos espaços ocupados pela mulher foi analisada na tese de Elisabeth Sousa Abrantes, intitulada *O dote é a moça educada: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República*²⁴, onde percebe de maneira simbólica como a instrução formal passou a ser valorizada a partir do século XX como parte da educação feminina se constituindo como uma espécie de dote simbólico. Em sua análise, a historiadora postula a importância de mecanismos sociais do Estado republicano que incentivaram uma maior inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como o crescimento de políticas educacionais que proporcionavam o acesso cada vez mais crescente de mulheres no ensino secundário superior. A autora adverte que, embora tais mecanismos tivessem como propósito produzir mães educadoras, eles cooperavam ao proporcionar aberturas para o processo de emancipação feminina.

Mary del Priore, em *História do amor no Brasil*,²⁵ evidencia elementos que permitem visualizar experiências relacionadas ao amor desde o Brasil colônia até a revolução sexual do século XX. Casamento, namoro, transgressões, lugares de encontro amorosos e sexuais são alguns dos aspectos abordados em sua obra que coopera ao ampliar a discussão e historicizar o sentimento amoroso como meio a partir do qual se pode evidenciar todo um meio social.

Em se tratando de experiências mais gerais, Michelle Perrot tem grande importância no campo da História das Mulheres. Suas obras apresentam grande diversidade de temáticas

²⁴ ABRANTES, Elisabeth Sousa. *O dote é a moça educada: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República*. São Luís: EDUEMA, 2012.

²⁵ PRIORE, 2006.

que dizem respeito às relações sociais. Seus estudos discutem casamento, a relação dos gêneros com o amor, o rapto, a educação, a infância, a inserção da mulher no espaço público, as transgressões, as imposições do modelo familiar patriarcal, o acesso à produção cultural, o corpo, a alma, as novas possibilidades de se constituir como mulher, o que propicia a observação da condição feminina na Europa Ocidental especialmente no século XIX. Seus estudos possibilitam identificar experiências femininas no mundo ocidental. Advoga sobre os percalços dessas mulheres e suas formas de burla. Embora sua análise por vezes restrinja a condição feminina às amarras patriarcais, suas observações são pertinentes e auxiliam na compreensão das práticas femininas no recorte em foco.

O estudo de Peter Gay sobre as tensas relações sociais que marcaram o século XIX e XX, também foi de fundamental importância para o presente trabalho. Em seus escritos o pensamento sobre a mulher no período destacado. Ele percebe a relação entre os processos revolucionários e as possíveis transgressões femininas que emergem. Segundo ele “[...] o despertar do espírito democrático, a rebelião contra a autoridade, a proclamação dos direitos do homem foram quase que necessariamente acompanhados pelo crescimento de um novo ideal referente à posição das mulheres, pelo reconhecimento, mais ou menos definido e consciente, dos direitos da mulher.”²⁶ As análises desses autores sobre a condição feminina, as relações de gênero, as experiências das mulheres escritoras, transgressoras, as temáticas que dizem respeito ao universo feminino foram caras para construção deste trabalho investigativo.

Para compreender a sociedade carioca na qual Amélia inseriu-se a partir de 1906, faz-se uso de aspectos trabalhados por Sandra Pesavento, Sidney Chaouloub e Nicolau Sevcenko. *Literatura como missão: tensões sociais e produção cultural na Primeira República*²⁷, e *Machado de Assis, historiador*²⁸ se constituem como ricas à medida que apresentam o Rio de Janeiro imerso em transformações que geravam tensões. As obras são clássicos, pois possibilitam perceber como a literatura é uma rica ferramenta para a análise de outros tempos. Uma ferramenta que permite enxergar para além da rigidez de outros tipos de fonte que podem ser utilizadas pelos historiadores. Nessa perspectiva também coopera a obra de Sandra Pesavento *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*.²⁹

²⁶ GAY, 2001, p. 296.

²⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e produção cultural na Primeira República*. Rio de Janeiro: Companhia de Letras, 1985.

²⁸ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

²⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahi. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

A fim de operacionalizar essa bibliografia com as fontes de pesquisa, fez-se uso de alguns conceitos. Um destes foi oferecido por Michel de Certeau ao trabalhar a importância do lugar social das *práticas escriturísticas*. Analisar as experiências no mundo da escrita é perceber todo um corpo social. Amélia Beviláqua e suas obras foram observadas na perspectiva apresentada por Certeau na obra *A escrita da História*³⁰, na qual enfatiza a importância do lugar social na constituição de um sujeito. Segundo o próprio Michel de Certeau, a representação não é *histórica* senão quando articulada com um *lugar social*. Dessa forma, destaca-se que Amélia Beviláqua narra a partir de um real vivido, de um lugar que a informa e que por ela é informado. Olhar para Amélia é, portanto, atentar para um lugar de influência na constituição de sujeitos.

Outro conceito é o de *relações/práticas de poder* apresentado por Michel de Foucault na obra *Microfísica do poder*³¹. A partir dessa percepção, identifica-se que o poder se exerce ou se pratica, não existindo como um dado natural. O poder dessa forma é gerado e se materializa em uma ampla rede de relações. Um conceito que pode ser apropriado para o entendimento de como as práticas do poder influenciaram no alcance do espaço público pelas mulheres, em foco por Amélia Beviláqua.

Um outro conceito é o de representação de Roger Chartier trabalhado na obra *História cultural: entre práticas e representações*. Neste, Chartier faz uma análise das leituras camponesas na França do século XVIII a fim de identificar a relação destas com os códigos culturais dos campos franceses. Ele percebe por intermédio dessa história da leitura “a representação das disposições culturais.”³² Identifica, por meio da análise dos livros possivelmente lidos, a representação de mundo daquelas comunidades. A mesma perspectiva foi seguida em relação a Amélia Beviláqua e suas produções: como representações de uma tessitura social. Elaborar-se, portanto, um trabalho de História das Mulheres em uma perspectiva sociocultural, levando em consideração que tais pressupostos são indissociáveis.³³

As obras de Amélia Beviláqua foram analisadas a fim de observar questões como educação feminina, infância e casamento que por sua vez já incorpora a temática das relações familiares, amor, transgressões, dentre outros, partindo do conceito de representação

³⁰ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

³¹ FOUCAULT, 1979.

³² CHARTIER, 1985, p. 150.

³³ PROST, Antonie. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Para uma história Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

trabalhado por Roger Chartier que possibilita estabelecer nexos entre as fontes literárias e a representatividade destas.

No que se refere às fontes de pesquisa faz-se uso de algumas biografias elaboradas sobre Clóvis Beviláqua. Trata-se das obras *Clóvis Beviláqua: sua vida, sua obra*³⁴, de Silvio Meira, *Clóvis Beviláqua na intimidade*³⁵, de Noeme Paes Barreto Brandão; *Clóvis Beviláqua*,³⁶ de Freitas Nobre e *Quatro escorços biográficos*, de Bugyja Britto³⁷. Por meio delas, encontramos aspectos relacionados à trajetória de Clóvis Beviláqua, mas também apreende-se a vida e a produção literária de Amélia Beviláqua. A fim de compreender seu lugar social e os passos de sua família, utiliza-se também o texto *Traços biográficos do Desembargador José Manoel de Freitas*³⁸ elaborado por Clóvis Beviláqua e publicado pela Tipografia Universal em Recife em 1888. Faz-se uso da biografia sobre José Manoel de Freitas apresentada por Clodoaldo Freitas em *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*³⁹, cuja primeira parte é dedicada à observação dos feitos de José Manoel de Freitas.

Para a elaboração da dissertação fez-se também uso de obras literárias escritas por Amélia. As obras *Angústia*⁴⁰, *Silhouettes*⁴¹ e *Jeannete*⁴² trazem a trajetória de personagens com valores e atitudes a partir dos quais se podem fazer leituras a respeito do Rio de Janeiro e do mundo das mulheres. Apresentam-se, portanto, como ricos elementos para entendimento da das múltiplas possibilidades de ser mulher.

Além disso, faz-se uso de fontes hemerográficas. Por meio dessas pode-se encontrar o mundo das mulheres, as conquistas advindas da escrita feminina e sobretudo as reações sociais a essas mudanças. Encontram-se também as andanças de Amélia Beviláqua. Artigos, entrevistas e imagens relacionados aos seus feitos foram publicados nas quatro primeiras décadas do século XX nos jornais *Gazeta de Notícias*⁴³, *Jornal do Comércio*⁴⁴, *Diário de Notícias*⁴⁵, *Correio da Manhã*⁴⁶, *Jornal do Brasil*⁴⁷, *Revista Fon Fon*⁴⁸, que foram

³⁴ MEIRA, Silvio. *Clóvis Beviláqua: sua vida, sua obra*. Fortaleza: EUFC, 1990.

³⁵ BRANDÃO, Noemia Paes Barreto. *Clóvis Beviláqua na intimidade*. São Paulo: Editorama, 2008.

³⁶ NOBRE, Freitas. *Clóvis Beviláqua*. São Paulo: Edições melhoramentos, 1954.

³⁷ BRITTO, Bugyja. *Quatro escorços biográficos*. Rio de Janeiro: Folha carioca, 1978.

³⁸ BEVILÁQUA, Clóvis. *Traços Biográficos do Desembargador José Manoel de Freitas*. Recife: Tipografia Tradicional, 1888.

³⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. Teresina: EDUFPI, 1997.

⁴⁰ BEVILÁQUA, 1913.

⁴¹ BEVILÁQUA, Amélia. *Silhouettes*. Recife: T.Garnier, 1906.

⁴² BEVILÁQUA, 1928.

⁴³ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro : Typografia da Gazeta de Notícias. maio, jun, jul, 1930.

⁴⁴ JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Comércio, 1906-1936.

⁴⁵ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Typografia Universal, 1930-1946.

⁴⁶ CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: Typografia Universal, 1930.

⁴⁷ JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro: Typografia Universal, 1930.

fundamentais para realização da análise aqui proposta. A revista *O Malho*⁴⁹ também se constitui como elemento fundamental para a investigação. Em muitas das edições dessa revista, que trazia discussões e polêmicas, pode-se observar as marcas das mulheres que ousavam se constituir como criadoras. Um exemplo foi o concurso promovido pela revista seis anos após Amélia Beviláqua ter tido sua candidatura recusada com argumentos misóginos. Tal concurso evidenciou a emergência de um novo tempo, de novos homens. Além disso, possibilitou observar uma multidão de nomes femininos que se distanciavam do enclausuramento que marcou o século anterior.

Utilizam-se também matérias do *Jornal das Moças* e do jornal *A Família* a fim de compreender a expansão da imprensa feminina a partir do século XIX no Brasil, percebendo como ora essa imprensa reforçava estereótipos, ora cooperava no sentido de elevar a mulher à habitação de novos espaços. Amélia também atuou na imprensa feminina a partir de 1902 quando nasce a Revista *O Lírio*, espaço no qual ela exerce a função de redatora-chefe. Sua atuação n’*O Lírio*, portanto, também é observada com o intuito de encontrar uma Amélia que aos poucos ganhava experiência no universo das publicações.⁵⁰

Além disso, faz-se uso de textos de fragmentos do *Almanaque da Editora Garnier*⁵¹ dos anos 1906, 1910 e 1911, além de textos de conferências como o que foi publicado na revista *Literatura e Direito*, intitulado Instrução e Educação na infância. Cartas de Clóvis à esposa Amélia também foram utilizadas como corpo documental a fim de observar as formas de namoro do século XIX.

A vida e a obra de Amélia Beviláqua propiciam estabelecer nexos entre os lugares da história aqui já mencionados, permitindo perceber todo um contexto de definição de papéis e espaços sociais entre os séculos XIX e XX. Suas produções revelam uma inquietude para com o lugar ocupado pela mulher num espaço norteado pela dominação do patriarcalismo que mesmo em decadência ainda regia os moldes familiares e relacionais no contexto em questão. Perceber tais aspectos por meio de fontes literárias justifica-se pelo fato de estas serem constituídas pelas marcas do seu tempo.

⁴⁸ REVISTA FON FON. Rio de Janeiro: Tipografia da revista Fon Fon, 1906-1930.

⁴⁹ REVISTA O MALHO. Rio de Janeiro: O Malho AS, 1930-1937.

⁵⁰ Sobre o universo de publicações femininas cooperam as obras de Maria Thereza Caiuby Crescente Bernardes e Dulcília Helena Schroeder Buitoni. Cf.: BUITONI, Dulcília. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1981. BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro - Século XIX. São Paulo: TA Queiroz, 1988.

⁵¹ ALMANAQUE DA GARNIER. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1906, 1910 e 1911.

Dessa forma, a dissertação estrutura-se em três capítulos. O primeiro, intitulado *Amélia Carolina de Freitas Beviláqua: viver e escrever*, elucida aspectos biográficos de Amélia, sua relação com Clóvis Beviláqua e sua inserção no universo das publicações a partir da revista *O Lírio* em 1902. Faz-se um balanço da trajetória intelectual de Amélia e discorre-se a respeito dos espaços que se constituíram como pano de fundo de sua produção escriturística. Além disso, o capítulo investiga como Amélia consome estes espaços e de que forma ela se insere no universo da cultura letrada do país.

O segundo capítulo, intitulado *Ser mulher, ser escritora*, disserta a respeito das condições de ser mulher escritora no Brasil nas primeiras décadas do século XX, relacionando tal condição às experiências de Amélia Beviláqua. Observa-se multiplicação de mulheres escritoras como um fenômeno a fim de localizar a literata Amélia Beviláqua, como mulher cuja trajetória relaciona-se às experiências mais gerais de seu tempo. Abordam-se as dificuldades vivenciadas pelas mulheres em adentrar no mundo das produções culturais bem como a ousadia destas em romper paradigmas impostos ao seu gênero. Assim o capítulo investiga o anseio feminino de dar vazão às reflexões sobre os lugares sociais que a mulher deveria ocupar e discorre sobre a importância de suas penas no que tange à redefinição dos papéis de gênero. Verifica-se em que medida o lugar de fala da mulher escritora corrobora no sentido de construir novos padrões que fugissem do ideal prescrito para o gênero feminino, e como a escrita de Amélia coopera no sentido de derrubar os pressupostos que limitavam suas práticas.

O terceiro capítulo, com o título *Amélia Carolina de Freitas Beviláqua e a Academia Brasileira de Letras*, apresenta a polêmica entre Amélia Beviláqua e a Academia Brasileira de Letras, claro exemplo de como as relações de poder entre os gêneros se estabeleciam inclusive no mundo da escrita, mostrando a relação desse acontecimento com a ideia da mulher que força sua entrada no mundo escriturístico, bem como o que esse episódio revela sobre os lugares ocupados pela mulher naquele contexto. Apresenta-se também um balanço da repercussão gerada pela tentativa de Amélia inserir-se na Casa dos Imortais das Letras que a levou a publicar a obra *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Percebe-se como os deslocamentos de fronteiras advindos das lutas femininas em diversas frentes proporcionaram uma espécie de abertura à entrada da mulher em âmbitos antes pertencentes exclusivamente aos homens.

2 AMÉLIA CAROLINA DE FREITAS BEVILÁQUA: VIVER E ESCREVER

Este capítulo elucida aspectos biográficos de Amélia Beviláqua, sua relação com Clóvis Beviláqua e sua inserção no universo das publicações a partir da revista *O Lírio* em 1902. Faz-se um balanço da trajetória intelectual de Amélia e discorre-se a respeito dos espaços que se constituíram como pano de fundo de sua produção escriturística. Além disso, o capítulo investiga como Amélia consome estes espaços e de que forma ela se insere no universo da cultura letrada do país. Para realização deste feito, faz-se antes um balanço dos trajetos de Amélia Carolina de Freitas Beviláqua antes de sua chegada à capital federal.

2.1 Em tempos de outrora: primeiros passos de Amélia de Freitas

Nas palavras de Mary Del Priore, a biografia se constituiu como uma das primeiras formas de fazer história. No entanto, na primeira metade do século XX, esse gênero passou a ser visto como “velhusco, convencional e ultrapassado”, pois as abordagens históricas passaram a ter caráter quantitativo e economicista. A explicação para a escolha dessas abordagens efetiva-se pela busca em dar um novo tom às escritas historiográficas. Uma escrita que deveria fugir do modelo do século XIX que associava os feitos históricos a personagens heróicos numa perspectiva individualista que desconsiderava os processos em torno dos fatos.

No entanto, um movimento em prol da valorização do micro começou a se estabelecer. A respeito disso, grandes historiadores passaram a destacar como por meio das vivências de um indivíduo é possível visualizar as teias de uma sociedade, tendo em vista que os homens são filhos de um tempo e lugar de onde falam, constroem significados e são por estes elaborados. Os homens carregam em si as vozes do seu tempo.

De acordo com Mary del Priore:

A reabilitação da biografia histórica integrou as aquisições da história social e cultural, oferecendo aos diferentes atores históricos uma importância diferenciada, distinta, individual. Mas não se tratava mais de fazer, simplesmente, a história dos grandes nomes, em formato hagiográfico – quase uma vida de santo –, sem problemas, nem máculas. Mas de examinar os atores (ou o ator) célebres ou não, como testemunhas, como reflexos, como reveladores de uma época. A biografia não era mais a de um indivíduo isolado, mas, a história de uma época vista através de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Ele ou eles não eram mais apresentados como heróis, na encruzilhada de fatos, mas como uma espécie de receptáculo de correntes de pensamento e de movimentos que a narrativa de suas vidas

torna mais palpáveis, deixando mais tangível à significação histórica geral de uma vida individual.⁵²

Assim, olhando para os primeiros passos de Amélia Carolina de Freitas, busca-se compreender os elementos que propiciaram sua ascensão de mulher letrada.

A história da família que seria o berço para o nascimento de Amélia inicia-se por volta do século XVIII quando o pernambucano Manoel de Albuquerque Melo chega à cidade de Icó no Ceará. Na cidade casou-se com Eufrázia da Cruz Neves, que lhe gerou um filho homem, que recebeu o nome de José e sete filhas. Ao se tornar homem adotou o apelido de Freitas Fragoso de um padrinho. Ainda jovem, abandona terra e família e se propõe a morar ora no Piauí, ora no Maranhão. Durante muito tempo, morou na cidade de Jerumenha onde exerceu a função de escrivão até 1834.

De seu casamento com Luiza Maria de Souza nasceram-lhe vários filhos e filhas: Antonio Manoel de Freitas Fragoso, Gonçalo Manoel de Freitas, Joaquim de Freitas Fragoso, Francisco de Freitas Fragoso e Rosa de Freitas. Por sua vez, o jovem Gonçalo Manoel de Freitas, tendo casado com D. Ana Maria de Souza, cujas memórias redigidas a seu respeito a definem como uma mulher bondosa, serviçal e caridosa, teve os seguintes filhos: José Manoel de Freitas, que seria pai de Amélia, Jesuíno José de Freitas, Francisco Emídio de Freitas e D. Lucialdina Maria de Freitas.⁵³

O pai de Amélia, José Manoel de Freitas foi um dos personagens da cultura letrada brasileira do século XIX. Finalizados os primeiros anos da infância e tendo concluído os estudos de instrução primária, foi enviado para Oeiras a fim de frequentar as aulas públicas que ali eram ministradas. Logo iniciou o estudo do latim e do francês tornando-se um poliglota ainda jovem. No entanto, seu anseio pelos estudos não se findou ali. Almejando continuar seus estudos, dirigiu-se à vila de Cajazeiras, na Paraíba, onde se matriculou no Colégio do Padre Inácio de Souza Rolim.⁵⁴ Em 1854, matriculou-se na Academia de Direito

⁵² PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. *Revista Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16.

⁵³ FREITAS, Clodoaldo. José Manoel de Macedo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p.155-53.

⁵⁴ Inácio de Sousa Rolim, nasceu em Cajazeiras em 22 de agosto de 1800 e morreu na mesma cidade em 16 de setembro de 1899. Foi um sacerdote católico e educador brasileiro. Ingressou no Seminário de Olinda em 3 de setembro de 1822. Em 1829, Padre Rolim dava início às atividades da escolinha da Serraria (local onde se serrava a madeira usada nas construções das casas), uma casa pequena que abrigava meia dúzia de estudantes - embrião do colégio - que, malgrado a modéstia de suas instalações, ia crescendo em número de alunos dado o alto nível do ensino que habilitava seus discípulos a ingressarem no curso superior. A precariedade das instalações da escolinha não era uma

de Olinda. Nesse lugar, de acordo com os apontamentos biográficos elaborados por Clodoaldo Freitas:

Seu tirocínio acadêmico não foi desperdiçado em sucias com rapazio, tampouco em futilidades infrutíferas. Sempre diligente e zeloso no cumprimento de seus deveres escolares acompanhava com inteligente assiduidade as preleções dos mestres, cultivando, desde logo, esta complicada jurisprudência pátria, de que ele mais tarde havia de constituir-se um dos mais abalizados conhecedores.⁵⁵

Desde muito cedo, portanto, fora introduzido no universo das letras, mais precisamente das humanidades e mesmo sem recursos recebeu a láurea de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 29 de novembro de 1858, fazendo, portanto, parte de um seletto grupo.⁵⁶Sua relevância política era notória e por tal razão ocupou diversos cargos políticos⁵⁷ em províncias da nação, começando como promotor de Caxias a convite do Marquês de Paranaguá, presidente da província maranhense. Envolveu-se também com órgãos jornalísticos,⁵⁸ participando ativamente na redação d'*O Propagador*⁵⁹ e da *Imprensa*

preocupação para o Padre Rolim cujo único desejo era transmitir alguns conhecimentos a seus parentes e a outros jovens que por eles se interessassem. Só em 1836, quando se apercebeu da repercussão que sua obra ia alcançando em todo sertão nordestino, é que se dispôs a transferi-la, para um prédio de alvenaria que, embora de pequenas proporções, melhor se adaptava às atividades a que se destinava. O prédio ia aumentando com a matrícula de novos alunos, como relata o historiador Celso Mariz: A sua casa de ensino se fazia à proporção que chegavam os novos discípulos. Cada aluno esperava por seu teto, embora já encontrasse o seu livro ." Tal como ocorreu com a escolinha da Serraria, as aulas do Padre Rolim, em Cajazeiras, continuaram uma procura que excedia as condições físicas de suas instalações. Em 1843, a atividade do padre Rolim já repercutia em quase toda região sertaneja e nas províncias de Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, levando-o a transformar seu estabelecimento de ensino em colégio de instrução secundária. Era o primeiro colégio da Paraíba. Tal fato levou ao tribuno Alcides Carneiro a cognominar Cajazeiras de "a cidade que ensinou a Paraíba a ler. Dentre seus discípulos encontra-se José Manoel de Freitas." Cf.: GOMES, Eunice Simões Lins. Padre Inácio de Sousa Rolim: o educador/sacerdote e as estruturas de sensibilidade. *Revista Religare*. v.10, p. 109-120, set. 2013.

⁵⁵ FREITAS, 1998, p. 18.

⁵⁶ BEVILÁQUA, Clóvis. *Traços biográficos do Desembargador José Manoel de Freitas*. Recife: Tipografia Universal, 1888.

⁵⁷ Nas palavras de Bugyja Britto, José Manoel de Freitas foi um bom latinista, juiz probo, cidadão ímpoluto, de trato democrático, exerceu os seguintes cargos após a sua formatura: Juiz Municipal de Parnaguá, Chefe de Polícia com a acumulação de juiz de Teresina como mandava a Lei, Juiz de Direito de Piracuruca (PI), de Macau (RN), e das cidades maranhenses de Rosário, Caxias e São Luís, vice-presidente da província do Piauí em mais de um mandato, Secretário do Governo (interino) do Piauí e Deputado-Geral, presidente em caráter efetivo das Províncias do Maranhão e de Pernambuco. Sempre que o Partido liberal necessitava de combatentes, José Manoel de Freitas tornava-se uma figura de referência, contribuindo com artigos, sueltos e notas divulgadas nos jornais. Por fim foi Juiz do Civil e dos Feitos da Fazenda no Recife, cargo que ocupava em novembro de 1887, quando veio a falecer. Cf.: BRITTO, Bugyja. *Quatro escorços biográficos*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora Ltda, 1978, p. 58.

⁵⁸ Sua faina jornalística nesse momento durou pouco, pois logo foi eleito juiz municipal de Parnaguá. Anos depois ele retornaria para o cenário da imprensa. Cf.: FREITAS, 1998, p. 30.

Caxiense. A passagem por aqueles órgãos durou pouco, tendo em vista que ainda em 1859 foi escolhido para o exercício do cargo de Juiz municipal de Parnaguá.⁶⁰

Em 15 de outubro de 1859, casou-se com D. Tereza Carolina de Freitas, filha do major Matias Luiz da Silva e D. Josefa Pereira da Silva. De acordo com a memória elaborada por Clóvis Beviláqua, “mais terna esposa, companheira mais solícita não poderá ter encontrado”⁶¹. Nesse ponto, a memória elaborada por Clóvis Beviláqua sobre José Manoel de Freitas e a esposa expressa seu posicionamento sobre a relação conjugal e o lugar de equidade a ser ocupado dentro do casamento. Em se tratando do senhor e senhora Freitas, Clóvis Beviláqua destaca que “suas duas almas se consubstanciaram n’uma só desde logo não tiveram mais pensar nem querer que não fosse comum”⁶²

A partir dessa união, nasceu em agosto de 1860, na Fazenda Formosa⁶³, Amélia Carolina de Freitas. Naquele cenário, porém, ela ficou por pouquíssimo tempo, tendo em vista que o pai sempre ocupava cargos em locais diferentes e deslocava-se a fim de exercer tais papéis. Com apenas quarenta dias de nascida, Amélia foi levada com a família para o município de Parnaguá. De acordo com Silvio Meira, foi no meio rural que a família de Amélia habituou-se a viver: foi nesse meio rural, simples e aconchegante, de vida amena e bucólica que veio ao mundo a futura mulher de Clóvis Beviláqua. Com poucos dias de nascida “foi levada pela estrada a fora, em caçuá, ajustada a cangalha de um cavalo de carga, com direção a Parnaguá onde seu pai iria assumir o cargo de Juiz de Direito”.⁶⁴

Sem oportunidades para atuar no meio político, tendo em vista que o município se constituía em sua concepção como “aldeota segregada do convívio da civilização”⁶⁵, poucos meses depois, José Manoel de Freitas retornou com a família para Teresina, no ano de 1861, onde passou a participar ativamente dos movimentos políticos “conseguindo fazer, com seus

⁵⁹ O jornal político *O Propagador*, lançado em 1858, se constituiu como um órgão de conciliação e tinha o objetivo de promover a boa convivência entre os partidos em prol do desenvolvimento da província do Piauí. Possuía feição genuinamente liberal e foi comandado durante alguns meses por Deolindo Moura e José Manuel de Freitas. Cf.: FREITAS, 1988, p.30.

⁶⁰ FREITAS, 1998, p.30.

⁶¹ BEVILÁQUA, 1888, p.20.

⁶² BEVILÁQUA, 1888, p.20.

⁶³ A Fazenda Formosa que estava localizada em Jerumenha, interior piauiense, de acordo com o próprio José Manoel de Freitas “era uma situação lindíssima, no alto de uma colina e rodeada de laranjeiras e coqueiros onde a vista descortina largos horizontes e o observador se sente arrebatado de alegria”. Cf.: FREITAS *apud* BEVILÁQUA, C., 1888, p.22-23.

⁶⁴ MEIRA, Silvio. *Clóvis Beviláqua: sua vida, sua obra*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1990.

⁶⁵ FREITAS *apud* BEVILÁQUA, 1888, p.20.

amigos considerável maioria na Assembleia.”⁶⁶ A partir desse ano, o pai de Amélia exerceu o cargo de delegado, função que perdurou até 1864 quando foi nomeado juiz de Piracuruca.

Os anos seguintes de sua trajetória foram marcados por disputas configuradas no interior do Partido Liberal, do qual era um dos principais representantes, contra o Partido Conservador. Foram anos marcados também pelo afastamento da família em ocasiões nas quais precisava se ausentar para o exercício de funções em comarcas pequenas. Na década de 1870, mudou-se para o Maranhão, a fim de concorrer para o processo eleitoral do cargo de deputado provincial, vencido por ele e exercido por ele. Foi durante aquela década de 1870 que Amélia iniciou e concluiu seus estudos no Maranhão.

São Luís nesse contexto começava a vivenciar um processo de valorização da educação feminina⁶⁷ o que influenciou o processo de instrução de Amélia Beviláqua.

Muito contribuíram para sua constituição enquanto intelectual, as aulas com professores particulares que iam a sua residência, onde ela aprendeu português, francês e inglês, o que não a conformou. É o que pode se perceber no livro de memórias *Jornadas pela infância*⁶⁸. Nessa obra, fruto de memória e fantasia, uma representação de como constituía-se a infância da mulher no século XIX. A relação da menina com a família, a reconfiguração dessa relação, o cotidiano no sistema escravagista dentre outros aspectos podem ser observados nessas memórias que se constituem como fonte para análise histórica perpassada pelas marcas do tempo narrado e vivido.

A literata registra que, quando menina, era o enlevo dos pais, dando o tom desse redirecionamento de olhar para com a menina. Reconstruindo e apresentando os enlaces de suas vivências, Amélia Beviláqua apresenta-se como uma menina curiosa que costumava observar tudo ao seu redor, registrando seus medos, sonhos e impressões sobre o mundo, cedendo à história um interessante lugar de observação, tendo em vista a já destacada escassez de registros relacionados à infância feminina. Na obra, ela registra, entretanto, seu descontentamento com a educação diferenciada que os irmãos rapazes receberam “na arte do latim”. Nesse ponto, a intelectual reafirma seu posicionamento crítico em relação ao lugar ainda conferido à mulher. Tais experiências contribuíram no sentido de treinar seu olhar para perceber questões relativas ao universo feminino.

⁶⁶ BEVILÁQUA, 1888, p.22.

⁶⁷ ABRANTES, Elisabeth Souza. *O dote é a moça educada: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República*. São Luís, EDUEMA, 2012.

⁶⁸ BEVILÁQUA, Amélia. *Jornadas pela infância: memórias*. Rio de Janeiro: J. Borsoi, 1940

Na década de 1880, João Alfredo de Freitas⁶⁹ passa a estudar na Faculdade de Direito de Recife, tornando-se amigo de Clóvis Beviláqua. Por meio dessa amizade, Clóvis Beviláqua aproxima-se da família de Amélia, inclusive do pai, pois, de acordo com Bugyja Britto⁷⁰, entre 1881 e 1882, José Manoel de Freitas e Clóvis tornaram-se amigos, o que levou o rapaz a frequentar casa do futuro sogro durante o período das férias.

Clóvis Beviláqua nasceu, na cidade de Viçosa, “meio geográfico e social, de singulares características que começava a formar o caráter e o espírito do garoto”,⁷¹ filho do vigário José Beviláqua⁷² e D. Martiniana de Jesus⁷³, e desde cedo começara a se envolver com o universo letrado.

A casa de José Manoel de Freitas que por algumas oportunidades passou a ser visitada por Clóvis se constituía como refúgio que congregava muitos intelectuais onde havia:

Mesa farta, regada a vinho português e a outras bebidas e comidas importadas da Europa, conciliava-se com as gentilezas dos anfitriões; discussões cordiais dos assuntos palpitantes do dia ou de interpretações de textos literários e filosóficos transformam o ambiente em serões agradáveis. D. Teresinha com aquela afabilidade sertaneja, aprazia-se em ternuras para com os filhos e os amigos destes, e o Dr. Freitas, irradiando sorrisos acolhedores e palavras incentivadoras de amizade aos que frequentavam a

⁶⁹ João Alfredo de Freitas nasceu em 1862. De acordo com Bugyja Brito, era um homem de inteligência luminosa, pois se tornou matemático, prosador, jornalista, advogado, professor e dado aos estudos de Entomologia. Terminou o curso jurídico, em Recife no ano de 1884. Foi promotor público e Juiz em Barão de São Francisco (MA), secretário de Segurança Pública (Chefe de Polícia) do Rio Grande do Norte, advogado em Teresina e na capital pernambucana. Publicou livros como *Contentos* (1883) e *Lendas e superstições do Norte do Brasil* (1884). Com Clóvis Beviláqua e Martins Júnior traduziu do Francês para o português *Jesus e os Evangelhos*, de Jules Soury (1885). Sua irmã Amélia, a quem tinha doce afeição, foi sua companheira de folguedos e de estudos, em casa, o pai foi mestre querido de ambos no ensino das primeiras letras. Sua vida findou-se em 1892 em decorrência de uma tuberculose. Cf.: BRITTO, 1978, p. 53.

⁷⁰ Antônio Bugyja de Sousa Britto nasceu em Oeiras, em 1907. Bacharel em direito pela Universidade do Rio de Janeiro, onde foi jornalista e juiz de direito. Colaborou em vários jornais cariocas, tendo publicado no Rio de Janeiro os livros *Miridan* (1960), e *Zabelê* (1962), e *O Piauí na unidade nacional* (1976). Cf.: SOUZA, Paulo Gutemberg De Carvalho. *História e identidade: as narrativas da piauiensidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2008. p.168.

⁷¹ NOBRE, Freitas. *Clóvis Beviláqua*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954, p. 29.

⁷² José Beviláqua nasceu em Fortaleza em 05 de setembro de 1818. Era filho do italiano Angelo Beviláqua e Lenita de Oliveira Beviláqua. Demonstra vocação para a carreira eclesiástica desde muito cedo, sendo nomeado vigário encomendado de Viçosa, Ceará, no ano de 1843. Por volta de 1855, conhece Martiniana Maria de Jesus com quem inicia uma organização familiar reconhecida por toda a cidade. Faleceu em 25 de agosto de 1905. Cf.: NOBRE, 1954, p.16.

⁷³ Martiniana Maria de Jesus nasceu em 1843. Era filha de José Aires da Rocha e Maria da Costa Ferreira. Casou-se em primeiras núpcias com Antonio Severiano da Silveira, mas abandonada pelo esposo passou a relacionar-se com José Beviláqua. Foi mãe de Angelino Beviláqua, Clóvis Beviláqua, Edeltrudes Beviláqua, Euclides Beviláqua e Clotilde Beviláqua. Faleceu em junho de 1879. Cf.: NOBRE, 1954, p.18.

sua casa para palestras e refeições, principalmente dos jantares aos domingos[...], mantinha-se sempre afável e cordial.⁷⁴

O romance de Amélia com Clóvis iniciou-se a partir da aproximação do bacharel com a família Freitas. A aproximação acabou por envolvê-la sentimentalmente com o rapaz que se tornaria seu esposo. Nesse meio contribuiu, conforme ressalta Miridan Knox Falci, um episódio em que Amélia foi salva de um afogamento enquanto deliciava-se no banho com suas irmãs e amigas.⁷⁵

Outra versão, apresentada por Bugyja Britto, afirma que o pai fora o responsável pela escolha da noiva. Segundo Bugyja Britto, isso aconteceu, pois o pai percebia que “Clóvis Beviláqua, era um talento que se vinha impondo brilhantemente nas rodas literárias e a Amélia vinha demonstrando pendores artísticos, seria espiritualmente o complemento de um lar intelectualmente sólido.”⁷⁶

Em meio a tais versões, o que se revela como uníssono nas fontes diz respeito à inclinação da moça ao mundo da cultura letrada, pois, no contexto que antecede seu casamento, Amélia já mostrava ser uma jovem inteligente, dada à literatura. Ainda estudante, redigiu um pequeno jornal manuscrito⁷⁷ que distribuía entre amigos e familiares que visitavam seu lar.

Essa inclinação literária teve apoio de Clóvis. Um relacionamento que, embora possa ter nascido da escolha de José Manoel de Freitas, foi marcado por sentimentalismo. As cartas trocadas entre Clóvis e Amélia no período são reveladoras destes aspectos. Tais cartas,

⁷⁴ BRITTO, 1978, p.64.

⁷⁵ Conforme apresenta a memória de Silvio Meira, o amor de Clóvis por Amélia começara em um quase afogamento. Segundo Meira, àquele tempo era natural as moças banharem-se nos límpidos rios, de águas claras ou nos olheiros borbulhantes e cristalinos. Amélia se afogava e se debatia às portas da morte quando Clóvis, resoluto, lança-se ao rio e arrasta-a até a margem. Deslumbrou-se com aquele corpo jovem e vigoroso. Também não se usavam biquínis nem maiôs. As moças ou se banhavam vestidas de longa camisola branca, que, molhada e fina, colava no corpo, revelando-lhe as formas, ou totalmente desnudas. Em geral os banhos se realizavam em locais resguardados por muitas árvores, sem o perigo dos olhares furtivos dos curiosos eventuais. De acordo com ele, a versão confirmada por Clóvis e Amélia foi publicada por Hildon Rocha em obra intitulada *Memória indiscreta*, onde afirma: Dona Amélia caiu como sereia se afogando nas mãos do futuro mestre do Direito Civil e do Código Civil. Estava com outras moças tomando banho, circundado de árvores densas que separavam o banheiro público das moças do outro próximo, o dos rapazes. De repente, as moças começaram a gritar, pedindo socorro. Uma delas estava morrendo afogada. E entre os rapazes, o mais discreto e o mais tímido colocou a solidariedade além das conveniências. E se atirou, nadando para o banheiro das moças, arrastando Amélia pelos cabelos. De sereia arrancada das águas onde se perdia passara a namorada, depois noiva e companheira para toda a vida do afoito rapaz que a salvara da morte por amor. Cf.: MEIRA, 1990, p. 81-82.

⁷⁶BRITTO, 1978,p.55.

⁷⁷ A fonte consultada não registra o nome do jornal nem o período em que o mesmo circulou. Cf.: BRITO, 1978, p.55.

escritas entre maio de 1882 e agosto de 1891, estão organizadas na obra *De Clóvis para Amélia*, de José Luís Lira⁷⁸.

A partir delas, pode-se apreender que os namoros eram permeados por trocas de palavras afetuosas, elogios e presentes. Mesmo a distância, rotineiramente os namorados mantinham contato através das correspondências. Observa-se nas cartas que o afeto concretizava-se por meio da troca de textos. É o que revela a carta de 18 de maio de 1882, escrita por Clóvis em Recife:

Fico satisfeito porque você me diz que gostou muito daquela fantasia em francês que lhe enviei. Ainda mais mereci, quero dizer, mereceu a minha historietta a honra de ser contemplada em seu mimoso livrinho de lembranças, para ali foi trasladada por sua própria mão. Agradeço-lho por mim e pela terna *Lalie*, que comigo não esperava tamanha distinção.⁷⁹

Nas correspondências, Clóvis e Amélia aproveitavam para comentar poemas e romances por eles lidos, ou mesmo para trocar ideias para a construção de seus textos. Na carta supracitada, Clóvis pede que Amélia avalie criticamente o texto por ele escrito, ciente de que sua futura esposa era “dada a intelectualidade”.⁸⁰

As cartas eram espaço para consagração de amabilidade, como na carta de 24 de junho de 1882 em que o namorado declara sua confiança à amada, comparando a extensão de sua afeição. Enfatizando o sentimento conferido à amada, ele registra:

Sinto-me possuído de uma satisfação transbordante por lhe estar agora aqui dizendo todas essas cousas, por estar rasgando diante de seus olhos as nuvens que me velavam o coração; orgulho-me por lhe mostrar toda a força e vastidão da amizade desinteressada e pura que lhe tenho. Nada almejo mais do que isto - que você corresponda plenamente ao meu afeto. Porém nisto eu sou mais difícil de entender, já lh’o disse uma vez e de novo o digo agora. Desejo para mim uma afeição sem limites, absorvente, sem desfalecimento, absoluta, a que não seja possível nada mais acrescentar e que tenha a firmeza inabalável das consciências retas.⁸¹

⁷⁸ A obra se constitui como uma reunião de correspondências trocadas entre Clóvis e Amélia de 1882 e 1891. As cartas foram cedidas por Cecília Beviláqua em setembro de 2011. De acordo com José Luís Lira, sua publicação revela o lado desconhecido do autor do Código Civil, cuja vida privada esteve norteadada pelo amor a uma única mulher desde sua “juventude”. A maioria das cartas são da época em que eles ainda namoravam, devido às datas marcadas entre maio e dezembro de 1882; outras foram escritas em variados tempos até 1891. Uma carta que não possui data é usada para fechar o livro. Na obra, são apresentadas biografias de Clóvis e de Amélia, curiosidades do casal, fotos das cartas e uma iconografia do casal. Cf.: LIRA, 2011.p.10.

⁷⁹ BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta] 18 de maio de 1882, Recife [para] BEVILÁQUA, Amélia. São Luís. Correspondência da época do namoro. In: LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia*. Sobral: UVA/ASEL, 2011.p.46-61.

⁸⁰ BRITTO, 1978.

⁸¹ BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta] 24 de junho de 1882, Recife [para] BEVILÁQUA, Amélia. São Luís. Correspondência da época do namoro. In: LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia*. Sobral: UVA/ASEL, 2011.p.66-101.

Nessa carta, vê-se por meio da figura de Clóvis, o nascimento de uma nova forma de vivenciar a masculinidade. Ele busca compreender o afeto da amada com o intuito de ter ciência da inclinação que lhe era direcionada. Neste ponto, infere-se⁸² que, como se tratava dos primeiros meses do romance, Amélia não havia se declarado ao amado, pois a mulher em geral ainda estava sob o olhar atento daqueles que podavam suas ações. Demonstrar claramente sentimentos era percebido como perigoso, pois colocava em risco a honra da mulher, como adverte Mary del Priore: “todo um dispositivo de controle se colocava, então, em funcionamento a fim de preservar a reputação e a honra da moça.”⁸³

Clóvis, porém, cobra de sua amada clareza de seus sentimentos:

Creio e espero que você me amará assim. Enganar-me-ei? Tenho certeza, tanto quanto é humanamente possível que não. Tenho para mim que se você não me amar ainda assim, um dia virá em que chegará a amar-me. Neste caso uma desilusão para mim seria coisa terrível. Preferia uma declaração sincera de não compromisso. Foi por esse motivo que na primeira carta que lhe dirigi, ainda nos Milagres(lembra-se”, lhe roguei que pensasse maduramente se me podia amar com extremo que eu pedia antes de declará-lo formalmente. Confiava na lealdade de sua alma sincera e virgem, nos seus sentimentos nobres. Hoje a confiança que tenho em você só é igual à afeição que lhe consagro.⁸⁴

No entanto, com o amadurecimento do relacionamento, por meio das cartas de Clóvis verificam-se elementos de uma mudança de comportamento de Amélia, que aos poucos abre o coração. O relacionamento, portanto, esteve marcado pelo afeto mútuo em época em que a valorização dos atributos do coração dava seus primeiros passos como postula Mary del Priore.⁸⁵ Vendo-se por períodos limitados durante o namoro, as cartas se constituíram como meio de aproximação.

As correspondências eram espaço também para resolver questões do relacionamento, a de junho de 1882, em que Amélia se queixa na pequena extensão das cartas que recebia, questionando a seu Clóvis se aquilo significaria um aborrecimento de sua parte. Como resposta, foi-lhe direcionada a afirmativa “aborrecer-me, eu! Mas, se atualmente eu não tenho outro prazer senão escrever-lhe e ler cartas suas! Não, não pense nisso; nunca mais lhe

⁸²De acordo com José Luís Lira, possivelmente as cartas escritas por Amélia foram por ela mesma queimadas e por essa razão não tivemos acesso. O recurso da imaginação histórica é utilizada, pautada nas bibliografias que estudam a temática.Cf.: LIRA, 2011, p. 13.

⁸³ PRIORE, Mary del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p.100.

⁸⁴BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta] 24 de junho de 1882, Recife [para] BEVILÁQUA, Amélia. São Luís.Correspondência da época do namoro. In: LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia*. Sobral: UVA/ASEL, 2011.p.66-101.

⁸⁵ PRIORE, 2006,p.103.

perpasse pela mente”⁸⁶ e continua reafirmando: “você sabe quanto é sincera a amizade que lhe tenho, portanto aquela sua frase não significava literalmente uma dúvida, não podia significar. Eu a compreendi de uma outra forma; tomei-a em tom de crítica e censura”.⁸⁷ Declarar a sinceridade da amizade reservada a Amélia era uma forma bem íntima de dizer para a amada a profundidade de sua devoção. Dessa forma, percebem-se em Clóvis e Amélia novas possibilidades de vivenciar o amor romântico que até pouco tempo era desconhecido. O namoro do casal, que começara em 1882, perpetuou-se também durante o ano seguinte, estando marcado por afeto mútuo, bem como apoio à produção escrita um do outro.

Nesse sentido, desfrutaram da afeição recíproca. Nas mensagens trocadas, parte eles dedicavam ao relacionamento romântico e outra para atualizações a respeito do cenário intelectual e de suas produções escritas. Era um lugar para debater ideias através das quais eles compartilhavam o cotidiano. Em 25 de julho de 1882, por exemplo, ele escreveu sobre seu pouco apego aos livros de direito, mas sua felicidade pela volta das aulas da Faculdade de Direito do Recife.

As cartas eram utilizadas também para discutir a importância de se reconfigurar o pensar a respeito da mulher, vista com desconfiança quando assumia papéis diferentes de mãe, esposa e dona do lar, pois, como adverte Mary del Priore se referindo à passagem do século XIX para o XX: “tudo indica que a avaliação dessas modernas criaturas não era das melhores. A desconfiança em relação à nova mulher era total”⁸⁸

Exemplo dessa preocupação foi uma carta escrita a Amélia em 04 de outubro de 1882. Na mencionada correspondência, a questão debatida é a ideia que definia que o homem representava “a força, a inteligência, a razão; que a mulher é a graça, a beleza, o sentimento”. Clóvis discorda da ideia discutindo que:

Se o mundo se aperfeiçoa no seu evoluir, os aperfeiçoamentos que ele realiza falam bem alto em prol da inferioridade masculina. A princípio, nos duros tempos da selvageria humana, a mulher suportava, em seus ombros frágeis, a parte mais pesada e difícil dos encargos da vida; com o correr dos tempos, ela teve energia suficiente para impor-se ao homem, forçando- a tratá-la como igual, arrancando dos mais sinceros o melhor volume de dedicação e

⁸⁶ BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta] 24 de junho de 1882, Recife [para] BEVILÁQUA, Amélia. São Luís. Correspondência da época do namoro. In: LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia*. Sobral: UVA/ASEL, 2011.p.66-101.

⁸⁷ BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta] 24 de junho de 1882, Recife [para] BEVILÁQUA, Amélia. São Luís. Correspondência da época do namoro. In: LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia*. Sobral: UVA/ASEL, 2011.p.66-101.

⁸⁸ PRIORE, 2006, p. 272.

mesmo um culto. Lembremo-nos de S.Mill⁸⁹, o grande filósofo inglês, que confessava publicamente dever à sua mulher a parte melhor dos seus trabalhos. Lembremo-nos de Aug. Comte com sua idolatria por Clotilde de Vaux, com sua religião da humanidade, que é uma deificação da mulher.⁹⁰

Assim, rememorando exemplos de intelectuais europeus, Clóvis respalda sua percepção e defende suas ideias. De acordo com ele, o homem leva mais tempo para descobrir ideias e pensamentos que de alguma forma contribuam para modificar a concepção de mundo. No entanto, para ele “a mulher sem se preocupar com tal, encontra as grandes ideias, por que, é bem verdade, vivem elas no coração.”⁹¹ Em meio a essas trocas de cobranças e avaliações, o sentimentalismo e estima predominavam:

Aquilo eu escrevi por causa da história dos *forget me not*, que você me contou. Se, pois tem algum mérito o que escrevi; ele reverte todo sobre o que inspirou, as suas flores, a sua carta e mais que tudo lembrança do que lhe podia ser agradável. Não é, portanto, o romancinho que eu lhe prometi, como você supôs. Sobre esse eu vou lhe contar uma história que é a causa do seu retardamento em seguir o destino que eu lhe havia dado. Escrevi em primeiro lugar sobre o assunto daquelas bonitas páginas que você mandou-me. Apenas estava mais ampliada a história que ocupava um numero de páginas mais ou menos igual ao de Angelina. [...] demais eu escrevo, como tenho sempre dito, para você e somente para você. É como se escrevesse para mim, o que quer dizer que tenho toda liberdade de escrever como me parece melhor, pouco me importando os defeitos que os outros lhe notem.⁹²

⁸⁹ Referência a John Stuart Mill, “filósofo inglês, um dos mais influentes pensadores do século XIX. É reconhecido como um dos maiores propagadores do empirismo e do utilitarismo. A filosofia de Stuart Mill representa o coroamento de toda uma linha do próprio pensamento britânico, iniciado por Francis Bacon. O seu principal objetivo consistiu em renovar a lógica, tida como acabada e perfeita desde a construção aristotélica. Stuart Mill aproveitou-se das ideias de John Herschel e William Whewell sobre a teoria da indução, além da grande influência que sofreu com a leitura dos primeiros volumes do Curso de Filosofia Positiva, de Augusto Comte. Antimetafísico, Stuart Mill faz da indução o método científico por excelência, atendo-se aos fatos. O filósofo parte da experiência como base de todo conhecimento, quer nas ciências físicas, nas sociais ou mesmo na matemática. Stuart Mill nasceu em Pentónville, no subúrbio de Londres, Inglaterra, no dia 20 de maio de 1806 e faleceu em Avignon, França em 1873.” Cf.: *John Stuart Mill*. In: *Infopédia*. Porto: Porto Editora, 2017. Acesso em: 02 de julho de 2017. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/john-stuart-mill>.

⁹⁰ BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta]. 04 de out. de 1882, Recife [para] BEVILÁQUA, Amélia. São Luís. Correspondência da época do namoro. In: LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia*. Sobral: UVA/ASEL, 2011. p.166-177.

⁹¹ BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta]. 04 de out. de 1882, Recife [para] BEVILÁQUA, Amélia. São Luís. Correspondência da época do namoro. In: LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia*. Sobral: UVA/ASEL, 2011. p.166-177.

⁹² BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta]. 04 de out. de 1882, Recife [para] BEVILÁQUA, Amélia. São Luís. Correspondência da época do namoro. In: LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia*. Sobral: UVA/ASEL, 2011. p.166-177.

Assim valorizando sua inclinação literária Amélia, Clóvis Beviláqua possibilita a reflexão a respeito da relação entre mulheres e escrita. Até então, esta inclinação de Amélia era reconhecida apenas em meio a sua família e amigos mais próximos. Clóvis também a reconhecera. Na época, ele era acadêmico no Recife, sempre escolhido para as solenidades, pois seu espírito liberal refletia um pensamento de revolucionário insatisfeito.⁹³ Dessa forma, participou ativamente do movimento de renovação espiritual e de orientação filosófico-jurídica da Escola de Recife.

Em sua constituição como escritora, ela não contou apenas com os professores e colegas de curso, pois Amélia, aos 22 anos, a partir do contato com o mundo das leituras, que anos depois apareceriam em suas publicações, avaliava os escritos de Clóvis, o que se constituía como uma das formas de trocar afeição, demonstrar interesse pelo trabalho do futuro marido. Era uma forma de namoro. De acordo com Mary del Priore, o namoro possuía características bastante específicas, sendo marcado por “trocas de olhares, os meio sorrisos, os ditos irônicos, as declarações, os passeios”⁹⁴, marcado também por bilhetes e palavras bonitas, meio de demonstrar a devoção e que compromisso assumido era de fato verdadeiro.⁹⁵



⁹³ NOBRE, Freitas. *Clóvis Beviláqua*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1954.

⁹⁴ PRIORE, 2006, p.296.

⁹⁵ PRIORE, 2006, p.297.

Figura 01: Clóvis Beviláqua e Amélia Beviláqua na juventude. Fonte: LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia*. Sobral: UVA/ASEL, 2011. p. 206.

Outra forma de demonstrar afeto por parte de Clóvis pode ser vista em sua preocupação em relação à saúde frágil de Amélia que também era tema de suas correspondências:

Já está boa. Você? Infelizmente, para mim só posso lhe dizer que sinto os seus sofrimentos um pouco mais do que se fossem em mim. Não é isso outra frase de devaneio para fazer efeito. Sou sincero no que lhe digo. A razão do que lhe afirmo é bem simples, aliás. Você é mulher, fraca, delicada e eu um homem sadio, portanto, em mim as moléstias que sobrevenham não podem produzir tanto abalo como em você.⁹⁶

Assim, aos 22 anos, Amélia apresentava problemas de saúde. Frágil, no entanto, ela não foi, o que pode ser visto com seu amadurecimento por meio do qual dirige revistas, debate temas polêmicos e que ainda causavam desconforto como a educação feminina, tema recorrente em seus textos.

Clóvis e Amélia casaram-se em São Luís em 05 de maio de 1883. O sentimento do esposo pela amada era elevado, puro e por vezes a delicadeza deste era registrada em suas cartas, tal como na descrição que constrói sobre a esposa:

Franzina e delicada de formas, sem que os traços da carnação percam as curvaturas amplas em que se desenham as graças da feminilidade. Olhos pretos em tez morena, cabelos longos, cabeça pequena assentada sobre umas espáduas que se afiguram mais longas pela exiguidade da cintura, boca bem talhada e dentes muito alvos. Nariz de traços corretos e afiliado. Rosto oval e muito levemente polpudo. Eis o retrato em poucas linhas. Está exato? Isto quanto ao exterior. Interiormente, o retrato moral se faz em duas palavras: um coração amoroso e terno e uma inteligência clara e voltada para o bem.⁹⁷

Por meio da descrição devotada de Clóvis, o corpo de Amélia é posto em evidência. De acordo com Yvonne Knibiehler,⁹⁸ até 1800 o corpo foi percebido como um alienado meramente a serviço da espécie, oposto ao coração, tido como centro da identidade feminina. No entanto, o decorrer dos oitocentos foi permeado por novas vivências, sobretudo em decorrência da industrialização que trouxe consigo o ideal consumista que por sua vez

⁹⁶BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta] 24 de jun.de 1882, Recife [para] BEVILÁQUA, Amélia. São Luís. Correspondência durante o namoro. LIRA, José Luís. *De Clóvis para Amélia*. Sobral: UVA/ASEL, 2011.p.66-101.

⁹⁷ Trecho transcrito por Noeme Paes Barreto Brandão. Copiado por Floriza, filha/neta de Amélia em seu caderno de recordações. Arquivo da Família Beviláqua. Cf.: BRANDÃO, Noeme Paes Barreto. *Clóvis Beviláqua na intimidade*. São Paulo: Editorama, 2008.

⁹⁸ KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. v. 4. São Paulo: Ebradil, 1994.

contribuiu para refletir sobre a necessidade de se elaborar corpos padronizados que expressassem da forma mais ampla possível a beleza. Ao enfatizar as características do corpo de Amélia, delineando cada um de seus traços que constituíam sua beleza, a descrição possibilita perceber o lugar de destaque que ocupa o corpo feminino e como este despertava o olhar do marido.

Amélia teve, portanto, um esposo dedicado e devotado, que em seus escritos deixou para a posteridade sua inclinação como nos versos escritos à esposa em 13 de agosto de 1884, intitulado *O que te posso dizer*, onde declara “não te posso contar, ó minha amada, os frêmitos do amor, que palpitam ao riso da alvorada, em todo o ninho e flor” e prossegue acariciando com seus versos o aniversário de ano de casamento ressaltando “não te posso dizer, ó minha flor, que te idolatro assim, como amam o sol, os raios e o calor, as rosas do jardim”⁹⁹. Destarte percebe-se que “o amor no casamento, por sua vez, consolidava-se na representação da perfeita amizade ou da união, no coração, de duas almas por meio do amor”, como ressalta Mary del Priore.

Em 1883, o pai de Amélia estava à frente “dos destinos do Maranhão”. Em 1884, porém, José Manoel de Freitas foi nomeado presidente da Província de Pernambuco e muda-se com toda a família para o Recife. Amélia não se conformava em ficar em Alcântara, no Maranhão, onde residia com a família e o esposo, enquanto a família mudava para Recife. Dessa forma, Amélia e o esposo deslocavam-se conforme exigiam os movimentos de João Manuel de Freitas, vivendo assim em função deste durante os primeiros anos do casamento.¹⁰⁰

A mudança foi benéfica para Clóvis, possibilitando a abertura de novos horizontes, o que se concretizou em 31 de maio de 1884 quando ele retorna à Faculdade de Direito do Recife como Bibliotecário, inserindo-se em meio à efervescência da cultura letrada pernambucana.

Em Recife, Amélia insere-se ainda mais com o universo letrado, iniciando em 1898 suas publicações.¹⁰¹ Seu reconhecimento ampliou-se consideravelmente a partir da emergência de uma nova publicação. Uma publicação com teor feminino e que visava ser a

⁹⁹ OLIVEIRA, João Gualberto. *Clóvis centenário*. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1961. p.46.

¹⁰⁰ BRITTO, 1978, p.40.

¹⁰¹ Colabora com a publicação de vários artigos na *Revista do Brasil*, dentre eles pode-se citar Páginas de um livro, republicada na revista *Lírio* anos depois. Cf.: BEVILÁQUA, Amélia, Páginas de um livro. *Revista do Brasil*. São Paulo, ano 2, n.4, p.122-124, 1899.

voz da mulher em um tempo que ora limitava, ora concedia aberturas a mulher. Trata-se da revista *O Lírio*¹⁰², periódico mensal cuja redatora-chefe foi a própria Amélia.

2.2 Amélia Beviláqua e a Revista *O Lírio*

Em 1884, José Manoel de Freitas assumiu a função de presidente da província de Pernambuco, e a família passa a residir em Recife. A casa era lugar de encontro de muitos políticos e letrados. Nesse mesmo ano, Clóvis passa a exercer o cargo de Bibliotecário da Faculdade de Direito do Recife, permanecendo no cargo por cinco anos, e a partir disso pode aprimorar seus conhecimentos e publicar importantes obras como *Jurisprudência e Literatura* (1884), *A Filosofia Positiva no Brasil* (1884), e *Estudos de Direito de Economia Política* (1886)¹⁰³. No mesmo período, recebem a visita de intelectuais de todo o país que buscavam conhecer mais de perto o jurisconsulto e o sogro liberal, caso de Euclides da Cunha, que por duas vezes visitou a família Beviláqua ainda em Recife. Amélia Beviláqua aos poucos se inseria no universo público, tendo em vista que sempre acompanhava o esposo

¹⁰² Primeira Revista Feminina do Nordeste. Circulou por dois anos no alvorecer do séc. XX. Redigida e editada pela mulher do jurista Clóvis Beviláqua, Amélia de Freitas Beviláqua. Defendia a educação das mulheres e a igualdade de direitos. Eram publicados temas literários femininos de autoras estrangeiras. Surgiu em 5 de novembro de 1902 e continuou a publicação regularmente até o mês de junho de 1904, quando circulou o nº 20. Teve como corpo redacional: Amélia de Freitas Beviláqua (redatora-chefe), Cândida Duarte de Barros (redatora-secretária), Edwiges de Sá Pereira, Maria Augusta Freire, Belmira Villarim, Adalgisa Duarte Ribeiro, Luiza Cintra Ramalho e Úrsula Garcia (redatoras). Nela foram publicados poemas, contos, crônicas, críticas literárias das primeiras escritoras nordestinas e de algumas do Rio de Janeiro, além de traduções de poemas, na maioria de poetas franceses e algumas fotos de mulheres atuantes na literatura ou na ciência. Os artigos publicados tratavam de questões religiosas, a luta das mulheres da época, a criação da universidade no Brasil (no Rio de Janeiro), noticiário social, uma seção de passatempo, raros originais de músicas e anúncios nas páginas inferiores da capa. Os clichês eram confeccionados em Portugal e na Itália. A redação situava-se na rua do Lima nº 54, residência da redatora-secretária, custando 1\$000 o exemplar e 2\$000 a assinatura trimestral. O primeiro número foi confeccionado na *Imprensa Industrial*, à rua Visconde de Itaparica (hoje – do Apolo) nº 49/51, saindo os demais da tipografia *A Província*, situada à rua do Imperador nº 19. As dirigentes da revista preocupavam-se bastante com a sua distribuição, feita não só em território nacional, mas também no exterior. A revista mantinha contato com colaboradoras no Uruguai, em Montevideú, na Argentina, em Buenos Aires, na França, em Paris, Lyon e Vincennes. Um fato real é o elogio feito à revista brasileira pelo *Columma del Hogar*, em Buenos Aires. Cf.: MORAIS, Maria Luiza Nóbrega de. *Presença feminina no jornalismo pernambucano: dos primórdios à regulamentação profissional*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5o-encontro-2007-/Presenca%20feminina%20no%20jornalismo%20pernambucano%20dos%20primordios%20a%20regulamentacao.pdf>. Acesso em: 17 maio 2016.

¹⁰³ No ano de 1887, José Manoel de Freitas morre e Clóvis assume a responsabilidade de chefe da família.

em seus passeios e compromissos¹⁰⁴. Amélia, porém, ainda não havia começado a publicar seus textos, embora alguns de seus romances tenham sido pensados ou mesmo estruturados nesse momento.¹⁰⁵

Este cenário começa a mudar quando em 1898 ela começa a enviar artigos para o *Jornal do Recife*, assinando com o pseudônimo A.F.B e para a *Revista do Brasil*, com boa repercussão na imprensa da época.¹⁰⁶ Recebendo nomes do cenário intelectual brasileiro em constantes reuniões em seu lar e apresentando sua escrita à imprensa da época, seu nome passa a fazer parte da multidão de escrevinhadoras que emergia. Ela passa a se destacar e se inserir efetivamente naquele meio letrado.

Sua elevação ao cenário público torna-se ainda mais perceptível quando recebe o convite de dois senhores¹⁰⁷ que tomaram a iniciativa de fundar uma revista feminina. Trata-se da *Revista o Lírio*.

Segundo Mathias Olímpio: “a revista não era apenas uma aspiração; traduzia uma forte realidade.”¹⁰⁸ Foi uma revista que contribuiu para a idealização e criação do jornal *Borboleta*, importante elemento de fala da mulher contra o sistema opressor ao qual estava submetida.¹⁰⁹ Tal revista não se constitui como isolada no universo feminino. Maria Thereza Caiuby Crescente Bernardes apresenta, na obra *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro do século XIX*, depoimentos de homens e mulheres de letras que revelam a ampliação da quantidade de periódicos femininos no século XIX. Fazendo uso de discursos de homens de letras sobre educação feminina, romances urbanos do Rio de Janeiro e periódicos fundados e dirigidos por

¹⁰⁴ Freitas Nobre destaca que Clóvis era sempre acompanhado pela esposa e anos depois, já no século XX, em certa ocasião respondendo aos que instigavam a constante presença da mulher ele respondeu “Lá fora deixo o meu chapéu e a minha bengala. Onde minha mulher não puder entrar, eu também não entrarei!” Cf.: NOBRE, 1954, p. 14.

¹⁰⁵ Deduz-se em razão do cenário pernambucano oitocentista apresentado em alguns de seus romances como *Vesta e Através da Vida*. As cartas trocadas entre ela e Clóvis, ainda em 1882, revelam que ela já estava em plena atividade de escrita.

¹⁰⁶ MENDES, Algemira de Macedo. *A imagem da mulher na obra de Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004, p.57-58.

¹⁰⁷ Trata-se dos senhores Cintra Luiz e Alcebíades Lima, dos quais se sabe muito pouco. Ambos possuíam olhar sensível e perceberam a necessidade de oportunizar às mulheres letradas brasileiras um espaço para divulgar textos e debater questões pertinentes ao universo feminino. Cf. BARROS, Nino César Dourado; QUEIROZ, Teresinha. Entre a pena, o tinteiro e a escrivaniinha: Amélia Beviláqua como redatora-chefe da revista pernambucana *O Lírio* (1902-1904). Cf.: NASCIMENTO, Francisco; SILVA, Rodrigo Caetano; FERREIRA, Ronyere [Org.]. *História e cultura: trajetos singulares*. Teresina: EDUFPI, 2016. p.132.

¹⁰⁸ OLÍMPIO, Matias. Uma piauiense notável, *Revista Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano I, jun. 1918, p.29.

¹⁰⁹ ROCHA, Olívia Candeia. Uma perspectiva da inserção literária da mulher piauiense entre 1875 e 1950. In: *Cadernos de Teresina*, Teresina, ano 14, n. 33, ago, 2012. p.11.

mulheres, ela apresenta o confronto da imagem e do julgamento emitido a respeito da mulher. Analisando fontes hemerográficas de várias regiões do país, ela notou que de norte a sul houve poetisas, jornalistas, dramaturgas, autoras de romances, de contos, de livros didáticos, de manifestos, de pareceres e também tradutoras de vários idiomas com publicações até no exterior revelando, portanto que as mulheres de letras não eram encontradas apenas no Rio de Janeiro, mas multiplicavam-se por todo o país.

De acordo com Dulcília Buitoni, o surgimento de jornais e revistas dirigidos por mulheres estava relacionado com a ampliação dos papéis femininos tradicionais, circunscritos até então ao lar ou ao convento.

Dessa forma, o século XIX, sobretudo em sua segunda metade, viu emergir uma série de revistas e periódicos femininos, a maioria de caráter efêmero. Tratavam dos mais diversos assuntos que interessavam ao público das mulheres como, por exemplo, a moda. Essa imprensa constituía-se também como lugar de protesto contra o patriarcado, como uma espécie de veículo de emancipação feminina. A nova mulher que lutava e que transgredia as normas assustava os homens daquela conjuntura e empenhava-se por meio desses periódicos em expor suas fala no que diz respeito ao “*locus designado*” à mulher. Aos poucos, as revistas passam a assumir lugar nas discussões sobre os direitos das mulheres. Assim a pena feminina exerceu papel importante na história para o processo de redefinição do lugar do feminino.

As escritoras eram mulheres que não se conformavam com o lugar subcategorizado reservado a seu gênero e com a força de suas penas lutavam por igualdade não abdicando de seus direitos de liberdade. O objetivo dessa escrita esteve permeado pelo anseio de dar vazão às reflexões sobre os lugares sociais que a mulher deveria ocupar na sociedade. Além disso, as mulheres enveredam pelo cenário da literatura, ansiosas por obter reconhecimento intelectual e social, “tornando-se espécies de homens”, na perspectiva daquele meio no qual estavam inseridas.¹¹⁰ Era uma escrita que expressava o desejo de inserir suas vozes no espaço público.

Percebendo a necessidade de realçar a sociedade feminina pernambucana, Dr. Cintra Luiz e o Sr. Alcebíades Lima juntamente com algumas mulheres das letras decidiram criar um espaço para discutir ideias, e divulgar produções literárias, objetivos e anseios¹¹¹. Desse

¹¹⁰ Essa era a percepção em torno das mulheres que assumiam papéis ditos como masculinos. Cf.: GAY, 2001.

¹¹¹ BARROS, Nino César Dourado; QUEIROZ, Teresinha. Entre a pena, o tinteiro e a escrivainha: Amélia Beviláqua como redatora-chefe da revista pernambucana *O Lyrio*(1902-1904), In: NASCIMENTO, Francisco; SILVA, Rodrigo Caetano; FERREIRA, Ronyere[Org.]. *História e cultura: trajetos singulares*. Teresina: EDUFPI, 2016.

modo, com um total de 20 números, sendo publicada entre 1902 e 1904, *O Lírio* contribuiu para apresentar as expressões da intelectualidade feminina brasileira.

Pouco se sabe a respeito dos senhores Cintra e Alcebíades, mas foram eles juntamente com Edwiges Sá Pereira, Francisca Isadora, Maria Orlando, Úrsula Garcia, Ana Nogueira dentre outras que convidaram Amélia de Freitas Beviláqua a exercer a função de redatora-chefe da revista. Sua relação de parceria com Clóvis que na época¹¹² era professor da Faculdade de Direito do Recife, sua trajetória marcada por educação diferenciada com o atento olhar do pai, sua presença nas rodas literárias e sua nova inserção no universo das publicações legitimavam o convite.

Dessa forma, na apresentação do primeiro número da revista, Amélia Beviláqua se direciona às pernambucanas e expõe as contribuições que o periódico traria ao discutir questões do universo feminino. À guisa de apresentação, ela conclamou:

Pernambucanas distintas, tomamos a liberdade de apresentar-vos *OLírio*, um botão ainda, que mal começa a viver, tão frágil e pequenino para suportar os ardores deste sol de verão, quente e abrasador, que irradiando, com a sua fulgurante e imensa resseca os prados, mata as florinhas delicadas.¹¹³

E assim prossegue solicitando aos homens e mulheres que se tornariam leitores que acolhessem as produções. Produções que discorriam sobre temáticas recorrentes ao universo feminino. Deve-se ressaltar que os periódicos produzidos sob o punho feminino eram em suma subversivos à medida que colocavam a mulher em posição de destaque no universo de produção e publicação, espaço em que ainda predominava a presença masculina. A fim de deixar claro o lugar a ser ocupado pela revista dentro desse debate, Maria Augusta Meira de Vasconcelos¹¹⁴ escreveu em texto intitulado Laboremus, que *O Lyrio* se apresentava como novidade que romperia com os preconceitos direcionados ao gênero feminino:

¹¹² Trata-se do ano de 1902.

¹¹³ BEVILÁQUA, Amélia. *O Lírio. Revista o Lírio*. ano 1, n.1, p.1-2, nov. nov.1902.

¹¹⁴ Filha de Joaquina Coelho Meira de Vasconcelos e do capitão Ascêncio Minervino Meira de Vasconcelos, aos 17 anos, formou-se no curso de Direito, na tradicional Faculdade de Direito do Recife e integrou a lista das primeiras mulheres a conseguir o título de bacharelado no Brasil, ao lado de Delmira Secundina da Costa, Maria Fragoso e Maria Coelho da Silva. Maria Augusta, embora pioneira e grande partícipe na luta por direitos das mulheres, não chegou a exercer a advocacia. Casou em 1892 com o intelectual Mário Freire (intelectual, famoso charadista e redator nos Almanques Literários no Brasil e Portugal) dedicou-se integralmente à literatura. Seus conhecimentos jurídicos e a composição de sua rede social com juristas como Tobias Barreto, da qual se considerava discípula, serviu de sustentáculo para o fortalecimento de grandes debates na imprensa local e correspondências políticas acerca da condição feminina no início da República e do estatuto jurídico-político da mulher. Além dos debates publicados nos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Recife*, Maria Augusta foi redatora do periódico *O Lírio*, ao lado de Amélia de Freitas Beviláqua que era composto

Rompendo com todos os preconceitos, arcando com todas as dificuldades, com que os míopes da inteligência, em todos os tempos têm impedido o progresso feminino, surge hoje, n'esta capital, um periódico escrito pela mulher, o elemento mais estável na sociedade. Com a mágoa que dilacera meu peito, vejo que ainda se acham arraigado entre nós os preconceitos que nos tempos de barbaria escravizaram a mulher. Há ainda quem pense no alvorecer do século XX, que a mulher deve ser a eterna escrava do homem e que não deve ter a pretensão de libertar-se das peias que, há tanto tempo, as martirizam. Citar nomes de mulheres que se tem salientado não agora, mas há muito tempo, no nosso país, é ocioso, por que não há brasileiro, que de continuo, não esteja vendo em jornais, revistas, almanaques, livros, nomes de diversas patrícias nossas, firmando trabalhos, que muitos escritores que vivem nos anais da fama talvez não os produzissem. O conceito comum de que a mulher é psicologicamente inferior ao homem, já é uma coisa tão cediça que não resiste ao menor estudo analítico.¹¹⁵

Utilizando a escrita para problematizar papéis, ela questiona o ideal de sexo frágil. Essa problematização foi um aspecto que povoou a elaboração de muitos dos jornais produzidos pôr mulheres, que visavam por em debate a reação das mulheres à permanência de imposições atribuídas ao gênero feminino. Essa era uma preocupação constante em meio às revistas dirigidas por mulheres que na época emergiam. De acordo com Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes; “a análise da condição social feminina, feita pelas jornalistas, demonstrou claramente o descontentamento do grupo diante da situação de outras mulheres.”¹¹⁶

Conforme discutem Nino César Dourado Barros e Teresinha Queiroz:

Diferente de algumas revistas que surgiram na época, O Lírio não trazia destaques com reportagens que visassem divulgar a moda ou algo do tipo, mas sim crônicas, poesias, poemas, a literatura voltada para o que inquietava a sociedade feminina naquele momento, e com o objetivo de divulgar e manter a população informada. Buscavam mudanças, mas também havia seções de charadas, passatempos, recados, enigmas, nas quais os leitores poderiam também se divertir.¹¹⁷

Ressalta-se também que as seções revelavam aspectos já trabalhados pelas literatas noutras obras e assumiam tons impetuosos.¹¹⁸ Neste sentido utilizando o primeiro número da revista, Maria Augusta Meira de Freire, com tom ousado adverte:

Sexo fraco nos chamam! Ironia das ironias! Sexo fraco o nosso? Nós que temos dado provas e fortaleza que têm assombrado o mundo. A história está

apenas por mulheres e tinha como frente principal o debate em torno dos direitos e produções de mulheres. Cf.: SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Erico Vital [Org.]. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

¹¹⁵ FREIRE, Maria Augusta Meira. Laboremus. *O Lírio*. ano1, n.1, p.1-2, 1902.

¹¹⁶ BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro -Século XIX. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.p.181.

¹¹⁷ BARROS; QUEIROZ, 2016, p. 146.

¹¹⁸ BARROS; QUEIROZ, 2016, p.146.

cheia de exemplos, citá-los, seria enfadonho. Aí fica o *Lírio*. O seu programa já está delineado e deve ser observado à risca. Resta que nossas patrícias, compenetrando-se do que valem, nos animem, para que o nosso *tentamen* não *soffre*. Trabalhem, pois com isso nos dignificamos e damos o exemplo a nossos filhos. Que o nosso programa seja um lábaro desfraldado aos quatro ventos, onde se leia uma palavra: *-Laboremus*. [grifos da autora]¹¹⁹

O convite ao trabalho se constitui como uma conclamação de *O Lírio*, bem como dos periódicos femininos que visavam reelaborar papéis atribuídos aos gêneros, para que as mulheres se percebessem como construtoras do próprio destino, tal como um grupo de mulheres escrevinhadoras que se espalhava por todo o Brasil.¹²⁰

Dessa forma, morando em Recife, Amélia passou a dirigir a revista *O Lírio* que se constitui como parte de um contexto de crescimento de jornais e revistas de caráter feminino. N' *O Lírio* cooperava um grupo de mulheres residentes em várias regiões do país, mas principalmente em Pernambuco. Elisa de Almeida Cunha¹²¹, Cândida Duarte Barros, Edwiges de Sá Pereira¹²², Úrsula Garcia¹²³, Adalgisa Ribeiro, Belmira Villarim, Luiza Ramalho, Maria

¹¹⁹ FREIRE, Maria Augusta Meira de. *Laboremus*. *O Lírio*. Recife, ano 1. n.1.nov. p.2. 1902.

¹²⁰ Norma Teles dedica alguns de seus estudos à análise de experiências das mulheres escritoras. Compreende que a resistência para com a entrada da mulher no mundo escriturístico era um sintoma que afetada muitos homens. Ao analisar experiências de mulheres que ousaram adentrar pelo mundo da intelectualidade, evidencia o anseio destas em romper paradigmas e contrapor o ideal de mulher imposto à época. Cf.:TELES, Norma. *Escritoras, Escritas, escrituras*, In: DEL PRIORE, Mary [org]. *História das mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo. Contexto, 2000. p.401-441.

¹²¹“Nasceu em Palmares, interior Pernambucano em 1883. Teve participação ativa no meio literário do Estado publicando textos no *Diário de Pernambuco e Almanaque de Pernambuco*. Foi uma das colaboradoras do *Lírio*, publicando os textos *Desconforto*(1902), *Retribuição*(1903), *Noites de Luar*(1904). Ao que tudo indica a maior parte de seus poemas ficaram dispersos por diversos periódicos. Morreu em 1910 aos 27 anos.”Cf.:ANDRADE, Fábio. *O fauno nos trópicos: um panorama da poesia decadente e simbolista em Pernambuco*. Recife, CEPE, 2014.

¹²²“Poetisa, educadora e jornalista, Edwiges de Sá Pereira nasceu no dia 25 de outubro de 1884, em Barreiros, Pernambuco, filha do advogado José Bonifácio de Sá Pereira e Maria Amélia Gonçalves da Rocha de Sá Pereira. Revelou-se como poetisa desde a infância e começou a ensinar muito cedo. Foi professora primária e catedrática da Escola Normal, ensinando Prática Didática e Pedagogia. Preceptora da cadeira de Português, do Curso Comercial do Colégio Eucarístico. Mestra de História Geral e do Brasil, no Instituto Nossa Senhora do Carmo e superintendente de ensino em grupos escolares do Recife. Além de educadora, foi uma pioneira na luta pelos direitos da mulher. No final do século XIX e início do XX, lutou pela conquista da emancipação feminina, tanto através de seus escritos e palestras, quanto com atitudes práticas. Naquela época já escrevia textos defendendo o divórcio. Para ela, nenhuma mulher era obrigada a viver ao lado de um homem com quem não se entendesse muito bem. Por sua iniciativa, foi fundada a Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino e foi uma das líderes da campanha pela conquista do voto feminino no Brasil.”Cf.:GASPAR, Lúcia. Edwiges de Sá Pereira. *Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: jun. de 2017.

Augusta Freire, Ignês Sabino¹²⁴ e Amélia Beviláqua como redatora-chefe, foram algumas das colaboradoras da revista.¹²⁵ De acordo com Leila Mícolis:

A revista proporcionava o encontro de escritoras renomadas, como: Ignês Sabino (romancista abolicionista), Francisca Clotilde, Francisca Izidora (jornalista), Rosalia Sandoval, Santina Potiguaré, entre tantas outras. Tinha como secretária Cândida Duarte de Barros, substituída, a partir do nº 3 por Úrsula Garcia. E, como colaboradoras fixas, do primeiro até o último número, Maria Augusta Meira de Vasconcelos Freire (advogada, como mencionamos e a primeira mulher a candidatar-se a deputada, em 1890), Edwiges Sá Pereira (feminista), Adalgisa Duarte Ribeiro e Luiza Ramalho. No número 17, contamos trinta e três colaboradoras brasileiras – desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul – e, no exterior, a revista mantinha contato com colaboradoras no Uruguai, em Montevidéu, na Argentina, em Buenos Aires, e na França, em Paris, Lyon e Vincennes. O conteúdo da revista era composto de resenhas, notas de obras recebidas, perfis bibliográficos, e até mesmo as raras seções de passatempos, na última página, envolviam literatura, mitologia, história e cultura geral. A prosa e a poesia eram escritas em estilo predominantemente romântico, como era de se esperar, pois no Brasil, principalmente no tocante às mulheres, ainda predominavam as ideias românticas europeias.¹²⁶

O *fác-simile* do primeiro número da revista apresenta o corpo de redatoras que contribuía e organizavam o periódico mensalmente. Apresenta também o texto Duas

¹²³“Úrsula da Costa Barros Amorim Garcia, nasceu em Aracati-CE em 3 de março de 1865 e faleceu em 25 de julho de 1905. Desde cedo revelou seu lado poético, tendo estreado nas páginas da revista *O Lírio* onde se consagrou poetisa de renome, tendo publicado seus escritos em diversos periódicos do Brasil, a exemplo *Épocas de uma existência* e *À Ana Nogueira* e à Amélia Beviláqua- um ano apenas tem nossa amizade e o coração já não lhe sabe a idade. Era frequentadora da casa de Amélia quando esta morou em Recife nas últimas 2 décadas do século XIX. “Cf.: BARROS; QUEIROZ, 2016, p. 136.

¹²⁴“Maria Ignês Sabino Pinho Maia (Salvador BA, 31 de julho de 1853 - 13 de setembro de 1911). Poeta, contista, romancista, memorialista e biógrafa, cujo nome é lembrado por sua ação na luta pelos direitos femininos. Filha de um médico homeopata e humanista, que lhe proporcionou educação esmerada e enviou-a para aperfeiçoar-se na Inglaterra. Desde pequena demonstrava-se bem dotada para as letras, mas teve que encurtar sua estada na Europa por causa do falecimento do pai, e foi obrigada a regressar ao Brasil. Foi casada com o comerciante português Francisco de Oliveira Maia, e estreou na literatura com o poema *Ave libertas*, uma estreia promissora e sobre a causa abolicionista. Obteve grande consagração do público, quando a atriz Ismênia dos Santos o recitou no Teatro Santa Isabel, no Recife (1887). Publicou *Rosas Pallidas e Impressões* (1887) e mais três livros de poesia. Publicou *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899), um livro com biografias de várias brasileiras, em várias profissões e histórias de vida. Um trabalho de pesquisa de grande importância histórica, especialmente literária, que resgatou informações e ilustrações sobre muitas brasileiras que poderiam estar esquecidas para sempre. Além de publicações em livros, também escreveu inúmeros artigos em periódicos, especialmente os dirigidos por mulheres, e em revistas e jornais.”Cf.:BITTENCOURT, Adalzir. *Dicionário bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

¹²⁵ As fontes e os dicionários sobre mulheres não apresentam aspectos da vida e obra de algumas mulheres mencionadas por isso não constam notas biográficas a respeito destas. Sabe-se apenas que colaboraram com a revista *O Lírio*.

¹²⁶MÍCOLIS, Leila. *Mulheres da Belle-Époque e suas parcerias textuais Lyrio-líricas*. *Revista Literária*. Disponível em: http://literaciaretetes.blogspot.com.br/2010/06/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x_1040.html. Acesso em junho de 2017.

Palavras, uma breve apresentação dos senhores Alcebiades Lima e Cintra Luiz, idealizadores da

revista, como pode-se observar:



Figura 02: Fac-símile do primeiro número da revista *O LÍRIO*, de 05 de novembro de 1902. Fonte: *O LÍRIO*. Recife, ano 1, n.1, p.1, nov.1902.

A revista contava, portanto com Cândida Duarte Barros como redatora secretária, Maria Augusta Freire, Edwiges Sá Pereira, Belmira Villarim, Adalgisa Duarte Ribeiro e Luiza Ramalho como redadoras, todas supervisionadas por Amélia Beviláqua. O texto de apresentação revela o olhar atento à busca pela ocupação de novos espaços por parte da mulher, na medida em que os idealizadores destacam que foram felizes em abrir um espaço para apresentar ao público mulheres cujo talento para a escrita era notável. O intuito dos senhores Cintra e Alcebíades era proporcionar às mulheres escritoras um espaço de publicações onde pudessem registrar e divulgar suas habilidades na construção de produções escritas.

Um dos temas constantemente debatido era a instrução da mulher. O segundo número desta revista traz como texto inicial um artigo tratando justamente sobre a temática. O texto apresenta uma crítica ao modo retrógrado com o qual a educação continuava sendo tratada mesmo após a emergência do regime republicano, pois não havia ocorrido ainda uma reforma significativa no sentido de dar um novo tom à instrução das crianças. Assim em sua opinião, era preciso pôr essa questão em pauta nos debates políticos.



Figura 03: *Fac-símile* do segundo número da revista *O Lírio*. Fonte: *O Lírio*. Recife, ano 1, n.2, dez.1902, p.1

Em 1903, no aniversário de um ano da revista, Adalgisa Ribeiro ressaltou a força e importância da colaboração de Amélia Beviláqua para a aceitação e boa repercussão do periódico entre seus leitores:

Um ano de existência;- um ano inteiro decorrido entre mil gerações diversas, *O Lírio* continua sua vida calma e certamente futura, graças a vós gentis leitoras, é justo, confessá-lo também aos esforços desinteressados e grandes do Dr Cintra Luiz, assim como aos da distinta e incansável D. Amélia Beviláqua cujos trabalhos docemente atraentes tem indubitavelmente concorrido para aceitação do nosso querido jornalzinho.¹²⁷

Algumas das principais preocupações de Amélia publicadas em *O Lírio* estiveram relacionadas a educação, matrimônio, relação com o espaço público, e a necessidade de a mulher abrir os olhos para os novos tempos que emergiam. Na revista, ela também aproveitava para manter interlocução com os leitores que viam em sua figura a grande representante da revista. Na publicação de dezembro de 1903, ela felicita o periódico pelo aniversário de um ano e agradece o “acolhimento delicado e gentil com que tem geralmente recebido essa pequena revista”¹²⁸.

Vê-se nesse ponto o consumo dos periódicos femininos. Vê-se também a partir do *Lírio* o surgimento de uma nova configuração no que diz respeito à imprensa feminina, considerando o fato de esta ter surgido no século XIX com um caráter secundário, tendo como função o entretenimento. *O Lírio*, longe de apenas entreter, pôs em evidencia a educação feminina, os sentimentos, o descontentamento com o ideal de fragilidade destinado à mulher, dentre outros aspectos. A origem dessa nova representação se relaciona à ampliação dos papéis femininos circunscritos ao convento e ao lar, bem como ao processo de evolução do capitalismo que implicava novas necessidades a serem satisfeitas, fatores que levaram essas mulheres a saírem do confinamento e se lançarem ao mundo público. Por essa razão, tal como esclarece Dulcília Buitoni, espalham-se por todo o país demonstrando que a imprensa feminina não era apenas um fenômeno carioca ou paulista, mas representava um anseio concretizado em diversos pontos do país.¹²⁹

Em se tratando de *O Lírio*, a repercussão e bom acolhimento da revista foram associados por muitos à forma com a qual a revista fora dirigida. Foi o caso do intelectual Santos Netto que saudou a redação da revista e destacou sua admiração à mulher, que possuía

¹²⁷ RIBEIRO, Adalgisa D. Às leitoras. *O Lírio*. Recife, ano 02, n.12 e 13, 1903. p.11

¹²⁸ BEVILÁQUA, Amélia. Saudação. *O Lírio*. Recife, ano 02, n.12 e 13, 1903. p.02.

¹²⁹ BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1981. p. 9.

talentos para a produção intelectual, destacando que “o espírito da mulher é sobremodo superior e elevado”¹³⁰. Assim registrou:

O Lírio completa hoje o primeiro aniversário de sua existência na arena da vida jornalística de Pernambuco e isso equivale a dizer que o espírito da mulher brasileira não é esse embrionário que ainda se não tivesse frutificando, numa regressão de esterilidade. Não...O espírito da mulher brasileira é o que tem sido sempre desde o início desta bela e simpática Revista: o desabrochar de flores preciosas e caras, sem um estiolamento que lhes venha impedir a seiva exuberante. Eu tenho uma adoração religiosa pela mulher de talento e sei bem quanto vale uma Maria Amália Vaz de Carvalho, que é, não há exagero em dizê-lo, a maior escritora portuguesa que hei conhecido, uma mulher que, por si só, tem sido capaz de elevar os brilhos de seu sexo.¹³¹

Assim prossegue com tom elogioso, mencionando exemplos brasileiros de mulheres que se destacavam no universo letrado brasileiro, como a figura de Francisca Júlia da Silva “a vibrante autora dos Mármoreos que, é preciso confessá-lo, há tão pouco tempo eu não acreditava que do cérebro de uma mulher tivesse saído tão impecáveis e extraordinários versos.” Mesmo ao surpreender-se com uma mulher “capaz” de criar uma grande produção, Santos Netto coopera no sentido de perceber a repercussão da escrita feminina divulgada em periódicos dirigidos por mulheres e de obras literárias por elas escritas. A conclusão de seu texto saudando “jubiloso a redação d’*O Lírio* que tem a sua frente os espíritos simpáticos de D. Amélia de Freitas Beviláqua e da distinta poetisa Edwiges de Sá Pereira”¹³², revela que tais periódicos tinham um público de homens e mulheres que, atentos aos movimentos femininos, viam as reconfigurações que se punham aos papéis de gênero.

Amélia, como uma das redatoras desse veículo de fala feminina, não se dirigiu em seus escritos apenas às mulheres, pois, sabendo que era lida também por homens, tendo em vista que muitos, sobretudo literatos, publicaram elogios à sua escrita, reservou algumas de suas publicações com o intuito de doutrinar e dar um novo tom à percepção conferida às mulheres por intermédio dos homens. Como forma de manter o relacionamento matrimonial e conferir felicidade à esposa sem a necessidade de um divórcio, ela advertia:

Senhores, dai em primeiro lugar ao vosso lado o canto mais distinto a vossa companheira, sede corretos com vossa família, respeitai-a sede honestos que tereis a ventura que procurais. Este é o único e melhor de todos os remédios; não deixeis que se desate nunca o laço do amor a que tão solidamente vos prendeste um dia, perante uma sociedade inteira, perante a igreja e a lei e, sobretudo perante a vossa consciência. Vós que desconfiais tanto da

¹³⁰ NETO, Santos. *O Lírio*. *O Lírio*. Recife, ano 02, n.12 e 13, 1903.p.06.

¹³¹ NETO, Santos. *O Lírio*. *O Lírio*. Recife, ano 02, n.12 e 13, 1903. p.06.

¹³² NETO, Santos. *O Lírio*. *O Lírio*. Recife, ano 02, n. 12 e 13, 1903. p.5 e 6.

capacidade da mulher, provai ao menos vossa força mais resistente nesse ponto, fazei-a feliz.¹³³

A questão do casamento era ponto crucial nas revistas femininas. Esse laço, que por muito tempo se constituiu como algo meramente contratual, envolvendo mistura de corpos, não tendo como base o amor apaixonado, mas sim o dever, para garantir a procriação e a continuidade das famílias, passa a ganhar novos tons. No entanto, segundo postula Mary del Priore, a partir do final do século XIX:

Pouco a pouco, a diferença entre amor fora e dentro do casamento dilui-se, pelo menos no imaginário das pessoas letradas. Um ideal de casamento se impõe, em ritmos diferentes, para os diversos grupos da sociedade. Por meio desse ideal, importado da Europa via literatura, o erotismo extraconjugal deveria entrar no casamento afugentando a reserva tradicional. Nesse ideal, passa a existir um único amor, o amor-paixão, enquanto as características que retardavam o triunfo do amor, feito de sentimento e sexualidade, começam a ser postas em xeque. A sociedade começava, daí em diante, a aproximar as duas formas de amor tradicionalmente opostas.¹³⁴

Diante das mudanças que aos poucos emergiam na forma de conceber o matrimônio surgem inúmeros discursos no sentido de doutrinar os cônjuges a se adequarem aos novos padrões, preocupação demonstrada por Amélia ao direcionar sua fala aos homens que leriam seu artigo, daí o convite para que os maridos fizessem felizes suas mulheres, a respeitassem, não deixando, dessa forma, romper-se o laço afetivo que os mantinha conectados. Percebe-se em seu discurso uma preocupação na manutenção no casamento desde que houvesse uma reconfiguração na forma de os cônjuges conduzirem a relação amorosa. O tema tratado no artigo seria novamente tratado por ela anos depois quando seus romances começam a ser publicados.¹³⁵

Com duração até 1904, *O Lírio* despertou a atenção de intelectuais, virou notícia dos jornais pernambucanos ou mesmo pelo país afora. Possuía correspondentes em diversos Estados e internacionalmente foi veículo da voz feminina mesmo em sua curta duração. Em Montevideu, a correspondente era Mlle. Haydée Bordagorry; em Paris, Mme. Pisa e Almeida; em Lyon, Mme. Alice Taggi; e em Vincennes, Mme. Delettretz. Nos estados, as correspondentes eram Mme Elia Leite A. Oliveira, em Curitiba Mme Chânea Barreto, em

¹³³ BEVILÁQUA, Amélia. Páginas do meu livro. *O Lírio*. Recife, ano 01, n. 02, 1902. p.02.

¹³⁴ PRIORE, 2006, p. 112.

¹³⁵ Até 1902, Amélia publica apenas a obra *Alcyone*. O tema casamento seria referenciado nas obras *Através da Vida*, *Vesta*, *Angústia*, *Silhouettes* publicadas alguns anos depois.

Minas Eponina Mafra, em Pelotas Nilza Pinto e em São Paulo Mme Gabriela Cresta.¹³⁶ Dessa forma a revista ganha força e espalha-se por todo o território brasileiro, tendo em vista que Amélia juntamente com suas colaboradoras enviavam os números do periódico para redações de vários jornais Brasil a fora.

Para Amélia, a revista constituiu-se como espaço no qual ela aos 40 anos pode experienciar a direção de um periódico, oportunidade também de ampliar seu nome ao mundo das publicações. *O Lírio*, portanto, fez parte de seus primeiros passos no universo das publicações. Passos que se intensificaram com sua mudança para a capital federal em 1906, onde fixou residência e viveu metade de seus anos. O próximo tópico visa a acompanhar e apresentar aspectos das andanças de Amélia pelo Rio de Janeiro, lugar que vivenciava mudanças que se refletiam nas relações sociais. A mulher que pertenceu à elite letrada brasileira aos poucos se forjava.

2. 3 O Rio de Janeiro de Amélia Beviláqua

Em 1906, Amélia e o esposo¹³⁷ transferem-se para o Rio de Janeiro¹³⁸ capital da República. Todos os olhares voltavam-se para este espaço marcado por novidades. De acordo com Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes, desde o século XIX as atividades públicas, administrativas e políticas foram postas em realce, sobretudo pela valorização conferida aos letrados forjados nas escolas superiores do país. A valorização a eles atribuída ampliou-se com o crescimento das novidades que movimentaram o mundo das relações sociais e podem ser visualizadas por meio da trajetória de Amélia no Rio de Janeiro.

Após a chegada, ela e o esposo logo envolveram-se com as agremiações literárias. O discurso de Laudelino Freire no *Almanaque Brasileiro da Editora Garnier* no ano de 1904 é representativo e anuncia a chegada de Amélia, escritora que nascera no Piauí e já dava ares no

¹³⁶ Usa-se o pronome de tratamento presente na fonte. Pouco se sabe sobre a vida e trajetória intelectual dessas mulheres. As fontes consultadas apontam apenas que as mesmas constantemente integravam a redação pernambucana de eventos literários, da recepção, consumo e repercussão da revista nos outros Estados e até mesmo no exterior.

¹³⁷ Desde 1899, Clóvis Beviláqua fazia constantes viagens ao Rio de Janeiro por ter sido convidado para elaborar o Código Civil Brasileiro.

¹³⁸ BRITTO, 1978.

território maranhense e pernambucano de sua competência intelectual. Anunciando a publicação de *Através da vida*,¹³⁹ ele apresentou:

É de origem piauiense, e filha do desembargador José Manoel de Freitas. Muito criança ainda deixou a sua terra natal, fixando residência em São Luís do Maranhão, onde seu pai exerceu o cargo de juiz de direito. Foi ali que passou a maior parte da infância, e iniciou a sua educação, ultimando-a no Recife, onde se casou com o Dr Clóvis Beviláqua. Depois de casada sob influência do seu ilustre marido e do seu irmão João Freitas, tomou grande paixão pelo estudo. Em 1898 publicou pela primeira vez, no Recife, alguns trabalhos pelos jornais e logo depois na *Revista do Brasil*, de São Paulo, usando, porém, de pseudônimos. Em agosto de 1902 deu a publicidade o seu primeiro livro de contos, intitulado *Alcyone*, Bahia, Ed. José Luiz da Fonseca Magalhães. Por esse mesmo tempo incumbia-se de dirigir o *Lírio*, revista mensal, exclusivamente escrita por senhoras. Tem colaborado em diversos jornais do Recife e de outros pontos do Brasil. Em presentemente a ilustre escritora D. Amélia Beviláqua um romance-*Através da Vida*, pronto para entrar no prelo.¹⁴⁰

O Rio de Janeiro, capital da República Federativa, cidade insalubre e percebida como doente, passou a receber múltiplos olhares onde atuavam professores, médicos formados, cirurgiões, matemáticos, bacharéis e boticários que iam emergindo e que deveriam contribuir para amenizar os problemas.

O movimento das ruas e o vigor das novas ideias foram percebidas pelo cronista João do Rio em suas andanças pela capital brasileira. Ao pensar as ruas cariocas não apenas como lugares de passagem, mas como espaços de memórias, por meio das quais se poderia compreender toda vida que corria por aqueles lugares, ele coopera no sentido de elucidar o cenário carioca que serve de palco para atuação de Amélia Beviláqua.

Cenários que contavam histórias e que falam sobre o Rio do início do século XX. Isso levando em consideração que:

[...]a rua é um fator de vida nas cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdão, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos variados climas, a rua é agasalhadora de miséria. Os desgraçados não se

¹³⁹A obra *Através da vida* foi publicada em 1906 e traz como cenário a cidade de Olinda-PE. O romance apresenta a história de Maria da Luz, moça que foi criada juntamente com os irmãos por seus tios. Ressentia-se da diferença com a qual era tratada, tendo em vista que seus irmãos podiam ter acesso à educação, enquanto ela era moldada apenas para ser mãe, esposa e dona do lar. Consegue iniciar seus estudos, mas a chegada de um primo atrapalha o sonho de continuar, pois os recursos passam a ser direcionados a ele. Posteriormente Maria da Luz foi obrigada a casar com o tal rapaz, chamado Francisco, que rouba suas chances de estudar e de conhecer o amor. Termina o romance viúva e em miséria total.

¹⁴⁰ FREIRE, Laudelino. D. Amélia de Freitas Beviláqua, *Almanaque Brasileiro da Garnier*. Rio de Janeiro, 1904, p.225.

sentem de todo o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte[...] a rua é generosa. A rua é transformadora de línguas. A rua continua matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros. A rua resume para o animal civilizado todo o conforto humano.¹⁴¹

Para seguir as ruas, não basta “gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar”, de acordo com Rio “é preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos de flaneur”¹⁴². Assim ele convida os intelectuais de seu tempo a praticar a arte de flunar a fim de identificar elementos do cotidiano que muito teriam a dizer sobre aquela conjuntura. De acordo com Sandra Pesavento João do Rio é ele próprio expressão de um modo de ser “profundamente brasileiro: é influenciado pelo Primeiro Mundo, é seduzido por Paris”, mesmo assim era capaz de fazer uma leitura da realidade nacional. Ao falar do Rio o cronista encontra uma forma de ver Paris e o Brasil “expondo as misérias e as grandezas nacionais”.¹⁴³

A rua representa a abertura para novas experiências e reúne em si elementos do tempo e as facetas que compõem um lugar social. Para enxergar a vida que nela corria, fazia-se necessário subir os morros, descer às prisões, andar por lugares escuros e entrevistar gente na rua, tipos populares, meretrizes, malandros, criminosos, trabalhadores humildes.¹⁴⁴ Era preciso atentar o olhar para as novas relações que se estabeleciam, tendo em vista que a rua se constitui como lugar de sociabilidades:

Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, *spleenéticas*, *snobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes que ficam sem pinga de sangue.¹⁴⁵

Assim, olhando para a rua do Ouvidor, “fanfarrona em pessoa”, a rua da Misericórdia, primeira rua do Rio de Janeiro, Rua do Ourives, delinea-se e vê-se as mudanças que passam a permear o cotidiano carioca. Essas ruas que constituíam a “cidade viva,” ora eram sinônimo de liberdade, ora de perigo:

¹⁴¹ RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

¹⁴² RIO, 1997, p. 02.

¹⁴³ PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano -Paris, Rio de Janeiro, Porto alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRCS, 2002, p. 192.

¹⁴⁴ PESAVENTO, 2002.

¹⁴⁵ RIO, 1997, p.04.

Se a rua é para o homem urbano o que a estrada foi para o homem social, é claro que a preocupação maior, a associada a todas as outras ideias do ser das cidades, é a rua. Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação-ideias gerais—até a aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, ideias particulares. Instintivamente, quando a criança começa a engatinhar, só tem um desejo: de ir para a Ru! Ainda não fala e já a assustam: se você for para a rua encontra o bicho! Se você sair apanha palmadas!¹⁴⁶

Tais ruas representam os espaços vivenciados por Amélia Beviláqua logo após sua chegada em 1906. Aquelas ruas em diversas ocasiões foram citadas em suas obras, elas eram uma espécie de laboratório a partir do qual a literata construiu seus cenários e personagens. As ruas representavam a própria existência da cidade.

Olhando para esses recintos como lugares vivos em que se estabeleciam relações sociais, João do Rio percebe a realização de negócios, a discussão sobre a vida do próximo, nela mudavam as ideias e as convicções, nela surgem as dores e os desgostos. Ao mesmo tempo mistério, escândalo e terror. Vê-se também Pereira Passos¹⁴⁷ realizando as reformas e apresentando ao Rio de Janeiro a necessidade de dar um novo tom àquele cotidiano.

Dessa forma, as vozes sobre o Rio de Janeiro traduzem uma representação sobre o urbano, ora revelando a sedução por Paris, ora revelando uma leitura nacional, por vezes metaforizada do processo em curso. Olhando para aquelas ruas o cronista também percebe a multiplicidade de vivências proporcionadas pelo Rio de Janeiro, tal como ele destaca:

O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma. E, entretanto, meu caro, quanto soluço, quanta ambição, quanto horror.¹⁴⁸

Desse modo, as ruas passam a congregar em si a diversidade e facetas europeias que se apropriavam das vidas cariocas. Olhando para este Rio, o cronista percebe a multiplicação de intelectuais, livros e novos leitores. Percebe também o aumento considerável de vendedores de livros nas ruas, o que revelava, segundo ele, o aumento do interesse pelas leituras, fato

¹⁴⁶ RIO, 1997, p. 08.

¹⁴⁷Francisco Franco Pereira Passos (São João Marcos, 29 de agosto de 1836 — Rio de Janeiro, 12 de março de 1913) foi um engenheiro e político brasileiro. Foi prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906.

¹⁴⁸ RIO, 1997, p.16.

novo em cotejo com o século anterior. Segundo ele, os vendedores de livros são uma “chusma incontável que todas as manhãs se espalha pela cidade, entra nas casas comerciais, sobe aos morros, percorre os subúrbios, estaciona nos lugares de movimento”¹⁴⁹. O olhar do cronista revela, portanto, a ampliação do Rio de Janeiro cultural.

A partir desses livros, novas ideias, orações, modos e modas ganham as ruas. Atentando para elas, o cronista João do Rio percebeu as várias vozes que compunham aquele múltiplo cenário: a voz dos livreiros, dos trabalhadores, estivadores, criminosos, intelectuais:

E na rua, que se vê? O Senhor do mundo, o reclamo. Em cada praça onde demoramos os nossos passos nas janelas do alto dos telhados, em mudos jogos de luz, os cinematógrafos e as lanternas mágicas gritam através do *écran* de um pano qualquer o reclamo de melhor alfaiate, do melhor livreiro, do melhor revólver. *Basta levantar a cabeça*. As tabuletas contam a nossa vida. E nessa babel de apelos à atenção, ressaltam, chocam, vivem estranhamente os reclamos, extravagantes, as tabuletas disparatas. Quantas haverá no Rio? Mil, duas mil, que nos fazem rir.¹⁵⁰[grifo nosso]

Por aquelas ruas, Amélia também passou, ao direcionar-se às agremiações literárias que emergiam e ganhavam lugar de destaque. Aquelas ruas também a constituíram. Em seu flunar pela cidade, ela também “levantou a cabeça” e percebeu o elegante portar dos homens, a transformação das ruas, o embelezamento do cenário urbano, a multiplicação de espaços para reunião dos intelectuais e, sobretudo, a chegada da mulher à rua, ao público e como os olhares se voltaram a elas. Espaços como o citado na figura a seguir:

¹⁴⁹ RIO, 1997, p.29

¹⁵⁰ RIO, 1997, p.35.



Figura 4: A Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, símbolo da reforma urbana no Rio de Janeiro de Pereira Passos. Fonte: Registro de Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez. Acervo do Instituto Moreira Salles.

Tal como adverte Sandra Pesavento¹⁵¹, a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares que não se hierarquizam, mas se justapõem, compõem ou se contradizem. De acordo com ela, a cidade, como lugar do homem, se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados que constroem a seu respeito cadeias de significados e representações. João do Rio flagra, por exemplo, a nova imagem que aos poucos se estabelecia.

Essa nova imagem da capital federal, planejada por Pereira Passos, inspirava-se em moldes europeus e tinha como principal ideal dar ao Brasil características mais modernas, um verdadeiro confronto com o dito tradicional, tendo em vista que se via a necessidade de fugir da visão de atraso, de imagem de país escravocrata. Foram construídas praças, ruas ampliadas e foram criadas novas estruturas para garantir o saneamento básico. Entre as principais heranças da gestão Pereira

¹⁵¹ PESAVENTO, 2002.

Passos, encontram-se o Teatro Municipal, o Museu Nacional de Belas Artes e a Biblioteca Nacional.

O processo de higienização ficou sob a responsabilidade do médico Oswaldo Cruz que na época era responsável por gerenciar o Serviço de Saúde Pública. Uma reforma inspirada, sobretudo, na reforma de Paris feita por Georges-Eugène Haussmann no século XIX, entre 1853 e 1870. Paris, portanto, era o modelo. Pereira Passos modernizou a Zona Portuária e criou a Avenida Central, hoje conhecida como Rio Branco, além de reordenar a Avenida Maracanã e a Beira Mar. A reforma Pereira Passos buscou adaptar a cidade também para os automóveis. Os ambulantes foram retirados de cena. Era o novo em confronto direto com o velho que gerou muitas tensões e conflitos, bem representado por meio da Revolta da Vacina,¹⁵² que marcou o início do novo século.

Por outro lado, a vida cultural era agitada, sobretudo, no âmbito da classe média. As rodas literárias que traziam à tona as novidades e tensões que marcavam o cotidiano se espalhavam. Era esse o lugar social de Amélia. Foi sob essas tensões e imersa nestes espaços de sociabilidades e rodas literárias que ela estabeleceu sua prática escriturística. Todo este movimento de redefinição repercutiu nos costumes da cidade. Era necessário civilizar os hábitos, reordenar e integrar-se à *Belle Époque* que ditava os novos padrões de comportamento. Os letrados eram atalaias desse processo.

Nesse novo cenário, os movimentos, as novas cores, a civilidade e o confronto entre o velho e o novo ganham os ares daquela cidade. Por isso muitos foram os literatos que fizeram das ruas e das vivências daquele Rio, sua matéria-prima. Destarte os moradores da cidade se tornaram expectadores e atores das transformações vivenciadas pela capital brasileira da transição dos séculos, palco em que Amélia delineia a maior parte de sua trajetória literária. A obra *A alma encantadora das ruas*¹⁵³, fruto de um olhar curioso e atento, possibilita o entendimento da modernização que dá um novo tom à capital. Modernização que revelou-se tanto em elementos físicos da urbe, com a construção de prédios e novos espaços de cultura, como também nos hábitos que deveriam seguir os moldes da elegância.

Delineiam-se por meio do olhar do cronista as várias mudanças que aquelas ruas vivenciam. Ruas, cuja análise da obra permite entrever, que podem ser apontadas como representativas do momento em que o Rio vivia. A Rua do Ouvidor, que marca o passeio de

¹⁵²Foi uma revolta e manifestação popular ocorrida entre 10 e 16 de novembro de 1904 na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. O fator deflagrador da Revolta da Vacina foi a publicação, no dia 9 de novembro de 1904, do plano de regulamentação da aplicação da vacina obrigatória contra a varíola. Cf.: SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina - mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 6.

¹⁵³ RIO, 1951, p. 6.

personagens de Amélia,¹⁵⁴ é descrita como o espaço mais agitado da época, que movimentava o comércio e que se enchia da nova civilidade. Essa rua foi uma das mais remotas do Rio de Janeiro, já existindo por volta da metade do século XVI, sendo chamada de Rua Desvio do Mar. Ainda no mesmo século, passou a ser chamada Rua Aleixo Manuel, recebendo esse nome por causa de um dos seus moradores. Logo após a construção da Igreja de Santa Cruz dos Milagres o espaço passou a receber o nome de Rua da Cruz. Seu alinhamento deu-se na metade do século XVII e passou a ser chamada Rua do Padre Homem da Costa. Entretanto, por volta da metade do século XVIII em 1745, a Fazenda real efetuou a compra de imóveis no logradouro, onde foram morar os Ouvidores¹⁵⁵. Por essa razão a partir do século XVIII a Rua passou a ser chamada de Rua do Ouvidor, um espaço de memória que acompanhou o desenvolvimento do Rio de Janeiro.

A partir da *Belle Epoquea* cidade se torna alvo de grandes investimentos e tudo isso influenciou as formas de viver e se portar socialmente. No Rio de Janeiro de Pereira Passos cujo lema era a implantação da civilidade e do desenvolvimento. Obras espalhavam-se por toda parte afastando para os subúrbios aqueles cujos recursos financeiros de alguma forma não pudessem arcar com as exigências das reformas..

As tensões sociais do Rio de Janeiro ficam ainda mais evidentes quando são analisadas as obras literárias. Poucos índices podem proporcionar uma visão tão transparente dos principais campos de tensões históricas que marcaram o período. Tendo a escrita como um instrumento de intervenção no meio social, fica igualmente acentuado o empenho despendido pelos autores no sentido da assimilação e participação nos processos históricos em curso. É perceptível também que as forças sociais exerciam papel igualmente preponderante na moldagem dos seus personagens e no desencadear das ações.¹⁵⁶

Vivenciando essa dinâmica, Amélia Beviláqua constrói sua obra *Angústia* publicada em 1913. No romance, o Rio de Janeiro vivido é captado e significado por Amélia, apresentando as marcas dos novos modos que ganhavam o cenário urbano:

O Rio estava imponente. Fazia tempo que suas ruas não se enchiam de tanto esplendor, nem suas vitrines de mais atrativos. Parece que ninguém pensava, naquela época, senão em fruir os gozos que o destino proporcionava.¹⁵⁷

¹⁵⁴ BEVILÁQUA, Amélia. *Angústia*. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1913.

¹⁵⁵ Ouvidores era uma nomenclatura conferida aos magistrados do Antigo Império Português. No Brasil, os ouvidores eram juízes nomeados pelos donatários das capitâneas e posteriormente pelos Governadores Gerais e Vice-Reis.

¹⁵⁶ SEVCENKO, 1989.

¹⁵⁷ BEVILÁQUA, Amélia. *Angústia*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1913.

Assim, ao compor sua literatura, Amélia condensa a experiência do vivido na expressão de uma sensibilidade feita no texto e assim representa em seu discurso que aspectos da realidade como a moda dos chapéus, botinas e lenços que se refletiam nas ruas imersas pelo esplendor dos gozos propostos pelos novos tempos. De acordo com Sandra Pesavento, isso ocorre, pois o escritor de ficção guarda uma relação de proximidade com a realidade, além disso, a literatura produz representações sobre a cidade que traduzem não só as transformações do espaço como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes.

Dessa forma, a literatura corrobora a construção de tessituras históricas à medida que as mesmas representam e qualificam o social, contribuindo para a reconstrução do mundo sensível que se expressa em discursos e também imagens.

No romance *Angústia*, ambientado nos primeiros anos do novo século na cidade do Rio de Janeiro, por meio do personagem Artur Lourenço, Amélia mostra estar a par das novas tendências que preenchiam o cotidiano carioca. A descrição do porte elegante de Artur Lourenço marca algumas páginas do livro¹⁵⁸:

Bastava olhar, sentir a sutileza do perfume da moda, que se enrolava no lenço de linho, prestar atenção a grande elegância da frase e de todos os movimentos adequados aos mais difíceis figurinos da civilidade, para se conhecer quanto era *smart*[esperto, inteligente] esse belo moço de origem italiana, que falava sempre as senhoras com umas maneiras bizarras. Muitas vezes conservando, entre as suas as mãos delas levantava-as como troféus de glórias e fazia a dama gentil acompanhá-lo nessa curva recortada de graciosas medidas como se estivesse marcando uma figura de *pás de quatre*, até fazê-la se assentar de novo. Louro muito insinuante possuía também grande dose de simpatia, uns movimentos destros e, ao mesmo tempo, aristocráticos. A esses dotes que as mulheres tanto amavam, se aliava uma grande inteligência. Fino amador das letras e da arte em geral, sabia conversar com espírito, interessando o seu auditório com palestras variadas, sem se demorar nos assuntos.¹⁵⁹

Na descrição do personagem, Amélia possibilita o estabelecimento de conexões com a realidade à medida que descreve os modos e modas que chamavam a atenção e ganhavam os espaços cariocas e também quando expressa o lugar de destaque ocupado pelos intelectuais que realizavam palestras, amadores das letras e arte. Era aquele seu lugar de fala. Embora ficcional, a produção escriturística é parte de um movimento dinâmico que traz as marcas do cotidiano.

¹⁵⁸O romance *Angústia* foi uma obra publicada em 1913. Ambientado no Rio de Janeiro da *Belle Epoque*, traz como protagonistas Teresa, mulher bela e que se queria liberta das amarras e impedimentos idealizados pelo esposo Artur Lourenço, homem inteligente, sofisticado, mas que não aceitava os enfrentamentos diários da esposa. No fim da trama, o casal se divorcia.

¹⁵⁹ BEVILÁQUA, 1906. p.11.

Teresa, a esposa de Arthur Lourenço, mulher elegante também, é minuciosamente descrita, como se evidencia:

Antes de partir, avistei, de repente no fim da espaçosa abóboda, que forma o vestíbulo da estação, uma elegante senhora. Vinha caminhando, muito descuidadamente, e sem prestar nenhuma atenção ao movimento que se desdobrava com tanta alegria, por toda a Avenida. Trajava um vestido de *linon* azul marinho enfeitado de preto¹⁶⁰.

Em outro momento, a descrição da saída de Teresa também reflete as marcas da civilidade em seus trajes:

Depois do almoço metodicamente veste-se e vai passear. Todos os sábados aparece na Rua do Ouvidor, arrastando um luxo desmesurado. É, por isso, acompanhada por uma imensidade de olhares.¹⁶¹

Ela, assim como os novos fluminenses de seu tempo, adequa-se aos novos moldes da civilização com sua elegância. Esses personagens são representativos da sociedade carioca e podem ser compreendidos a partir da análise de Nobert Elias em seu clássico *O processo civilizador*¹⁶². Nessa obra, destaca-se de que maneira a civilização dos hábitos repercute na vida dos indivíduos e como esse processo influenciou a história das sociedades. Os personagens de Amélia encontram-se imersos nesse processo em que se vê a necessidade de polir e padronizar os corpos e a cidade. Os jornais da época incorporam essa discussão.

¹⁶⁰BEVILÁQUA, 1913,p 13.

¹⁶¹ BEVILÁQUA, 1913,p.13.

¹⁶²ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.



Figura 5: A civilidade dos hábitos deu um novo tom às ruas cariocas. Fonte: O RIO em flagrante. Revista *Fon Fon*.Rio de Janeiro, ano 01, n.01,1907,p.6.

De acordo com Sandra Pesavento ao tempo que a base paisagística carioca altera-se, modificam-se também as práticas sociais, costumes e valores. Estes foram representados literariamente por aqueles que vivenciaram a sequência das mudanças. Assim tanto a literatura quanto a vida literárias dos intelectuais do universo cultural escriturístico traduziam aspirações e crenças.

Dessa forma, os produtores da vida literária brasileira se constituíam como artífices de um imaginário social sobre o urbano e se apresentavam como leitores privilegiados da cidade. Ora, encontrando-se na Garnier, na Laemert, na Revista Brasileira, na Briguiet, na Azevedo, no sebo do velho do João Martins, no Jockey Club, cópia nacional dos salões literários franceses onde ocorriam muitas conferências, ou mesmo na Rua do Ouvidor preexistente à reforma urbana, tradicional ponto de encontro onde a elite se reunia para discutir, observar o movimento e fundamentalmente, para ser vista¹⁶³, os produtores da vida literária carioca e brasileira se faziam notar.

Entender qual a formação desses intelectuais, o que liam, onde trabalhavam, quais espaços frequentavam e como se exprimiam é fundamental para o entendimento dos

¹⁶³ PESAVENTO,2002, p.32.

significados que os mesmos construíam sobre as relações sociais e cenários que emergiam no novo século. Para entender Amélia e suas percepções sobre aquele Rio é necessário, portanto, direcionar o olhar para o meio social que constituiu suas experiências.

Habituada no Rio de Janeiro no ano de 1906, ela participa do Terceiro Congresso Científico Latino, realizado em agosto daquele ano. Neste os estudiosos da época se dedicavam a debater sobre as disciplinas que deveriam compreender o plano de estudo do curso primário para que os sujeitos fossem instruídos com eficiência. O discurso que Amélia proferiu no Congresso foi publicado em 1907 na *Revista Literatura e Direito*¹⁶⁴, e intitulou-se Instrução e Infância. A revista e o trabalho apresentado na exposição foram fruto da parceria entre Amélia e o esposo Clóvis Beviláqua. Em nota, ela justifica que realizou a publicação devido a pedidos do público.

A conferência marca a chegada de Amélia ao Rio e revela seu posicionamento em relação à importância da educação e da formação de um espírito completo. Para ela:

Ninguém desconhece as inúmeras vantagens do aperfeiçoamento na ciência geográfica, estudo muito interessante que nos transporta ao conhecimento de todos os países do mundo, como se fizéssemos através deles uma viagem plena. Os conhecimentos da história também tem grande vantagem na cultura do espírito. Todos devem saber ao menos o que se passa no seu país. Geometria, física, química, astronomia, botânica e principalmente filosofia, a mais ampla, mais variada e sedutora dentre as ciências, são todas necessárias ao espírito quase como o alimento ao corpo.¹⁶⁵

Dessa forma, ela expõe seu pensar libertador e relaciona a educação ao meio pelo qual a sociedade e, sobretudo, as mulheres fugiriam do enclausuramento. Em se tratando da ausência dessas disciplinas, ela ressaltava que “passamos sem elas, porém ficamos como o enclausuramento que sente o espírito sem expansão, sem espaço. Por meio dos conhecimentos é que nos dominamos e tomamos direção.”¹⁶⁶

Assim, apresenta-se e não só como esposa de um grande intelectual, mas, sobretudo, como mulher detentora de saber e pertencente ao universo de mulheres intelectualizadas que se ampliavam desde o século XIX. Assim vai se fazendo notar no tempo em que as rodas literárias preenchiam-se de conversas sobre o Brasil que se queria, os modos e como suas falas eram importantes para reconfigurar o cotidiano que se forjava. Era preciso elevar o país

¹⁶⁴ A Revista foi publicada em parceria com Clóvis Beviláqua. BEVILÁQUA, Amélia; BEVILÁQUA, Clóvis. *Revista Literatura e Direito*. Rio de Janeiro: ,1907.

¹⁶⁵ BEVILÁQUA, Amélia. Instrução e Educação da Infância. In: BEVILÁQUA, Amélia; BEVILÁQUA, Clóvis. *Revista Literatura e Direito*. Rio de Janeiro, 1907. p.15.

¹⁶⁶ BEVILÁQUA, Amélia. Instrução e Educação da Infância. In: BEVILÁQUA, Amélia; BEVILÁQUA, Clóvis. *Revista Literatura e Direito*. Rio de Janeiro, 1907.p. 16.

a um lugar com identidade reconhecida. Amélia percebia a importância da palavra escrita e por isso escrevia, mesmo sob a possibilidade de não ser lida por todos, mas cria convictamente que sua visão sobre o mundo poderia contribuir para reconfigurar e dar um novo tom a certas práticas. Em sua prática escriturística¹⁶⁷, ela buscava não apenas apresentar o meio social em que vivia, mas também interferir no mesmo.

Embora muitos ainda olhassem com desconfiança para as mulheres que chegavam ao espaço público, a admiração em relação aos homens que pertenciam ao universo escriturístico era notória, aspecto justificado também pelo cronista João do Rio. Atento aos movimentos que se apresentavam ele também dissertou a respeito dos intelectuais no início do século: “o Homem que escreve é sempre um ídolo”.¹⁶⁸ Para o cronista, aquele era o tempo dos literatos, sobretudo pelo papel militante por eles exercido. E esclarecia:

Somos um país de poetas! Em cada esquina encontra-se uma escola de arte, em cada café corre desabrido esse processo epicamente nacional de nova literária, no interior das livrarias fervilhavam as novas escolas de arte.¹⁶⁹

Nesse ponto, o encontro entre João do Rio e Amélia é plausível. Ele apresenta, em sua descrição, os espaços cariocas frequentados e vivenciados por Amélia e pelos amantes das letras. Em entrevistas,¹⁷⁰ ela descreve os lugares que marcaram suas andanças. Era nas livrarias, nas ruas, cafés e espaços de conferências que ao lado do esposo ela se fazia notar. Ela utiliza aquele lugar social para se apresentar enquanto mulher escritora.

Nesse sentido, vale questionar que homens constituíam aquele espaço e como a cidade era por eles percebida. Aquele era o Rio de Olavo Bilac, Coelho Neto, Filinto de Almeida, Padre Severiano de Resende, Félix Pacheco, João Luso, Guimarães Passos, Lima Campos, Silvio Romero, Silva Ramos e Afonso Celso. Mas também era o Rio de Gilka Machado, Julia Lopes de Almeida e Amélia Beviláqua. Era o momento literário. Sobre a importância desses artistas da palavra, Olavo Bilac elucidava em entrevista a João do Rio:

A arte não é, como ainda querem alguns sonhadores ingênuos, uma aspiração e um trabalho a parte, sem ligação com as outras preocupações da

¹⁶⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹⁶⁸ É com o objetivo de dar voz a alguns desses ídolos que ele publica *O momento literário* onde reúne notícias e entrevistas dos nomes da elite intelectual brasileira. Neste ele ressalta que os intelectuais pertencem e são constituídos por um tempo e lugar social, em suas palavras “ora, todo romance no fundo é uma autobiografia e o bom crítico é aquele que conta as aventuras da própria alma entre as obras-primas”. Cf.: RIO, João do. *O momento literário*. Paris: Garnier, 1905. p.2.

¹⁶⁹ RIO, 1905, p.3.

¹⁷⁰ VELHO, Cosme. Notas literárias: Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 84, n. 323, 1910.

existência. Todas as preocupações humanas se enfeixam e misturam de modo inseparável[...] A arte de hoje é aberta e sujeita a todas as influências do meio e do tempo: para ser a mais bela representação da vida, ela tem de ouvir e guardar todos os gritos, todas as queixas, todas as lamentações, do rebanho humano¹⁷¹

Nesse sentido, a voz de Olavo Bilac contribui para afirmar a importância do ressoar das vozes dos intelectuais, pois segundo ele:

[...]somente um louco, -ou um egoísta monstruoso- poderá viver e trabalhar consigo mesmo, trancado a sete chaves dentro do seu sonho indiferente a quanto se passa, cá fora, no campo vasto em que as paixões lutam e morrem, em que anseiam as ambições e choram os desesperos, em que decidem os destinos dos povos e das raças.¹⁷²

O Rio em sua perspectiva se constituía como “perpétuo cenário de apoteose de visarse das janelas –o cenário do Rio com seu estrépito de sons e de cores, o tumulto das ruas estreitas”¹⁷³ e prossegue, “os montes escalavrados de casas, o perfume dos jardins e a enorme extensão da baía ao fundo”. Para além da paisagem, o Rio de Janeiro era um verdadeiro lar de artistas. Era uma cidade cujas ruas estreitas recebiam mudanças influenciando os hábitos que deveriam civilizar-se conforme os moldes europeus. Imersa naquele *lócus*, Amélia Beviláqua se insere em meio à cultura letrada de seu tempo.

Em seu lar, ela recebia estudantes que se deslocavam de diversos estados da nação para a Rua Barão de Mesquita. Lá chegando, o primeiro aspecto por eles observado e destacado em biografias sobre Clóvis e registros hemerográficos era a cumplicidade que embalava o relacionamento. Cumplicidade também registrada nas cartas já mencionadas e nas fotografias do casal.

Os vestígios esclareçam que o espaço da casa era utilizado para a realização de rodas literárias. Os vestígios revelam também que eles consumiram outros espaços, sobretudo aqueles vivenciados pela classe média.

Os ambientes de conferência foram alguns dos lugares que marcaram a chegada de Clóvis e Amélia no meio carioca. Experiências que podem ser observadas pelas notas do jornal *Diário de Notícias*, na edição do dia 9 de abril de 1934:

No próximo dia 10 do corrente, às 16 horas no salão de conferências da Escola Nacional de Belas Artes, realiza-se a sessão pública das conferências

¹⁷¹ BILAC, Olavo. Bilac. In: RIO, João. *O momento literário*. Paris: Garnier, 1905.

¹⁷² BILAC, Olavo. Bilac. In: RIO, João. *O momento literário*. Paris: Garnier, 1905.

¹⁷³ BILAC, Olavo. Bilac. In: RIO, João. *O momento literário*. Paris: Garnier, 1905.

do Dr. Clóvis Beviláqua sobre ‘A doutrina jurídica’ de Oswald Spengler e de Dona Amélia Beviláqua ‘A alma universal’, conferências estas que pertencem ao curso anual que o referido centro da Faculdade de Direito mantém para estudo e crítica da filosofia spengleriana.¹⁷⁴

Por diversas vezes, Amélia e o esposo foram notícia nos jornais cariocas, o que se constituía como reconhecimento pela dedicação de ambos ao universo da intelectualidade, mas também pela notória felicidade conjugal que compartilhavam. *O Malho* evidencia tais aspectos ao ressaltar que:

[...] se existe no mundo a felicidade conjugal ninguém pode disputar o cinturão de ouro ao casal Clóvis-Amélia de Freitas Beviláqua. É tal a identificação e a sinceridade entre esses dois espíritos nascidos para viverem num planeta menos mau e menos fatigado que o nosso, que a gente não sabe dizer onde começa o afeto de um e onde acaba a ternura de outro. Não existe aí divisor. A surpreendente identificação entre essas duas almas é um fenômeno superior a tudo o que possa existir de convencional e dogmático na sociedade em que vivemos. Resiste a protocolos, a horários e a irreverência das multidões.¹⁷⁵

Apresentando-se como um casal cuja trajetória intelectual desperta a atenção, *O Malho* destaca que “seria por todos os aspectos curioso saber como vivem na intimidade essas duas figuras que o Brasil admira.”¹⁷⁶ Para tal, os entrevistadores se deslocaram até a residência de Amélia localizada à rua Barão de Mesquita. Para a revista, o lar dos Beviláqua era “símbolo da ventura doméstica que nem todos poderão facilmente sentir e compreender”.¹⁷⁷

¹⁷⁴ CONFERÊNCIA [...]. *Diário de notícias*. Rio de Janeiro, abril, 1934. p. 8.

¹⁷⁵ NA INTIMIDADE [...] *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 31, out.1933. p.6.

¹⁷⁶ NA INTIMIDADE [...] *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 31, out.1933.p.6.

¹⁷⁷ NA INTIMIDADE [...] *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 31,out.1933.p.6..



Figura 6: Residência de Clóvis e Amélia Beviláqua no Rio de Janeiro. Fonte: NA INTIMIDADE[...] *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 31, out. 1933, p. 7.

A casa é descrita como um espaço sempre receptivo aos visitantes e, sobretudo, aos estudantes que veneravam a sabedoria do casal que residia naquele ambiente, tal como apresenta *O Malho*:

A casa do grande brasileiro é sempre procurada por muitos estudantes que encontram na hospitalidade e no gênio amável de sua esposa um estímulo aos estudos e ao gosto literário. Dona Amélia de Freitas Beviláqua é uma animadora do espírito. Sabe fazer amizades e dedicações. Os estudantes a veneram.¹⁷⁸

¹⁷⁸ NA INTIMIDADE[...] *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 31, out. 1933, p. 6.

Era também um espaço que fugia à norma padrão por ter como habitantes muitos animais que agitavam o ambiente. Sobre o cotidiano na casa, a matéria destacava que:

Mora ali a família mais numerosa do mundo. Não que sejam muitos os seus descendentes. Mas por que o espírito bondoso franciscano do grande jurisconsulto consciente que ele transforme seu lar num verdadeiro museu. Vivem ali numa perfeita harmonia, criaturas, pássaros, criações. São canários, periquitos, papagaios, macaquinhos, gatos, galinhas, pintinhos, coelhos, patos, pombos, perdizes, toda a fauna graciosa e doméstica espalhada dentro de casa e no quintal em compartimentos próprios.¹⁷⁹



Figura 7: A família Beviláqua e sua criação de animais. Fonte: NA INTIMIDADE [...] *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 31, out. 1933, p. 6.

Na entrevista, Amélia é apresentada como uma mulher pertencente ao universo do lar e ao letrado, à ordem e à desordem, ao privado e ao público. Ela pode ser percebida como uma rebelde a seu modo. E foi por meio de sua escrita que ela apresentou os elementos que comprovavam essa rebeldia.

¹⁷⁹ NA INTIMIDADE[...] *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 31, out. 1933, p. 6.

A casa de Amélia Beviláqua também era ponto de encontro da intelectualidade carioca, como informa *O Malho*¹⁸⁰, bem como algumas biografias de Clóvis Beviláqua.¹⁸¹ Amélia Beviláqua, por vezes, virou notícia. Sua atividade intelectual despertava a atenção da imprensa e de múltiplos olhares. Jornalistas costumavam direcionar-se à sua residência a fim de observar o dia a dia da autora e o ambiente de suas produções.

Bugyja Britto, ao visitar a casa de Amélia em 1932, descreve intimidade da casa, cercada por um notável jardim, uma considerável quantidade de animais que circulavam por entre os visitantes e milhares de livros. Vê em Amélia uma senhora conversadeira e curiosa nos pedidos de informações sobre os parentes do Recife e notícias do Piauí e revelava inteligência, boa memória e conhecimentos variados.¹⁸²

Joaquim Ribeiro; Diocleciano Martins de Oliveira; Odilo Costa Filho; Alfredo Horcades e o seu sobrinho Archibaldo Horcades; Osmundo Lima; Brígido Tinoco; Faustino Nascimento; Clóvis Rodrigues e Francisco de Assis Barbosa estiveram entre os que visitaram a residência de Clóvis e Amélia. Segundo Bugyja Britto, havia os frequentadores recorrentes e os eventuais que apareciam apenas por curiosidade. A maior parte dos frequentadores da residência de Amélia eram homens de alta cotação nas letras nacionais, figuras elevadas da magistratura carioca e fluminense, políticos de relevância e estadistas de crédito¹⁸³. Em datas especiais como aniversários, costumavam reunir-se professores, historiadores, literatos e juristas.

Ao relatar seu cotidiano aos que visitavam seu lar, Amélia registrava que ao labor intelectual juntava-se o tempo gasto para cumprimento de atividades sociais, fazer e retribuir visitas, manter palestras em sua residência, bem como comparecer a festas íntimas.

Outro hábito do casal era o comparecimento à tarde às livrarias como a Laemmert e a Garnier, a Alves e a Freitas Bastos. Nestes espaços, costumavam encontrar estudantes, admiradores, amigos, homens de letras, pessoas com as quais viam as novidades, debatiam os temas em voga, analisavam os livros, realizavam palestras e conferências, sempre juntos. O flunar pelas ruas cariocas também se constituiu como parte da vida cotidiana, o que lhe conferia um pano de fundo para composição de seus escritos, pondo-a como consumidora daquele meio e uma figura histórica a partir da qual se podem evidenciar aspectos do cotidiano dos grupos letrados e como esse meio interferia em suas produções.

¹⁸⁰ NA INTIMIDADE[...] *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 31, out. 1933, p.6.

¹⁸¹ BRITTO, 1978.

¹⁸² BRITTO, 1978.

¹⁸³ BRITTO, 1978.

Ao destacar autores e situações que mais influíram em sua formação ela ressalta as experiências com a natureza, a dor e as leituras dos livros de Zola, Maupassant, Gorki, Flaubert, Turguenief, Pierre Loti e por fim destaca como fora seduzida pelo estudo da filosofia. Seus ideais de liberdade podem ser analisados quando a literata discute suas preferências políticas, ao declarar que acima de tudo deveria prevalecer “a liberdade de sentir, de ser justa, lealmente sincera, seguindo sempre o caminho da verdade e jamais a escravidão abominável perturbante que tanto humilha as criaturas”¹⁸⁴

Questionada sobre a distração que mais a atraía, Amélia, contando já 72 anos, ela afirma que não frequentava nenhum divertimento, raramente comparecia a alguma solenidade literária, fazia excursões pela Tijuca e Silvestre. Informa que caminhava pelas ruas para fazer exercício, visitava livrarias e que as reuniões nas tardes de domingo em sua casa eram seus maiores divertimentos. Amélia ainda apresenta sua rotina, elucidando que sempre dormia tarde e acordava às 6h, arrumava a casa, preparava o café e das 8h às 11h era o período diário reservado à escrita. O turno da tarde era reservado a fazer e a receber visitas e a caminhar pelas ruas cariocas. À noite, aproveitava para ler os jornais e se inteirar das novidades literárias.



Figura 8: Amélia Beviláqua, esposo, filhas, netas, livros e seus animais de estimação. Fonte: NA INTIMIDADE[...]O Malho, Rio de Janeiro, ano 31,out.1933,p.6.

¹⁸⁴NA INTIMIDADE[...]O Malho, Rio de Janeiro, ano 31,out.1933,p.6.

Questionada sobre a manifestação de suas primeiras tendências para sua escolha pela carreira, Amélia responde que, antes mesmo que soubesse ler, costumava copiar em sua memória trechos de palestras que a agradavam e sobre as quais ela acrescentava suas notas e percepções. Ressalta que sempre teve amor pela arte, uma inclinação que “ressoava em meus sentimentos e me transportava a um mundo sobrenatural”. De acordo com ela: “era ali que eu encontrava as fontes de todos os meus ideais e onde, humildemente, admirava os trabalhos dos outros e compreendia a sublimidade do gênio, da grandeza de saber...”¹⁸⁵

Amélia escreveu e publicou mais intensamente a partir dos 40 anos. Publicou artigos, contos, memórias, poemas e folhetins na imprensa do Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco. Liderou o grupo de mulheres composto por Edwiges Sá Pereira, Francisca Isadora, Maria Orlando, Úrsula Garcia, Ana Nogueira que deram vida à revista *Lírio*, mas foi por meio da publicação de romances que Amélia mais se destacou. Por tais publicações, foi considerada pelo intelectual J. Cavalcanti como a “maior das romancistas brasileiras.”¹⁸⁶ Dentre suas publicações pode-se destacar *Alcyone*¹⁸⁷, *Através da Vida*,¹⁸⁸ *Aspectos*, *Angústia*¹⁸⁹, *Instrução e educação da infância*, *Vesta*¹⁹⁰, *Jeannette*¹⁹¹, *Açucena*, *Jornadas pela infância*¹⁹², *Impressões*¹⁹³, *Silhouettes*¹⁹⁴, *Literatura e direito*, *Flor do orfanato*, *Divagações sobre a consciência e Alma universal*. Obras que versam sobre temáticas diversas e a partir das quais se podem apreender aspectos de todo um corpo social.

No Rio, Clóvis e Amélia publicaram juntos a revista *Ciências e Letras*, divulgava artigos, apreciações sobre escritores, livros, bem como notícias que interessavam às letras nacionais. Uma publicação sem fins lucrativos, tendo em vista que as despesas eram custeadas pelo casal, que contou com a colaboração de Mario Barreto, João Ribeiro, Clodoaldo e Lucídio Freitas, Farias Brito, Solidônio Leite, dentre outros que compartilhavam saraus literários proporcionados por D. Amélia e seu esposo.

¹⁸⁵ NA INTIMIDADE[...] *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano 31, out. 1933, p.6.

¹⁸⁶ CAVALCANTI, J. Amélia Beviláqua e a ABL. In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Topoi, 1930.

¹⁸⁷ BEVILÁQUA, Amélia. Alcione. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 2, n. 1, p.16-33.

¹⁸⁸ BEVILÁQUA, 1906.

¹⁸⁹ BEVILÁQUA, 1913.

¹⁹⁰ BEVILÁQUA, Amélia. *Vesta*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1909.

¹⁹¹ BEVILÁQUA, Amélia. *Jeanette*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1928.

¹⁹² BEVILÁQUA, Amélia. *Jornadas pela infância*: memórias. Rio de Janeiro: J. Borsoi, 1940.

¹⁹³ BEVILÁQUA, Amélia. *Impressões*. Rio de Janeiro: Typografia Bernard Freres, 1929.

¹⁹⁴ BEVILÁQUA, Amélia. *Silhouettes*. Recife: T.Garnier, 1906.

Intelectuais e espaços de cultura ganhavam cada vez mais espaço nas páginas dos jornais e das revistas. Fato que pode ser observado na análise da revista *Fon Fon*¹⁹⁵. Os olhares e as câmeras voltavam-se para captar o dia a dia destes espaços e de seus frequentadores e a partir do registro desses olhares podem-se identificar experiências, lugares e formas de consumo. Olhando para esses lugares, pode-se identificar também o Rio de Amélia Beviláqua. O Rio por ela vivenciado era o cultural, formado por espaços constituídos e experienciados pelos homens de letras, percebidos como “gente fina de espírito” que viam em ambientes como a Livraria Garnier um *locus* de pertencimento.

Os espaços consumidos por Clóvis e Amélia cotidianamente nas três primeiras décadas do século XX eram predominantemente as agremiações literárias. Trata-se dos anos em que Amélia publicou a maior parte de seus romances, portanto estava com todo vigor intelectual, embora já não fosse a mulher que outrora trocava cartas com Clóvis.

As obras de Amélia deixam evidente sua passagem pelos espaços públicos. Sua descrição a respeito das ruas, e do movimento que as envolvia, é fruto de um flunar acompanhado de olhar atento que percebe nas ações dos personagens dos meios sociais um laboratório para elaboração de seus textos. As conversas nos bondes, nas feiras, o movimento nas livrarias e nas exposições, os movimentos agitados no Largo de São Francisco de Paula, a dinâmica nos pontos de bonde, a moda expressa em chapéus, vestidos e sapatos, as festas são reveladoras deste aspecto. Além disso, veem-se também em suas obras detalhes sobre o comércio avassalador na Rua do Ouvidor, outrora avaliada por João do Rio como o coração da capital federal onde as sociabilidades se estabeleciam com maior intensidade.

No contexto percebia-se cada vez mais crescente, efetiva e constante a atuação da mulher na vida literária, educacional e artística à medida que tal dinâmica se amplia, cresce entre os homens um duplo movimento: aqueles que começam a reconhecer a ascendência da mulher ao espaço público e os que ainda buscavam por meio de críticas mantê-las afastadas deste cenário.

De acordo com Maria Lígia Prado e Stella Scatena Franco, o grupo de mulheres escritoras buscava encontrar meios para burlar as ressignações impostas e que ainda se fazia presente, apresentando-se não como meras vítimas, mas, sobretudo, como personalidades que

¹⁹⁵REVISTA *Fon Fon*.ano 1,n.1, ago. 1907.

se utilizavam de seus anseios por liberdade para alcançar novos patamares.¹⁹⁶ Mulheres possíveis, mas que chamavam a atenção e cujas ações repercutiam negativamente.

Amélia Beviláqua consumia e falava sobre os espaços por ela vivenciados em suas produções. Aquele espaço marcado por tensões de ordem sociocultural, em que se definiam novas formas de construir uma identidade para a nação, um meio ainda imerso sob o “inferno social”, como apresenta Sevcenko.¹⁹⁷ Aquele cenário foi por ela vivenciado, incluindo os avanços conferidos ao seu gênero, bem como as pequenas aberturas conquistadas. No entanto, ao não se enquadrar no modelo de beleza e elegância exigidos socialmente, ao fazer de seu lar um espaço repleto de animais, ela foge das normas e rompe com as convenções.

Como já evidenciado, foi na capital federal, palco das principais decisões da nação, que Amélia constituiu sua carreira. Compreender esse movimentado Rio de Janeiro no século XX se constitui como elemento fundamental para compreensão de aspectos que perpassam suas produções. O Rio se faz presente em Amélia. Suas personagens mostram-se atentas aos moldes inaugurados pela modernização. As discussões de seus romances em muito se relacionam às múltiplas tensões que ali se apresentavam. Entretanto, dizer que o Rio de Janeiro marca a trajetória de Amélia não é sinônimo de defini-la como “carioca”. Embora presente naquele processo, Amélia não se ajusta de todo aos novos paradigmas que emergem.

2. 4 A experiência escriturística de Amélia Beviláqua

A inserção de Amélia no universo da intelectualidade carioca deu-se a partir de 1906 quando a mesma chega com o esposo ao Rio de Janeiro. Desde 1899, Clóvis realizava viagens a esse espaço a fim de cooperar para a elaboração de um Código Civil brasileiro que seria publicado em 1916 sob sua autoria. O ano de 1899 marcou o início da escrita do seu mais reconhecido trabalho a convite do Ministro da Justiça. Embora recebesse críticas mordazes como a publicada por Ruy Barbosa no jornal *A Imprensa*, permaneceu com seu projeto. Em razão dessas críticas, ele redigiu o documento *Em defesa do Projeto o Código Civil Brasileiro*, publicado em 1906, uma reunião de todos trabalhos escritos desde 1900, defendendo-se das críticas elaboradas a seu respeito e relacionadas à construção de um Código Civil. Ao tempo que Clóvis manifestava anseio em contribuir com a nação, Amélia atuava como redatora de *O Lírio*. Quando em Recife, escrevia para os principais jornais, tendo

¹⁹⁶ PRADO, Maria Lígia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro, In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p.207.

¹⁹⁷ SEVCENKO, 1988, p.51-67.

seu nome sempre expresso entre os das mais citadas escritoras da época. Tendo cessado a publicação dos números da revista em 1904, o deslocamento para o Rio se apresentou como opção coerente.

Os primeiros anos após a chegada foram intensos. Naquele 1906, por exemplo, ela publicou quatro obras: *Aspectos*, quando ainda estava em Recife, *Instrução e educação da infância*, *Através da vida* e *Silhouettes*, no Rio de Janeiro. Provavelmente tais obras foram concebidas em anos anteriores e só publicadas naquele momento que marca sua transição de literata regional, esposa de um literato e pensador do Direito, para o status de romancista nacional, como a descreveram alguns de seus leitores.

As obras revelam a sensibilidade de uma mulher atenta aos desafios do universo feminino e discutem em suas entrelinhas a necessidade de as mulheres se posicionarem e construir para si uma nova forma de ser. *Através da vida* apresenta as vivências de Maria da Luz. Representativa do tempo de transição e dos conflitos que se faziam presentes no interior daquelas que buscavam por suas práticas assumir papéis tidos como masculinos. A obra apresenta como cenário o interior cearense e pernambucano no período de grandes estiagens que marcaram os oitocentos. Neste cenário, a personagem é criada juntamente com os tios e irmãos, mas percebe as diferenças concebidas, sobretudo em se tratando da questão educacional.

Seus tios não percebiam como necessária uma educação para alguém cuja vida voltava-se para o exercício dos papéis de mãe, esposa e dona do lar. Daluz, entretanto, buscava “seu lugar ao sol”. Tem seu pedido atendido e começa a se inserir no universo das letras, entretanto a chegada de um primo, o Francisco, elimina suas expectativas, pois os recursos a ela direcionados passam a ser dirigidos a ele. Retratando o século que acabara de findar-se, Amélia expõe, por meio dessa obra, no palco da capital federal, a situação sob a qual viviam inúmeras mulheres. Assim, naquele espaço ela se apresenta como porta-voz das mulheres do seu tempo. Com escrita simples e dando voz ao psicológico dos personagens, ela discute a difícil escalada da mulher no mundo da instrução.

Mesmo morando no Rio de Janeiro, Amélia Beviláqua torna-se a primeira mulher a ocupar cadeira na Academia Piauiense de Letras (APL), sendo admitida devido a um decreto especial da entidade.¹⁹⁸ Na APL, Amélia ocupou a cadeira nº 23, que tinha como patrono seu primo Lucídio Freitas. Segundo Regina Coelli de Moura Carvalho, era muito estimada entre os acadêmicos e publica uma série de contos na revista da instituição como Um aniversário,

¹⁹⁸ ROCHA, Olívia Candeia Lima. Uma perspectiva da inserção literária da mulher piauiense entre 1875 e 1950, *Cadernos de Teresina*, Teresina, ano 14, n. 33, ago, 2012. p.11.

dedicado ao marido Clóvis Beviláqua; Teresinha, a respeito das fantasias femininas, dedicado à filha Dóris; O artista sobre um jovem pintor que busca a aprovação de sua arte pelo rígido mestre; e Alcione que apresenta os enlances da vida conturbada de uma jovem que acaba se suicidando. Passa a ser conhecida entre grandes nomes nacionais como Sílvio Romero e Araripe Júnior, deixando de ser um talento provinciano e tornando-se uma escritora nacional.

No ano seguinte, 1907, sua atuação no meio intelectual intensificou-se. Foi nesse momento que, em colaboração com o esposo Clóvis Beviláqua, lançou a *Revista Literatura e Direito*. A obra foi publicada pela editora da Livraria Magalhães, que era baiana. Toda a primeira parte era responsabilidade de Amélia. Nesta, ela publicava textos literários tratando sobre questões diversas, tais como *O artista, Um quadro, Marta, Instrução e educação da infância, Contrastes, Carnaval*, dentre outros. A segunda parte da revista era pertencente a Clóvis onde ele estampava vários estudos jurídicos e filosóficos como os textos *O direito como entrega educativa, Ideal de justiça, Os elementos psíquicos da evolução da propriedade, Os estudantes da Faculdade de Direito do Recife*, texto escrito ainda em Recife quando se despedia da Faculdade de Direito do Recife no ano anterior com o propósito de exercer as funções de Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores.

Em 1908, ela publicou a obra *Vesta*, que traz como protagonista Verônica, uma moça de classe média que foi para um colégio de freiras no Rio de Janeiro. Ao retornar para o Recife, casa-se com Ewerton, rapaz que não a fez feliz. Por meio de seus discursos, percebe-se a representação do enclausuramento real e simbólico sob o qual vivia a mulher, pois qualquer pensamento de sua parte era podado. Tinha um pensamento diferenciado, talvez em decorrência da boa educação sob a qual fora instruída e sentia frêmitos de mudanças, sobretudo quando percebe a falta de sentimentos por parte do esposo.

Um crítico do *Jornal do Comércio* ressaltou que no romance *Vesta* Amélia expressa uma grande saudade de sua terra. Em se tratando da personagem, ele registra seu posicionamento ressaltando que a personagem Vesta¹⁹⁹ sucumbe por ter um espírito perturbado:

As apreciações sobre escritoras brasileiras prosseguiram[...] as primeiras tiras de papel referentes a autora de *Vesta* ocupam-se da vida doméstica da escritora. Casada com um dos nossos mais notáveis juristas que também é um fino literato. D. Amélia Beviláqua representa o tipo mais perfeito e acabado da consorte de um homem de letras e de um pensador filósofo. A tranquilidade do lar constituído por esse par feliz mereceu do prefaciador do livro *Alcione* palavras que subscrevo cuido que não me enganei quando no álbum da família escrevi algumas palavras fazendo voto pela perpetuidade do casal venturoso que se me afigurava destinado a realizar a

¹⁹⁹ Apelido de Verônica.

lenda de Philemon e Baucis. Era impossível que a meu espírito passassem desapercibidos o sossego e a tranquilidade e, direi mesmo, a poesia instintiva de grandeza moral que se respira no recinto de uma família inteiramente empenhada em fortalecer as ideias do seu chefe.²⁰⁰

Observa-se nesse ponto um pouco da recepção e do consumo das obras de Amélia Beviláqua que elevavam cada vez mais seu nome no fortificado meio intelectual carioca. Os críticos apreciavam sua escrita, criticavam personagens e, sempre que ela lançava uma nova produção, aproveitavam para tecer comentários e recomendá-la ao público que costumava se inteirar dos romances nacionais.

Em 1913, ela dá mostras de um olhar atencioso aos movimentos e relações sociais que se estabeleciam na sociedade carioca e publica *Angústia*. Sua maior e melhor produção, portanto, deu-se nesse início de século, momento em que já contava com a experiência de redatora-chefe de uma revista nacional e com arcabouço para expor sua maturidade intelectual. O romance possibilita encontrar as tensões e debates em torno do amor, do divórcio e principalmente reações masculinas diante das novas ousadias das mulheres.

As marcas das produções intelectuais de Amélia ficaram registradas nos principais jornais da época desde os primeiros anos de sua estada no Rio. É o que apresenta o *Jornal do Comércio* em 1º de fevereiro de 1913 quando anuncia que, sob a direção de Amélia de Freitas Beviláqua e Clóvis Beviláqua, publicou-se o número 12 da revista *Ciências e Letras*, com variada colaboração. Trazendo um convite para ampliar as assinaturas da revista, o jornal corroborou no sentido de divulgar a produção intelectual de Amélia. No número referido, colaboraram Farias Brito, Rocha Pombo, Solidônio Leite, Mário Barreto, Sílvio Romero, Augusto Meira, Jackson de Figueiredo, Nestor Victor, Raoul de laGrasserie, Lucídio Freitas, Xavier marques, Max Fleiuss, Antonio Sales e outros nomes, o que denota as redes de interlocução estabelecidas no interior da cultura letrada.²⁰¹

Na apresentação da revista, a literata aproveitou para prestar homenagem àqueles que já estavam mortos, lembrando Machado de Assis, Guimarães Passos, Úrsula Garcia, Raimundo Correa. Sobre Euclides da Cunha lembra o primeiro contato com o escritor no Recife e comparando-o com um cearense, um “dos muitos que, de vez em quando, aportados ali, iam nos procurar”, aspecto que revela como desde o Recife a casa do casal intelectual era procurada por visitantes de outros estados, prática que se manteve no Rio de Janeiro, onde recebia “admiradores de todo o Brasil, tornando-se hábito as reuniões aos domingos, para um

²⁰⁰ VELHO, Cosme. Diálogos das novas grandezas do Brasil. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 84 n. 323, 1910. p.1.

²⁰¹ SOBRE A DIREÇÃO[...] *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano 87, n.32, 1913, p. 11.

chá ou mesmo um jantar”. Em seu relato, ela descreve a timidez do escritor e sua feição nobre de vestes modernas, de simples tratamento, oferecendo “à posteridade um retrato físico e moral de Euclides da Cunha”.

A revista tinha caráter mensal e se constituiu como uma das “melhores publicações da época, apresentação em bom formato, colaboradores selecionados, revisão perfeita.”²⁰² Ao término do primeiro ano de publicações, Amélia apresentou uma nota explicativa:

Há um ano inteiro que esta modestíssima revista anda dentro da vida, tem os matizes da natureza e respira alegremente os perfumes do bem-estar absoluto de uma criança animada e feliz. De ninguém se queixa, somente de agrados e considerações se tem cercado, quer do lado do público muito indulgente, aceitando-a carinhosamente, quer dos amigos que a pedem com insistência, colecionando-a como objeto de arte, e ainda dos ilustrados colaboradores. Imensamente gentis estes últimos. Doze vezes no decorrer do ano, a pequena sociedade de amigos de reuniu como devoto sem piedosa romaria. Não houve um minuto de desfalecimento nem um traço menos harmonioso. Cada um que entrava no templo o incensava com ternura enflorando-o com os magnificentes festões dos mais primorosos ramalhetes do coração.²⁰³

Assim, fazendo uso de linguagem poética, utilizando elementos da natureza e uma linguagem introspectiva, ela agradece pelo espaço que a revista alcançou.

Várias foram as formas de consumir esse movimento escriturístico conduzido por Amélia. Seu fazer intelectual não esteve isento de críticas. Humberto de Campos, crítico ferrenho das obras e da vida pessoal de Clóvis, é representativo nesse sentido. Bugyja Briytto destaca que se surpreende ao analisar o trabalho de Humberto de Campos cujo “o modo de relatar com aquela intenção pervertida, destilando babas de fel e fluidos de veneno reimoso”²⁰⁴ fazendo censuras ásperas aos romances e escritos de D. Amélia. Nos termos de Britto, para ter material e efetivar seu intento, resolveu visitá-la na Rua Barão de Mesquita, nº 572, onde jantou, conversou e recebeu presentes. Teve a oportunidade de ver os animais que habitavam o lar de Amélia e Clóvis, o quintal e jardim, as filhas e as instalações da residência. Dias depois, Humberto de Campos publicou um artigo menosprezando o que vira, dirigindo-se a Amélia como mulher que não sabia escrever. Ridicularizava também o ambiente da casa, a moda sertaneja em pleno coração carioca. Não faltavam, portanto, críticas tanto à produção quanto ao não enquadramento de Amélia à modernidade que se erguia. Humberto de Campos era, portanto, porta voz de um meio que via com desdém as produções e o modo de se portar das mulheres escritoras. Seu papel de mulher no lar, não era de “todo cumprido”. Ela não

²⁰² MEIRA, Silvio. *Clóvis Beviláqua: sua vida, sua obra*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1990.

²⁰³ MEIRA, 1990, p.270.

²⁰⁴ BRITTO, 1978, p. 111.

escolheu se dedicar inteiramente ao lar adaptando-o aos moldes da *Belle Époque* carioca, mas possuía junto com o esposo um padrão à sua moda própria, dedicando a vida às letras, escrevendo e lendo, comparecendo às livrarias e às festas sociais, passeando e observando as ruas cariocas, painel para muitas de suas produções. Além disso, recebia os amigos, jornalistas e curiosos que buscavam se inteirar do cotidiano do casal. As filhas, que também se dedicavam às letras, conhecendo inclusive o francês, possuíam liberdade para criar animais. Conforme Britto, que visitava com frequência o lar de Amélia:

É possível que existindo esses afazeres descritos e outros naturais, inclusive o de cozinhar, não sobrasse tempo para se fazer, ou se conservar a casa à moda moderna: tapeada, o piso encerado diariamente, objetos de adorno pelas paredes e em cima de mesas, e sala reservada somente para receber visitas, e não nessa sala e noutros cômodos haver estantes de livros, voaram pombos, ter gaiolas com pássaros cantadores, passarem eventualmente gatos e cães de estima, e pelo quintal cantarolarem os guinés.²⁰⁵

Na década de 1920, publica *Açucena*(1921), *Jeannete*(1923), *Milagre de Natal*(1928) e *Impressões*(1929). Parte de seu dia era dedicado a essas produções que expressavam sua forma de perceber as relações sociais e as reações femininas diante do ambiente androcêntrico e machista de sua época, caso do romance *Jeannete* cuja personagem principal, por meio de suas práticas, mostra as pequenas resistências, mudanças e aberturas ao gênero feminino. Destaca-se também a obra *Impressões* que apresenta uma Amélia atuante no universo da intelectualidade. Nesse volume, Amélia reuniu artigos apreciando obras e autores diversos em vários jornais e revistas. Nela, Amélia fala sobre o mérito dos estudos de intelectuais como João Ribeiro, Araripe Júnior, Silvio Romero, Rodrigo Otávio.

De acordo com o crítico Medeiros e Albuquerque na seção Notas literárias do *Jornal do Comércio*²⁰⁶, *Impressões* se constitui como um “formoso livro de estilo singelo e ameníssimo que se lê com avidez da primeira a última página sempre com interesse e admiração”. Os registros sobre suas andanças no universo escriturístico, portanto, se fazem perceber na imprensa da época.

Exemplo disso é o artigo publicado por Odilo Costa em junho de 1930 no *Jornal do Comércio*, intitulado Medeiros e Albuquerque e o Piauí no meio literário brasileiro. No artigo Odilo Costa põe em debate um artigo d’antes publicado por Medeiros e Albuquerque onde falou sobre a pouca representação literária de alguns estados brasileiros no cenário letrado da nação, a exemplo Mato Grosso, Goiás e o Piauí. Odilo Costa, porém, relativiza tal obscuridade, tendo em mente que foi em solo piauiense que nasceram Coelho Rodrigues,

²⁰⁵ BRITTO, 1978, p. 112.

²⁰⁶ NOTAS LITERÁRIAS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 102, n.59, mar.1929. p. 3.

Felix Pacheco, Alvarenga, Paranaguá e também Amélia Beviláqua. Assim, em meio a exemplos de “luminares da ciência da política, do direito, do jornalismo e da literatura”, de uma terra em que “o amor a instrução e do espírito da iniciativa literária que lá domina e constitui um belo apanágio de muitos homens de reconhecida cultura”, Amélia fez notar sua prática escriturística.

Na década de 1930, Amélia continuou publicando obras, contribuindo com os jornais e fazendo-se presente em conferências juntamente com o esposo. Durante essa década, publicou *A Academia Brasileira de Letras e Amélia de Freitas Beviláqua*(1930), *Divagações sobre a consciência*(1931), *Flor do Orfanato*(1931), *recordações do dia 07 de agosto de 1933*(1933) e *Alma Universal*(1935). Sua última publicação, *Jornadas pela infância*, ocorreu em 1940, seis anos antes de seu falecimento. Entre 1930 e 1940, continuou assumindo um lugar de notoriedade, sobretudo em decorrência da polêmica envolvendo a Academia Brasileiro de Letras. Destaca-se também em centros de conferências como o Oswald Spengler por onde passou repetidas vezes com o esposo Clóvis a fim de compartilhar suas ideias com estudantes e intelectuais renomados.

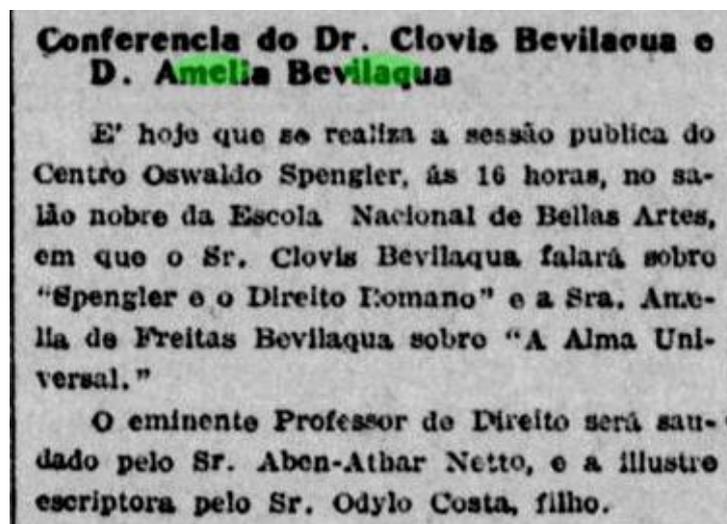


FIGURA 9: Divulgação de uma conferência de Clóvis e Amélia Beviláqua. Fonte: CONFERÊNCIA. *Jornal Do Comércio*, ano 107, n. 187, Rio de Janeiro, maio.1934, p.7.

Nesses encontros, Amélia percebia a boa repercussão de seu fazer intelectual e era sempre saudada por letrados que viam em suas obras o reflexo de uma mulher sábia, atenta aos debates da época, que contribuía também para o desenvolvimento do trabalho do esposo. Foi por essa razão saudada por Lindolfo Polielo como síntese expressiva dos atributos de ordem moral e afetiva que representava a mulher brasileira. Na década de 1930, seu trabalho

já estava consolidado e estava longe de ser apenas a esposa de um jurista reconhecido. Sua pena a fez notável. Seus discursos sobre divórcio, amor, casamento, educação feminina, o lugar da mulher, as transgressões, o nascimento de novas mulheres ou mesmo a análise da vida e obra dos literatos brasileiros, seus estudos sobre a filosofia e a natureza faziam parte de seu catálogo de temas debatidos. Suas produções revelam a profundidade de leituras muitas vezes deixadas explícitas nos romances. Amélia era leitora de Shakespeare²⁰⁷, Flaubert, Pierre Loti, Turguenief, Maupassant, Émile Zola, dentre outros. Apreciava e lia as produções brasileiras como consta em seus artigos da revista *Ciências e Letras* e do livro *Impressões*. Foi atuante e, utilizando suas armas, percorreu horizontes e lutou pela causa feminina.

Amélia fez parte de um contexto em que as mulheres começaram a alcançar o espaço público. O alcance e a repercussão de seu fazer são marcas desse processo, e tanto a crítica de Humberto de Campos, quanto o discurso de Odilo Costa, ou mesmo a saudação de Lindolfo Paoliello na faculdade de Direito de Niterói, mostram o reconhecimento de uma mulher nordestina que habitava um lugar que outrora era percebido apenas como pertencente ao homem.

Os últimos anos de Amélia, porém, foram marcados por problemas de saúde. Problemas que se agravaram e, sobretudo nos últimos anos a afastam do mundo da produção escriturística. Sua presença nas agremiações literárias foi se reduzindo, sobretudo com o emergir da década de 1940, momento em que ainda recebia visitantes aos domingos, mas que passavam longe de igualar-se aos saraus literários promovidos em sua casa repetidamente como na época da revista *Ciências e Letras*,²⁰⁸ a ida as livrarias e os passeios passaram a rarear. Alguns elementos, pertencentes a sua trajetória, no entanto, merecem a atenção e constituem o conteúdo dos capítulos subsequentes.

²⁰⁷ Isso pode ser observado no romance *Angústia* quando compara Arthur Lourenço a Oteló.

²⁰⁸ BRITTO, 1978, p. 120.

3 SER MULHER, SER ESCRITORA

Este capítulo busca compreender a condição da mulher escritora no Brasil nas primeiras décadas do século XX,²⁰⁹ relacionando tal condição às experiências de Amélia Beviláqua. Observa-se multiplicação de mulheres escritoras como um fenômeno de ordem mundial, a fim de localizar a literata Amélia Beviláqua, cuja trajetória relaciona-se às experiências mais gerais de seu tempo. Abordam-se as dificuldades vivenciadas pelas mulheres em adentrar no mundo das produções culturais bem como a ousadia destas em romper paradigmas impostos ao seu gênero. Assim o capítulo se propõe a investigar o anseio feminino de dar vazão às reflexões sobre os lugares sociais que a mulher deveria ocupar e discute-se também a importância de suas penas no que tange à redefinição dos papéis de gênero. Verifica-se em que medida o lugar de fala da mulher escritora corrobora o sentido de construir novos padrões que fugissem do ideal prescrito para o gênero feminino, e como a escrita de Amélia coopera no sentido de derrubar os pressupostos que limitavam suas práticas. Para tal, faz-se uso das mencionadas obras literárias e de matérias jornalísticas do *Jornal das Moças*, revista quinzenal ilustrada.

3. 1 História e escrita literária feminina: um encontro possível

No início do século XX, a categoria “mulheres” passou a vivenciar redefinições no que tange a sua identidade, até então ligada intimamente aos papéis de esposa, mãe e dona do lar. Até esse momento quem, porventura, fugisse desse paradigma era tida como transgressora segundo evidencia Magali Engel²¹⁰ ao analisar a relação entre o saber médico e a prostituição no Rio de Janeiro. Nesse período, observa-se um evidente anseio por um redimensionar no que tange aos papéis de gênero.

Vale ressaltar que as reconfigurações nas relações de gênero que marcaram esse período se constituem como processos históricos e não ocorreram bruscamente. Para que estas viessem a se estabelecer, destaca-se o papel de uma série de combatentes da causa feminina que com suas práticas contribuíram para que sua categoria vivenciasse um processo de emancipação. Dentre essas combatentes, observam-se as mulheres escritoras cujas penas

²⁰⁹ Em alguns momentos, o texto dá vazão às vozes femininas do século XIX a fim de compreender como deu-se o processo de inserção da mulher no universo escriturístico.

²¹⁰ ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro, 1840 – 1890*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

deram visibilidade a várias questões relacionadas às múltiplas formas de ser mulher,²¹¹ embora não tenha sido fácil o acesso da mulher ao mundo da escrita e da publicação, tendo em vista que na época ainda se postergava o ideal de que “o sopro criador era exclusivo do homem.” De acordo com Michelle Perrot, que analisa a experiência francesa: “escrever para as mulheres não foi uma coisa fácil. Sua escritura ficava restrita ao domínio privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena empresa”²¹². Fazia-se, pois, necessário ultrapassar tal delimitação e galgar o espaço público.

Até o século XIX, poucos eram os lugares possíveis em que a mulher poderia manifestar sua fala em relação à sociedade na qual estava inserida. Pode-se observar a existência de uma espécie de proibição à palavra pública feminina. Como observa Michelle Perrot, “o verbo é o apanágio dos que exercem o poder. Ele é o poder. Ele vem de Deus. Ele faz o homem. As mulheres estão excluídas do poder político e religioso. No paraíso Eva perverteu definitivamente a palavra das mulheres”²¹³. Isso em muito contribuiu para que, até a segunda metade do século XX, os discursos construídos em relação a estas tenham sido pautados no ideal da passividade, uma espécie de “história miserabilista” como destaca Raquel Soihet “na qual se sucedem mulheres espancadas, enganadas, humilhadas, violentadas, sub-remuneradas, abandonadas, loucas e enfermas”²¹⁴.

Os discursos masculinos construídos em relação à mulher muitas vezes limitavam-se a estereótipos que tinham o gênero feminino como menor. Acabavam por legitimar impedimentos à igualdade, no que tange a condições de acesso a outros espaços. Estes discursos se apresentam como representações que objetivavam instituir uma espécie de hierarquização entre os gêneros. Eram constituídos pelo ideal de que os papéis sociais de homens e mulheres deveriam ser bem demarcados, cabendo à mulher os postos de mãe e esposa devotada ao lar. Dessa forma, o que se pode apreender é um século XIX duro e vigilante, que isola a mulher mais do que nunca no domínio familiar, no privado. Aspecto que não foi diferente em se tratando do contexto brasileiro.

No contexto o país passava por um processo de redefinição que repercutia na vida cotidiana dos brasileiros, pois, sob influência da *Belle Époque*, havia uma necessidade de redefinir comportamentos e práticas. Tudo isso influenciou e gerou uma espécie de tensão no

²¹¹ TELES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras, In: DEL PRIORI, Mary [Org]. *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo. Contexto, 2000.

²¹² PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p.97.

²¹³ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005. p.318.

²¹⁴ SOIHET, Raquel. História das Mulheres, In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 403.

que tange às relações de gênero, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que se redefiniam os modos de viver, o sistema patriarcal permanecia presente na sociedade brasileira.

É o que discute o historiador Pedro Vilarinho Castelo Branco em *Masculinidades plurais*: a construção das identidades de gênero em obras literárias, onde o autor observa uma espécie de “confusão entre as identidades masculinas e femininas”.²¹⁵ Passa-se a questionar os valores do mundo tradicional e emergem inclusive figuras femininas que não se subjugam mais aos homens. Em meio a todo esse contexto de transformações, cabe questionar como a produção cultural de ordem feminina se posiciona.

Devem-se ressaltar nesse ponto as produções escritas como importantes lugares de observação. Isso se deve, sobretudo, ao fato de as práticas de escrita possibilitarem o acesso às sensibilidades que outras fontes não possibilitam. A partir dela, podemos também identificar elementos dos cenários e espaços que serviam de fundo para as tramas. *O campo e a cidade*, de Raymond Williams, é bastante significativo nesse sentido. Por meio da análise de textos literários, Williams apresenta o cenário social da Inglaterra e as imagens dos modos de vida tanto rurais quanto urbanos entre os séculos XVI e XX. Ele descreve e analisa imagens e associações urbanas e rurais e põe em questão as experiências historicamente variadas. O uso da literatura se constitui como prática pertinente para compreensão de elementos históricos. *Literatura como Missão*²¹⁶ e *Machado de Assis, Historiador*²¹⁷ seguem perspectiva similar ao tomarem a literatura como vestígio de um outro tempo e espaço, no caso o Rio de Janeiro da transição dos séculos.

Assim, embora fictícias, as tramas literárias apresentam aspectos do real, o que possibilita olhar para as mesmas como ricas fontes no sentido de ampliar o conhecimento histórico. Esse é um quesito chave no uso da literatura como *lócus* para estudar a história.

Desde o século XVIII, as mulheres brasileiras se lançaram ao universo escriturístico, como percebeu Maria Theresa Caiuby Crescenti Bernardes,²¹⁸ ao analisar o confronto da imagem e do julgamento da mulher emitidos por ambos os sexos e assim nota que, em meio aos responsáveis por emitir imagens sobre a mulher, destaca-se uma multidão de

²¹⁵ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias*. *História Unisinos*. v.9,n.2, 2005, p. 85-95.

²¹⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988..

²¹⁷ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia de Letras, 2003.

²¹⁸ BERNARDES, Maria Theresa Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro-Século XIX. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

escrevinhadoras.²¹⁹ De acordo com ela, quase metade das escritoras do século XIX concentrava-se e fixava residência no Rio de Janeiro:

[...] notou-se que, de norte a sul do país, houve poetisas, jornalistas, dramaturgas, autoras de romances, de contos, de livros didáticos, de manifestos, de pareceres e também tradutoras de vários idiomas com publicações até no exterior. Daí a descoberta desse mundo: as mulheres de letras, não somente no Rio de Janeiro, como em todo o Brasil no século XIX.²²⁰

Essa multidão de escrevinhadoras ampliou-se ainda mais com a emergência do século XX como informa Dulcília Helena Schroeder Buitoni²²¹ que identifica o crescimento de publicações de ordem feminina a partir dos anos 1900. Muitas dessas publicações tinham como objetivo abrir espaço para tratar sobre temas que diziam respeito ao universo feminino.

As produções de cunho feminino por vezes explicitam o anseio relacionado a busca pela ocupação de novos espaços por parte da mulher. Diante disso, Maria Beatriz Nizza da Silva observa que por todo o século XIX e até mesmo nas primeiras décadas do século XX, a reclusão da mulher era a melhor garantia para sua honestidade e boa forma, como se a própria sociabilidade e a participação na vida da comunidade constituíssem outras tantas ocasiões de pecado. Assim, resguardar a mulher ao ambiente privado foi instrumento/meio característico utilizado pela sociedade, por intermédio da instituição familiar ou mesmo pela Igreja Católica. Era preciso vigiar as mulheres e garantir sua proteção. Os defensores da moral e dos bons costumes destacavam que, apesar de as personagens ousadas das telas provocarem boa impressão, eram somente as jovens puras as dignas de adquirir um bom casamento.

No entanto, burlar as normatizações passa a ser uma constante como revela a historiografia brasileira cujo olhar volta-se para a análise dos oitocentos. Analisando relatos de viajantes estrangeiros Maria Beatriz Nizza da Silva identifica a fuga às normas do matrimônio. Por meio das fontes por ela consultadas, percebem-se casos de mulheres que não se submetiam à vontade dos maridos, fugindo das normas da fidelidade, mesmo sob todos os olhares que se voltavam às ações femininas. Principalmente porque os tempos eram outros, as cidades cresciam e os espaços da sociedade se multiplicavam, tais como cafés, salões,

²¹⁹ GAY, Peter. O poderoso sexo frágil, In: GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.292-370.

²²⁰ BERNARDES, 1988, p.98.

²²¹ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

confeitarias, restaurantes, teatros, óperas, passeios públicos, escolas, lojas, bondes, trens²²². De acordo com Carla Bassanezi Pinsky, referindo-se às primeiras décadas do século XX:

Não havia mais como trancar as mulheres em casa evocando hábitos das elites de um passado já distante. A palavra de ordem era modernidade. A escravidão acabara, imigrantes chegavam de muitos lugares e a mistura marcava as feições do brasileiro. A industrialização criava novos empregos, necessidades e hábitos de consumo. Abriam-se perspectivas de trabalho e de atuação cultural. Os grupos sociais se diversificavam. O operariado e a classe média cresciam com ímpeto, borrando as fronteiras tradicionais entre ricos e pobres. Novas elites econômicas surgiam- industriais, comerciantes, empresários -e procuravam abrir seus espaços políticos. Para deixar claras as hierarquias sociais, era então preciso delimitar bem o que é “distinto”, “civilizado”, “digno”, “honrado”; os que se enquadrassem nos modelos prescritos teriam direito a certos privilégios na sociedade. Os olhos, então, se voltaram para *a mulher*, importante referência.[grifo da autora]²²³

A escrita feminina foi um dos elementos que propiciou a chegada da mulher a outros patamares como se observa nas fontes hemerográficas pesquisadas.²²⁴ No século XIX, a escrita e a leitura conquistam o público feminino e lhes possibilita o acesso a um novo universo cultural.. Os homens que vivenciaram esse contexto viam esses deslocamentos com muita preocupação, pois as mulheres escritoras acabaram por desordenar a sociedade. A resposta de muitos foi, portanto, desqualificar a escrita feminina, gerando um clima de rivalidade.

Mesmo assim, em meio às tensões, elas falam através de suas obras e práticas. Faziam parte da multidão de mulheres escritoras a que Peter Gay faz referência. O autor aponta de que maneira as mulheres vivenciaram a experiência da escrita em diversos lugares no mundo e em como aquele deslocar de fronteiras possibilitado pela escrita era percebido como uma maneira de usurpar um espaço que, culturalmente, pertencia ao universo masculino. Essas mulheres, segundo o autor, enfrentavam o conflito entre independência e a domesticidade, a arte e o amor, como um dilema que dilacerava os corações.²²⁵

²²² PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.p.471.

²²³ PINSKY, 2013,p.471-472.

²²⁴ A revista *O Malho*, *O Jornal do Comércio*, *o Jornal do Brasil*, *o Diário de Notícias* nas primeiras décadas do século XX reservam várias colunas para tratar a respeito dos feitos femininos. Em se tratando de Amélia Beviláqua, os referidos jornais trazem matérias sobre suas conferências com o marido Clóvis, o lançamento ou venda de suas obras, o cotidiano no lar, a relação com a ABL e as repercussões da postura da ABL a seu respeito.

²²⁵ GAY, 2001, p. 315.

O século XIX²²⁶ foi marcado por profundas transformações nas estruturas econômicas e sociais da Europa Ocidental, mudanças afetaram o mundo todo, em virtude das características do processo de expansão.

No contexto, os homens consideravam a mulher e a escrita feminina como algo menor. Apreendendo como constituíam-se essas falas masculinas e a fim de se colocar contra tais discursos, as mulheres escritoras contrapunham esses ideais e expunham nas obras críticas a essa dimensão do pensamento masculino. Um exemplo é a fala do personagem Artur Lourenço em *Angústia*, de Amélia Beviláqua. Artur Lourenço torna-se, no trecho que segue uma espécie de porta-voz de muitos homens de seu tempo:

Onde é que estão os livros de mulheres em que se encontrem estrutura, concepção e valores como num livro de homem? As que escrevem são confusas, incorretas, não têm estilo próprio nem forma. De seus trabalhos não se tiram conclusões senão as que vêm diretamente do coração. Passando do terreno sentimental, nada mais conseguem.²²⁷

Uma notável ironia de Amélia Beviláqua para os que mantinham a ideia de que a escrita feminina era inferior, tendo em vista que o romance supracitado vai muito além da definição masculina. É um romance que discute inúmeras problemáticas que se faziam presentes naquela sociedade, a exemplo o divórcio que suscitava constantes debates no Brasil entre os séculos XIX e XX. Dessa forma, evidencia-se que a escrita feminina era na verdade constituída pelos debates contemporâneos por questões que iam além do terreno dos sentimentos. Era uma escrita que envolvia conquista e luta contra preconceitos e estigmas e que buscava galgar novos espaços. Muitas das mulheres escritoras incluíam em seus escritos a questão feminina, demonstrando não aceitar a prisão que lhes era imposta.

As imagens construídas em torno da mulher dotavam as definições de feminilidade com uma aura de verdade ao materializarem conceitos abstratos em retratos de pessoas e lugares. Durante um longo período, apenas o homem era tido como o criador e dessa forma as mulheres deveriam ser afastadas do universo de produção cultural. Anseio que não se concretiza na prática, pois embora as produções artísticas masculinas relacionassem a mulher a imagens estereotipadas de fragilidade, reclusão e subjugação, a mulher reivindica esse lugar que para ela era tido como legítimo e passa mesmo em meio às contrariedades a habitar o espaço da criação cultural.²²⁸

²²⁶ TELES, 2000, p.401-442.

²²⁷ BEVILÁQUA, 1913, p.80-81.

²²⁸ PINSKY, 2013, p.470

Uma importante fonte que esclarece o pensar em torno dos papéis perpetuados como “legitimamente femininos” é o *Jornal das Moças*. Esse periódico, publicado entre os anos de 1914 e 1968 possuía homens e mulheres em seu corpo editorial e tinha um caráter normativo, contribuindo para reforçar o papel idealizado ou esperado da sociedade em relação ao lugar da mulher. Em seu primeiro número, apresenta aos leitores seu objetivo:

As várias revistas ilustradas, que tem surgido em nosso meio, em que sua generalidade, ou constituem simples álbuns e fotografias e de modos ou revistas literárias com acentuada feição mundana humorística, nunca porém, se preocupando como convém, com o cultivo de espírito de nossas gentes patricias, em outros raros dos conhecimentos humanos. *É essa tarefa a que se impõe o Jornal das Moças.*[grifo nosso]²²⁹

Percorrendo a tênue linha entre o cultivar do espírito e o perpetuar ideais prescritos para as mulheres, o *Jornal* destaca que seu objetivo seria:

Cultivar, ilustrando, e ao mesmo tempo deleitando o espírito encantador da mulher brasileira, a quem é dedicada esta revista, será o seu e não será seu único espaço, pelo menos a sua mais viva e mais ardente preocupação.²³⁰

E prossegue delineando seu objetivo:

Levar ao lar das famílias patricias, além da graça e do bom humor que empolgam, da música e canto que embalam, dos brincos e contos infantis que deleitam, da moda que agrada, do romance que desfaz as visões tristes da existência da nota mundana que satisfaz a curiosidade insofrida, os conhecimentos úteis que instruem, eis certamente a mais bela feição da imprensa que procura viver a favor do público.²³¹

Assim, ditando normas de comportamento social e reforçando idealizações, o mencionado jornal se apresenta como instrumento de civilização dos corpos exigido pela sociedade. Exemplo disso é a matéria *O que a mulher deve ser*²³², onde recomenda

²²⁹ ÀS LEITORAS. *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, 21 de maio. 1914,p.1.

²³⁰ ÀS LEITORAS. *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, 21 de maio. 1914,p.1

²³¹ ÀS LEITORAS. *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, 21 de maio. 1914,p.1

²³² O artigo trás 10 recomendações de como a mulher deveria se portar: 1. Honrada por dever e não por cálculo. É uma triste verdade que nem todas as honradas se casem, mas não é também menos verdade que as maculadas só por exceção se matrimoniam. 2. Coquete com o homem a quem amou, mas não com dois ao mesmo tempo, como às vezes acontece, pois acabará por não apanhar nenhum. 3. Usar de mais limpeza e asseio possíveis. Aos homens agrada tanto a mulher asseada como desgraça a que descuidada com a sua higiene, Vênus, em nudez, a sair das brancas espumas das águas, é mil vezes mais bela do que uma senhorita, cheia de enfeites e de óleos. 4. É de bem que procure agradar ao homem, pois para isso nasceu, mas sem que tente deslumbrá-lo, afetando dotes e qualidades que não possui. Com cadeiras postiças e seios de algodão, raramente ateará incêndio ao combustível do amor, ou, quando isso aconteça bem depressa se extinguirá. 5. Vestir com simplicidade, embora como bom

comportamentos que devem ser assumidos pelas mulheres em seu cotidiano, como observa-se na citação a seguir sobre a voz feminina:

Uma linda mulher deve ter uma linda voz: grave, sonora, sedutora, baixa, velada, minúscula, veludosa, leve, suave, acidulada, voz de ouro, voz de prata, de cristal e de outros tons que se não definem. Pois bem, aquela que tiver uma voz, cujo timbre for pouco rouco e desgracioso não deve desesperar. Desde que se habitue a falar, quase baixo, docemente sem veemência nem precipitação, as cordas vocais descansam, a laringe, se descongestiona e a voz aproveita muito; a voz já se torna por si mesma suave quando é falada com brandura. Um bom remédio para que se ela torne ainda mais bela é gargarejar, todos os dias, com uma mistura de água morna com folhas de eucaliptos.²³³

Tal como Amélia Beviláqua, uma multidão de escrevinhadoras se fez notar no cenário carioca. Julia Lopes de Almeida, assim como Amélia Beviláqua, teve trajetória singular e que propicia a compreensão da relação mulher e escrita no Rio de Janeiro da transição dos séculos. Ela se apresenta como uma das escrevinhadoras brasileiras do século XIX. Viveu na capital federal e sentiu na pele as transformações que aquela sociedade vivenciava. Nasceu em 24 de setembro de 1862 no Rio de Janeiro e morreu em 30 de maio de 1934 na mesma cidade. Passou parte da infância em Campinas - SP. Casou-se com o poeta português Felinto de Almeida, e seus filhos Afonso Lopes de Almeida, Albano Lopes de Almeida e Margarida

gosto. Não exclui a modéstia a elegância, nem aquela exclui a arte. Se é bela de rosto e possui outros atrativos físicos facilmente seduzirá a quem a encare com qualquer espécie de tecido. A verdadeira formosura vence por si só. A falsa é a que tem necessidade de artifícios para conquistar amores. 6. Se está enamorada e é correspondida, procure, se o seu coração consente, não ceder ao namorado mais do que a boa educação permite. Embriague-o com palavras, com suspiros, com promessas, com lágrimas, mas não consinta nunca que o amor sinta o sabor dos beijos. Pode alguma vez, quando já se sente quase garantida pelo compromisso amoroso, fingir um instante de distração para que o namorado a beije, reclamando, porém, em seguida, em termos brandos, contra a ousadia. Isso aguçará o desejo do casamento para mais breve. 7. Quando for esposa, é que deve, mais do que nunca, galantear o marido, para que este nunca se enfade do amor conjugal. Deve procurar levantar-se mais cedo do que ele e sempre às escuras sob alguma penumbra do aposento, para que o marido não a veja desgrehada. Algumas esposas, ao invés de procurarem agradar aos maridos, exibem-se, ao contrário, aos olhos deles em grosseiro desalinho, sem compreenderem quanto podem perder com esse procedimento. 8- Não convém despachar muitos precedentes, pois cada vez mais escasseiam os candidatos ao matrimônio. Não sonhe com príncipes nem com titulares ou doutores. Contente-se com quem possua elementos físicos para ganhar a vida e bastante força para tomá-la em seus braços algumas vezes por semana, em atitude carinhosa. 9. Não olhe de má vontade os homens sérios. São estes os únicos que pouco falam e muito fazem pela vida. 10. Não case com filósofos. Estes, ou são muitos distraídos ou tem a mania de analisar tudo. Tanto num como noutro caso são maus maridos, já por falta, já por excesso. Cf. COMO DEVER SER[...] *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro, ano 1, n.2, 21 de maio. 1914.p.6.

²³³ SOBRE A VOZ[...] *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, 21 de maio. 1914,p.1

Lopes de Almeida também se tornaram escritores. Seu primeiro livro, *Traços e Iluminuras* foi publicado quando a autora tinha 24 anos, em Lisboa. Antes disso já publicara artigos na imprensa, tendo sido uma das primeiras mulheres a escrever para jornais, colaborando com a *Tribuna Liberal*, *A Semana*, *O País*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *Ilustração Brasileira*, entre outros. Foi “uma romancista e dramaturga que se projetou no início do século XX foi esquecida pela crítica falocêntrica que a ela reservou um papel secundário”.²³⁴

Julia Lopes de Almeida tem produção considerável que passa pela literatura infantil, por matérias jornalísticas, romances e peças teatrais. Assemelha-se a escritoras reconhecidas, tal como Nísia Floresta²³⁵ à medida que propõe a necessidade da educação da mulher para que ela possa cumprir sua missão social de responsável pela educação dos filhos e elevação do nível de instrução da sociedade. Segundo Cátia Toledo Mendonça:

É sob a perspectiva da mãe, tão valorizada pela sociedade burguesa do século XIX, que ela reivindica a instrução para a mulher, a mãe instruída pode melhor orientar os filhos e, portanto, melhor cumprir sua missão. Aproveita a existência, na época de grupos de homens que influenciadas pelas ideias positivistas, justificavam o ensino para a mulher ligada a função materna, como uma forma de afastar as superstições e incorporar as novidades das ciências.²³⁶

Dentre as temáticas em destaque de suas obras, encontram-se principalmente as que diziam respeito a questões femininas como o casamento e a instrução na vida da mulher. Seu nome chegou a ser cogitado para integrar a Academia Brasileira de Letras conforme advoga Cátia Toledo Mendonça, no entanto ela sofre na pele o anseio por deslocar a fronteira de sua época:

²³⁴MENDONÇA, Cátia Toledo. Júlia Lopes de Almeida: a busca da liberação feminina pela palavra. *Revista Letras*. Curitiba, n. 60, jul.-dez. 2003. p. 275-296.

²³⁵Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, foi uma intelectual nascida no Rio Grande do Norte e de bastante destaque no cenário nacional. Viaja para vários locais do Brasil como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, e do mundo, fazendo um *tour* por inúmeros países do continente europeu como Portugal, Itália, Alemanha, Grécia, Inglaterra e França, tornando-se uma figura internacional que teve contato com grandes nomes de seu tempo como o positivista August Comte. Dessa forma, Nísia rompe com os laços que lhe prendiam ao espaço doméstico, destituindo-se da condição de vítima com a qual esteve associada a imagem da mulher. Destacou-se pela influência nas práticas educacionais, impulsionando o processo de emancipação feminina por via do conhecimento, denunciando injustiças cometidas contra indígenas e escravizados. Dentre as suas obras, destacam-se *A lágrima de um Caeté* (1849); textos em prosa como *Conselhos à minha filha* (1842) e *Discurso às educandas do Colégio Augusto* (1847); contos como *Fany, o modelo das donzelas* (1847) e *Páginas de uma vida obscura*; ensaios como o *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832) e o *Opúsculo humanitário* (1853). Cf.: DIAS, Luma Pinheiro. *Nísia Floresta e a defesa da educação feminina nos oitocentos*. Monografia, 78 f, Universidade Federal do Piauí. 2014.

²³⁶MENDONÇA, 2003. p.1.

Julia Lopes de Almeida, dentre as várias atividades que desempenhou no Rio de Janeiro, participou das reuniões para formação da Academia Brasileira de Letras, mas ficou de fora, por ser mulher. Seu marido, Filinto de Almeida, foi eleito membro e, até hoje, pelos cantos dos saguões comenta-se que sua eleição foi uma homenagem a ela. Certamente, o marido deveria ter consciência do valor de Júlia, o que fazia dela “uma mulher de sorte”, que pode contar com o apoio do pai e do marido, de dois homens, numa época em que não se abria espaço para a mulher no masculino mundo das letras.²³⁷

A partir de suas obras, podem-se apreender inúmeros elementos referentes ao contexto de inserção da mulher no mundo da escrita. A repercussão de suas obras é notável a partir da análise dos jornais da época que discutem os enlaces que perpassam os escritos, frutos de sua pena. É notável a abertura de um novo tempo em que a escrita feminina adentra novos espaços e compete com a presença masculina. No entanto a recusa à presença feminina ainda se faz visível, o que pode ser observado a partir de uma outra literata contemporânea, as já mencionadas, fruto dessa multiplicação de mulheres escrevinhadoras no mundo.

Antes de percorrer as representações e mensagens ao público feminino elaboradas por Amélia, importa conhecer os passos das mulheres que tinham como lugar de atuação o mundo das publicações. Dessa maneira, podem-se apreender vários tipos de experiências reveladoras de novos horizontes no espaço público. Em se tratando do universo da imprensa, Maria Thereza Caiuby Bernardes destaca que, para realizar seus trabalhos, elas formavam grupos variados nos jornais a fim de articularem-se em torno das discussões referentes às atividades femininas. De acordo com Bernardes:

[...] grupos de mulheres, como liderança própria, iam conquistando auto-afirmação e reconhecimento público do direito de manifestação das próprias ideias e numa época de tantas restrições ao papel feminino, voltado quase exclusivamente ao lar.²³⁸

Verificando as escritas femininas nos jornais da época, ela percebe as várias atividades intelectuais exercidas, inclusive itinerários de viagens ao Norte e ao Nordeste, com o propósito de divulgar as folhas por elas dirigidas. Como registrou Josefina Álvares de Azevedo²³⁹ em *A Família*, na última década do século XIX:

²³⁷ MENDONÇA, 2011, p.2.

²³⁸ BERNARDES, 1988, p.113.

²³⁹ Josefina Álvares de Azevedo pouco deixou escrito sobre sua vida pessoal, havendo, em torno dela, mais dúvidas do que certezas. Nasceu em 1851, não se sabe se no Rio de Janeiro ou em Recife. Desempenhou uma vigorosa atividade intelectual e se posicionou abertamente a favor da participação da mulher na política. Em 1888, fundou o periódico *A Família* em São Paulo, no ano seguinte, ele foi transferido para o Rio de Janeiro. Foi considerado um dos mais radicais dentre os congêneres naquele

Mau grado todas essas coisas foi no Pará que encontrei um jornalista retrógrado, o Sr. Paulino de Brito, que em repetidos artigos, vasados nos velhos e acangados moldes da metafísica estafada e dos preconceitos sociais em voga nos tempos das calendas, atacou de frente a propaganda d' *A Família*, com todo o poder da sua lógica, da sua dialética, da sua filáucia e do seu despeito pela literatura do Rio de Janeiro. Isso, porém foi um senão significativo, que lá mesmo encontrou protesto, tenho certeza, das próprias paraenses, que como senhoras educadas à luz dos princípios da moderna sociologia não podiam concordar com aquele jornalista. Entretanto, força é confessar, que essa fraca oposição, deu mais relevo à minha propaganda e aceitação ao meu modesto jornal.²⁴⁰

O relato revela como as atividades femininas no jornalismo iam, no final do século XIX, conquistando um novo espaço social por intermédio das próprias mulheres. Essas mulheres eram parte de uma elite feminina culturalmente diversificada e assim estabeleciam relações com outras intelectuais e artistas de áreas diversas. Elas são prova do novo sucesso obtido pelo seu sexo. Foi por essa razão que apareceram inúmeras notícias sobre mulheres intelectuais nos jornais; assim, atentos, os homens assistiam à ascensão feminina .

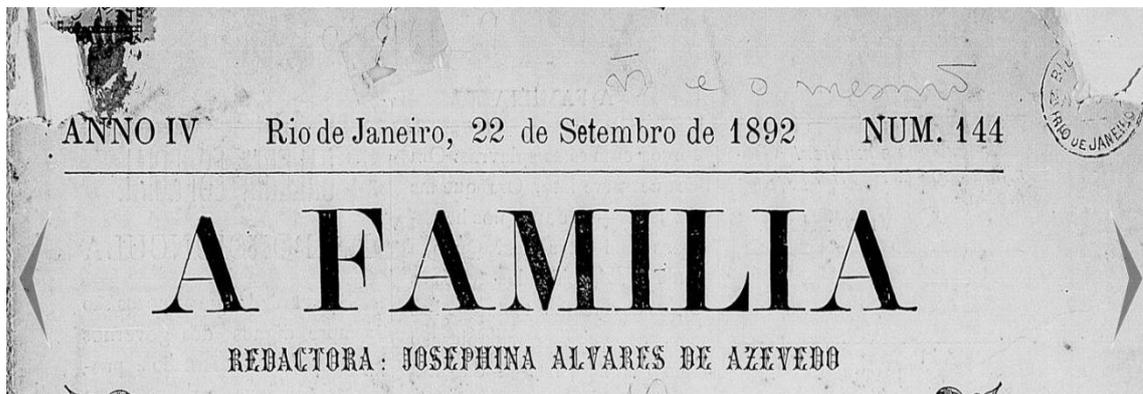


Figura 10: Detalhe da primeira página do jornal *A Família*. número 144, de 22 de setembro de 1892, com destaque ao nome da redatora. Fonte: *A Família*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 144, 1892. p. 1.

Aos poucos, emergem comentários expressando a adaptação e a recepção, ora boa, ora má, em relação às inovações que surgiam. No discurso dessas mulheres, prevalecia a

período no tocante à luta pelos direitos das mulheres e a emancipação feminina. Para angariar adesões e subscrições, Josefina viajou no ano de 1889 para o Norte e Nordeste, divulgando o periódico e suas ideias feministas. Apesar das dificuldades financeiras, o veículo teve vida longa para os padrões da época, tendo circulado até 1897. Sobre isso ver: PRADO, Maria Lígia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro, In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria[Org.]. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

²⁴⁰AZEVEDO, Josefina Álvares de. *Carnet de voyage. A Família*. Rio de Janeiro, 21 de dez. 1890. p.6.

preocupação com a precária situação cultural feminina e ainda a submissão da mulher aos caprichos do homem. As principais causas para tais condições seriam a falta de lutas em torno das causas femininas e a vigência de uma educação que perpetuava o cultivo do ideal de submissão.²⁴¹

Muitas delas, como Anália Franco,²⁴² ressaltavam a existência de um triste preconceito que predominava e se antagonizava ao desenvolvimento intelectual da mulher, além disso, afirmava que a educação direcionada à mulher “conserva-nos ainda comprimidos nos acanhados moldes de educação que nos legou a Idade Média”. Assim, o discurso reproduzido nos jornais tratava sobre o contraste entre o lugar ocupado pela mulher e os novos ideais da época, expressando a inconformidade diante da condição de inferioridade da mulher e a prepotência masculina.

Tais mulheres se posicionavam contra imagens produzidas e transmitidas no meio educacional, por exemplo. A imagem abaixo citada apresenta uma turma feminina no Colégio Nossa Senhora da Estrela²⁴³, localizada na rua Conde do Bonfim, 320 no Rio de Janeiro. Nela as educandas se dedicam ao bordado, aprendizado tido como necessário às meninas, como forma de conduzi-las ao exercício de funções prescritas como femininas.

²⁴¹ BERNARDES, 1988,p.122.

²⁴² Anália Emília Franco(1856-1919) é natural da cidade de São Paulo capital e dedicou-se ao magistério. Fundou setenta e duas casas de educação em Franca, Ribeirão Preto, Jundiaí, São Paulo e Santos. Escreveu poesias, operetas, comédias, dramatizações, contos cômicos e diversos livros didáticos. Suas obras foram publicadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa. Fazia parte do grupo de colaboradoras do Jornal *A família*, quando professora em Taubaté. Cf. BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescente. *Mulheres de Ontem? Rio de Janeiro-Século XIX*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

²⁴³ A escola mudou de nome por várias vezes e funcionava em regime de internato, semi-internato e externato, desde o século XIX. Alguns jornais da época, como *A Pátria*, o descreviam como “lugar salubre, e instalado em edifício amplo e higiênico, com uma direção inteligente e maternal, e um corpo docente escolhido e competentíssimo, observando-se com escrúpulos todos os ensinamentos morais, este colégio cujo conceito está feito, dever ser proferido para os que desejarem que as suas filhas tenham uma educação esmerada.” Em 1928 foi convertido em um colégio masculino denominado João de Deus. Sobre isso ver: *Monumentos desaparecidos: Colégio Nossa Senhora da Estrela*. Disponível em: <http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com.br/2015/11/colégio-nossa-senhora-da-estrela-porto.html>. Acesso em: março de 2017. Cf. *A pátria*. Rio de Janeiro, 09 de nov. de 1917.

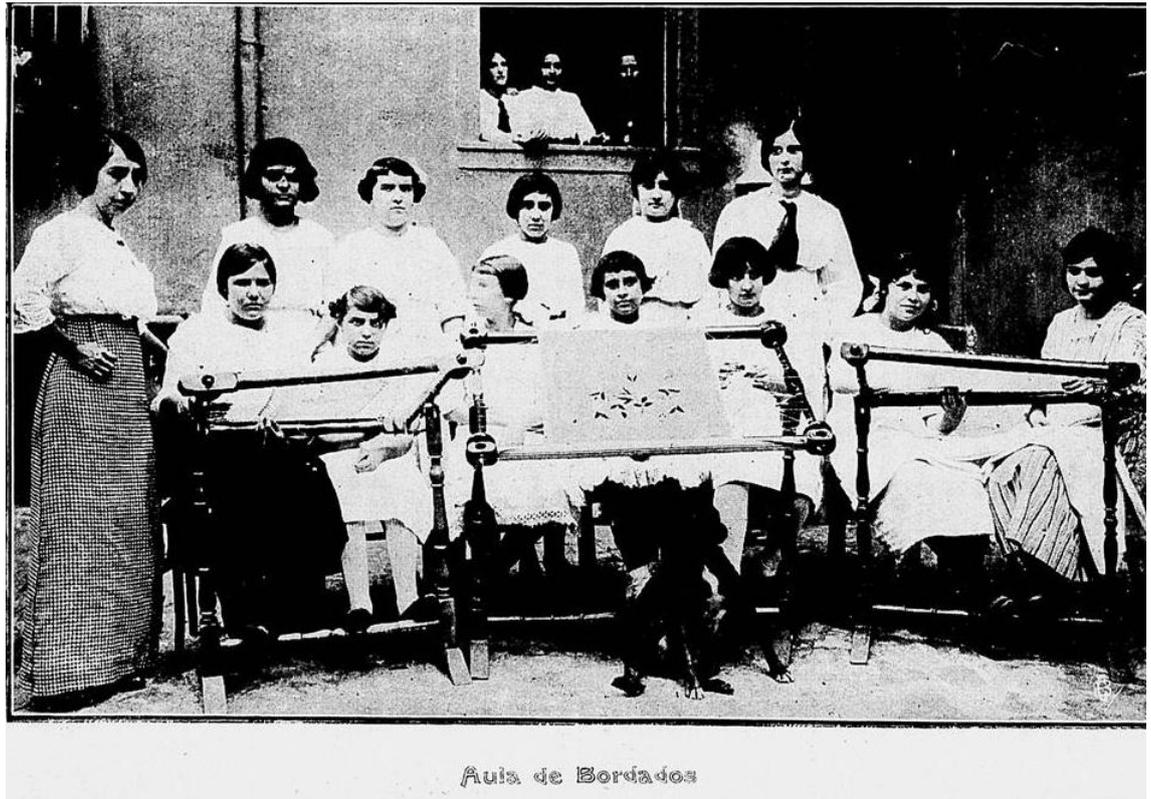


FIGURA 11: Aula de bordados no Colégio Nossa Senhora da Estrela do Rio de Janeiro. Fonte:EDUCAÇÃO[...].*Jornal das Moças*. Rio de Janeiro, maio 1914.p.10.

Sob o cuidadoso olhar de tutoras, elas aprendiam a bordar e assim assumir lugares concebidos como pertencentes à mulher. Na imagem, portanto, o registro de uma educação que gerava incômodo às mulheres que se lançavam à luta no cenário público brasileiro.

Marca dessa inconformidade é a crítica direcionada à mulher limitada ao lar, que contribuía para perpetuar o ideal de superioridade masculina, como evidenciou Maria Amélia de Queiroz no jornal *A Família*, na última década do século XIX, pois:

[...] ao contrário das belíssimas nações cultas, a mulher que estuda, que pensa, que sente os eflúvios do benéfico influxo da ciência, é objeto de críticas e censuras à sua própria dignidade e faz parte das distrações dos cafés e dos bilhares, onde se agrupa constantemente uma malta de pedantes, que acham nisso magnífica diversão. Do modo que a mulher que pensa distinguir-se pelo seu talento engana-se, por que é apontada por indigna²⁴⁴

Traçar um comparativo com outras nações se apresenta como estratégia para chamar a atenção de homens e mulheres para o atraso do Brasil em se tratando das imagens construídas

²⁴⁴QUEIROZ, Maria Amélia de *apud*BERNARDES, 1988, p. 127.

em torno da mulher. Assim, por meio do uso da palavra, elas chamam a atenção para a necessidade de reconfigurar os papéis e espaços ocupados pelos gêneros.

3. 2 Deslocamentos e tensões de gênero na ficção de Amélia Beviláqua

As produções literárias não se encontram desarticuladas do seu tempo e espaço de elaboração. Olhar para essas construções, portanto, possibilita observar aspectos do real experienciado, pois, como adverte Peter Gay, o que faz das obras ficcionais um material histórico tão rico é o fato de não se dissociarem da realidade, portanto se constituírem como importantes sinais dos acontecimentos históricos.

Apresentando-se como sinal que enforma sentimentos e sensibilidades que outras fontes não possibilitam perceber, a literatura contribui para ampliar o olhar acerca da compreensão das vivências femininas nas primeiras décadas do século XX. Por meio das obras *Jeannete*, *Silhouettes* e *Angústia*, Amélia apresentou as novas vivências experienciadas pelas mulheres. Como parte de um tempo, Amélia direcionou sua produção para temáticas referentes ao universo das mulheres..

A literatura produzida por Amélia se constitui como uma informante do fenômeno de multiplicação de mulheres escritoras no século XIX, primórdios do século XX e do lugar da mulher no Rio de Janeiro em processo de reconfiguração. A partir dessa literatura, em confronto com fontes hemerográficas e a bibliografia, podem-se identificar os embates e as questões presentes no universo das mulheres que dedicavam suas trajetórias à escrita. A literatura de Amélia Beviláqua, portanto, é aqui apreciada como vestígio para o entendimento das facetas que compunham o cenário brasileiro, sobretudo carioca, nas primeiras décadas do século XX.

A presença da mulher no ambiente da rua desperta a atenção. É dessa forma que fica registrado nas páginas da revista *Fon Fon* que reserva inúmeras páginas de suas edições para apresentar as vestes e os modos femininos que transformavam as ruas em vitrines. Assim pode-se observar na imagem abaixo:



Figura 12: Passeio feminino pelas ruas cariocas. Fonte: O RIO em flagrante. *Fon Fon*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 1907. p. 7.

Atenta a esses movimentos, Amélia constrói sua personagem Teresa. *Angústia*, romance do qual é protagonista, foi publicado no ano de 1913, e nela Amélia traz como marca as redefinições de uma sociedade que vivia sob influência europeia, cujo anseio pela modernidade veio a dar uma nova configuração às relações de gênero, onde a ousadia por parte das mulheres transitava entre o possível e o proibido.

Foi justamente como crítica aos padrões sociais imperantes, que muitas personagens foram construídas. Teresa expressa o embate entre os mundos masculino e feminino que acompanha o emergir do novo século. No que se refere ao embate em torno do espaço público, evidencia-se postura crítica de Amélia na construção de seus personagens. Em meio à emergência do novo “século das mulheres”, ela aproveita a oportunidade conferida por seu lugar social e por meio de sua pena, problematiza os paradigmas de seu tempo. Em se tratando do século XX, Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro afirmam que:

É chamado de “o século das mulheres” em razão das transformações aceleradas que propiciou a experiência feminina. Foi uma época de ampliação de direitos e oportunidades e de mudanças, tanto na qualidade de vida das mulheres, quanto no imaginário coletivo. Nosso século, embora ainda no início, já anunciava importantes novidades.²⁴⁵

²⁴⁵ PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Apresentação, In: PEDRO; PINSKY. *Nova História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9.

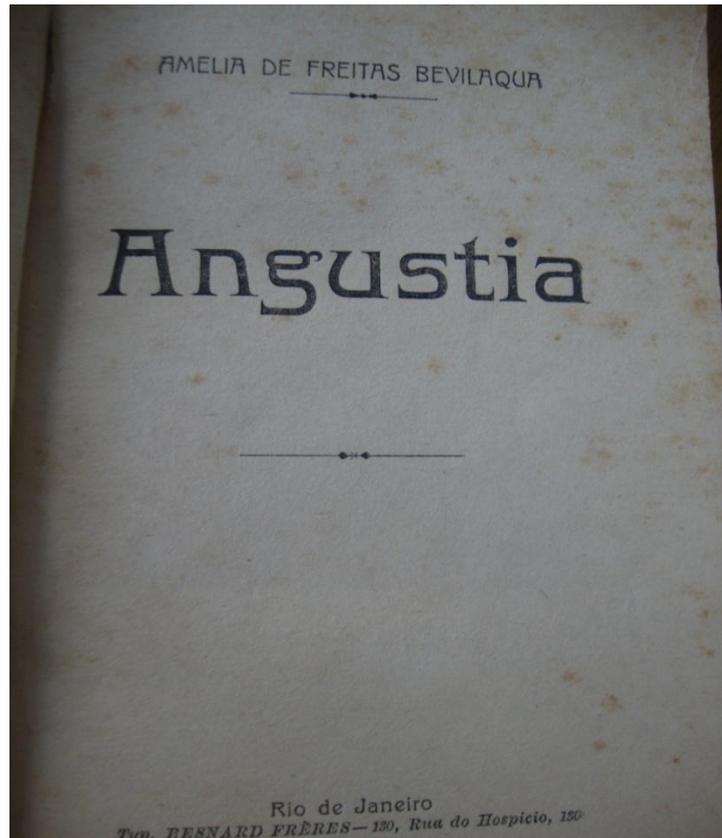


Figura 13:Capa do romance *Angústia*, publicado em 1913.

Foi em meio a essas novidades que Amélia apresentou Artur Lourenço, esposo da protagonista, uma figura rígida, nos conformes das normatizações prescritas e legitimadas desde os séculos anteriores e que ainda em parte permaneciam. Bem formado e fino, Artur casa-se por amor com a bela Teresa. Nesse sentido, observa-se um movimento de mudança na relação entre amor e casamento, pois, como informa Mary del Priore²⁴⁶, durante um longo período em áreas urbanas e rurais o casamento esteve completamente desarticulado da ideia moderna do amor. Assim a ligação entre Artur e Teresa já dá sinais de que no tempo de produção do romance, sobretudo em se tratando de cenários urbanos, o amor já se constituía como elemento legitimador dos matrimônios.²⁴⁷

Distinguindo-se da obra *Através da Vida*²⁴⁸, possivelmente escrita na década de 1890 e se referindo ao século XIX entre o interior cearense e pernambucano, onde a protagonista representa a opressão direcionada ao gênero feminino e todas as proibições impostas como,

²⁴⁶ DEL PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

²⁴⁷ ABRANTES, Elizabeth Sousa. *O dote é a moça educada: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República*. São Luís, EDUEMA, 2012.

²⁴⁸ BEVILÁQUA, Amélia. *Através da vida*. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1904.

por exemplo, a impossibilidade de viver um amor e o sacrifício de um casamento arranjado, bem como a falta de oportunidade de frequentar uma escola como tanto sonhava, *Angústia* apresenta a possibilidade de novas vivências, o que pode ser observado a partir do casamento entre Artur e Teresa.

A bela Teresa põe em discussão os atributos e preceitos tidos pelo marido como necessariamente constituintes de uma “boa mulher”. Refletindo a percepção de parte de seus contemporâneos, não percebe na figura ousada de sua mulher os papéis normativamente apresentados como femininos.

O romance *Através da vida* apresenta a história de Maria da Luz que vivencia na pele os impedimentos conferidos à mulher. É reprimida por não poder estudar, enquanto os irmãos são levados à melhor escola de Recife. Em que pese o argumento supracitado, *Através da vida*, de autoria de Amélia Beviláqua, se constitui como fonte significativa para o entendimento de como se constituía a relação entre a mulher e a busca do saber. Por meio da obra, pode-se delinear a prática escriturística de Amélia, uma forma de a literata intervir no social, tendo em vista que a escritora expõe em sua obra aspectos da condição da mulher não com o mero interesse de vitimizar o gênero feminino, mas de expor as circunstâncias nas quais as mulheres traçavam suas trajetórias, evidenciando suas lutas e anseios por liberdade. É o meio por ela utilizado para dar voz às mulheres de seu tempo. A fonte em questão é, pois, a fala de uma mulher possível de seu tempo que busca, à sua maneira, ir contra os ideais que limitavam a mulher a um *locus* de inferioridade. Além disso, é obrigada a casar com Francisco, homem que não a amava e que a deixa viúva e na miséria.

Definir a imagem da mulher sob padrões específicos de delicadeza e submissão ainda se fazia presente no pensar de muitos homens que buscavam em seus discursos doutrinar as mulheres a fim de “manter a ordem social”. Foi o caso de Clodoaldo Freitas, que delineou, em sua crônica *O feminismo*, como deveria se portar uma boa mulher e por quais espaços a mesma não deveria transitar. Normas deste tipo eram constantemente reproduzidas nas páginas jornalísticas e em revistas do país:

A mulher deve ser educada para mãe de família. Só deve aprender o que se relacionar com esse grande objetivo. Nada de criá-la na leitura perversa dos romances sentimentais e dos ripanços idiotas. Nada de criá-la na vida airada e preguiçosa de andar rezando de manhã pelas igrejas, de tarde se mostrando enfeitada à janela e à noite nos bailes e teatros. De tudo um pouco. A natureza preparou a mulher para o lar, onde é bela, grande, incomparável. Fora daí, é como qualquer um de nós.²⁴⁹

²⁴⁹ FREITAS, 1996, p.91.

Assim, mesmo Clodoaldo Freitas tendo dedicado seu livro *Em rodas do fatos*, de onde se extrai a citação acima, a Amélia e Clóvis Beviláqua, o literato deixa claro em seu entender que a mulher não nasceu para destacar-se fora do lar. Mesmo noutros lugares louvando Amélia Beviláqua, e ressaltando a beleza de seu companheirismo com Clóvis e a maestria de sua escrita, ele defende na crônica em apreço que:

A mulher não tem o vigor intelectual e o vigor muscular do homem. A natureza conformou-a, diversamente de nós, para a maternidade. Psicologicamente, histologicamente de conformação diferente da nossa, a mulher tem gostos, aptidões diferentes dos nossos. Ainda não apareceu uma sábia, uma maestra, uma pintora comparável aos sábios, maestros e pintores.²⁵⁰

No entanto, percebendo que aos poucos a mulher galgava novos espaços, o cronista reitera:

Na poesia e no romance tem aparecido mulheres notáveis, sobretudo no romance. Mas eu não contesto a aptidão das mulheres nem as desejo reclusas estupidamente nos gineceus. Não é este meu pensamento. Quero que a mulher estude e aprenda sem pretensões a doutora, sem vaidade alarmante de querer sair do círculo suave da família, onde deve imperar.²⁵¹

Sua educação, portanto, deveria submetê-la a atividades que perpetuassem os ditos ideais femininos embora na época as cadeiras acadêmicas já começassem a receber as primeiras mulheres. É o que informa o *Jornal do Comércio* no dia 5 de junho de 1930, por meio de Odilo Costa onde destaca que “as leis do país permitem a entrada da mulher nos mais altos institutos de ensino da República, nas escolas superiores de onde saem professoras, dentistas, médicas e advogadas”.²⁵²

De acordo com Carla Bassanezi Pinsky²⁵³ na primeira metade do século XX houve um grande esforço no sentido de enquadrar, por meio de normas, tudo que se relacionava às condutas femininas. Assim, era necessário demarcar o “lugar da mulher” e definir claramente o modelo de mulher alvo do respeito social. De acordo com Pinsky, “médicos, juristas, professores e demais autoridades preocupadas com a ordem pública alegavam questões de moralidade” ao tempo em que “a imprensa, como caixa de ressonância, dedicava-se a

²⁵⁰ FREITAS, 1996, p.91.

²⁵¹ FREITAS, 1996, p.91.

²⁵² COSTA, Odilo. Academia Brasileira de Letras. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 05 de jun. 1930.

²⁵³ PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2013.

descrever os contornos desta mudança, a mulher ideal do novo século.”²⁵⁴ Dessa forma, para além das barreiras sociais que nitidamente diferenciavam “mulheres de família” e “as outras”, os membros da elite delimitavam claramente os espaços sociais ocupados por cada uma delas. Havia assim a percepção em torno da necessidade de vigiar as moças para que as mesmas não burlassem as normatizações sociais e não se entregassem a “prazeres mundanos”, pois estes não eram correspondentes à imagem de “boa mulher”.

Nesse sentido, questiona-se que características fazem de Teresa uma metáfora de seu tempo. Bela, como se prescrevia às mulheres, ela casa-se com Artur Lourenço pelas vias do sentimentalismo, mas esteve longe de se constituir como “recatada e do lar”. Seu palco de atuação era a rua, o lar não lhe pertencia. Abria mão do cavalheirismo do esposo dominador a fim de reafirmar sua independência e autonomia.

Em sua percepção, não é por que era a mulher que precisava se submeter ao poderio masculino. Dançava acompanhada de outros homens. Era seguida por vários olhares por sempre andar deslumbrante. Em seus passeios, fazia questão de sair desacompanhada do marido. Acusada de adultério, não faz conta de defender-se, mesmo ciente da prescrição que afirmava que sobre a mulher repousava a honra e a perenidade do casal.²⁵⁵ Não se esforçam atestar que o filho era realmente do marido, e não de outro com se propagara, também não fez caso de lutar por seu casamento, apesar dos conselhos da mãe e mesmo ainda amando o esposo, aceita seu pedido de divórcio.²⁵⁶ Teresa é a personificação da ousadia feminina e se

²⁵⁴ PINSKY; PEDRO, 2013, p.472.

²⁵⁵ O adultério feminino representava uma violação imperdoável e se constituiu durante todo o século XIX e ainda nas primeiras décadas do século XX como sinônimo de crime e escândalo, como adverte Mary del Priore. Cf. PRIORE, 2006. ; PRIORE, Mary del. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

²⁵⁶ Observa-se que o debate sobre a durabilidade esteve presente na história do Ocidente ao longo dos séculos. Philippe Ariès destaca que a indissolubilidade do casamento não é uma invenção da Igreja, mas sim uma prática comum entre as coletividades rurais europeias desde o século IX, vindo, pois de uma longa data. Os debates em torno desta indissociabilidade intensificam-se e voltam às rodas das discussões especialmente após a regulamentação do casamento civil, possibilitando aos políticos e intelectuais com orientação anticlerical contestar a continuidade de uma legislação baseada em princípios católicos, quando o novo código civil, aprovado em 1916, tratava de um tipo de contrato marital efetuado pelo Estado. No entanto, segundo Mara Lúcia Fernandes Costa a possibilidade de anulação do casamento era um assunto extremamente delicado nos fins do século XIX que ainda tentava, através de discursos literários, religiosos, médicos e jurídicos, estabelecer a importância da união legítima entre a população. Em que pese a questão do divórcio, Mary del Priore apresenta que, nas primeiras décadas do século XX, toda a ameaça ao casamento era alvo de críticas. O tema do divórcio, por exemplo, era considerado “imoral”; “a pior chaga da sociedade”; “só em casos excepcionais e depois de rigorosíssimo processo”. Mesmo anticlericais, influenciados pelo positivismo, eram contra. Raros os que pensavam como o pernambucano João Barreto de Menezes que dizia ser favorável à sua adoção por “ser consequência advinda do âmago da lei que regula o casamento como um contrato. De fato, apesar das transformações que chegavam, o Código Civil de 1916 mantinha o compromisso com o Direito Canônico e com a indissolubilidade do vínculo

constitui como um real possível, tendo em vista os casos de enfrentamento femininos que se expandem, sobretudo a partir das reivindicações de direitos.

No tempo em questão, o modelo de mulher submissa ainda imperava e conforme as imposições fazia-se necessário que a “boa mulher” “reconhecesse a superioridade masculina”. Desse modo, a mulher louvada era aquela que andava acompanhada do marido, o que não era o caso de Teresa, uma mulher que incorpora as novas configurações das relações sociais. Mesmo depois de casada, ela continuava a fazer seus passeios diários, frequentando, sem consentimento do esposo, vários locais, o que era considerado avançado para a época em questão, era uma prática não recomendada a uma mulher casada.

Dessa forma, o que se entende é que Teresa não age de acordo com os moldes patriarcais. Segundo a narrativa, todos os dias “depois do almoço, [Teresa] metodicamente veste-se e vai passear. Todos os sábados aparece na Rua do Ouvidor, arrastando um luxo desmesurado. É por isso acompanhada por uma imensidade de olhares”. Seus passeios chamavam a atenção em suma pelo fato de compartilhar-se o ideal de que a mulher não deveria sair do círculo estreito traçado em torno dela, havendo, pois, uma tentativa de isolar a força crescente da mulher durante o século XX:

Enclausurá-las seria a melhor solução: em um espaço fechado e controlado, ou no mínimo sob um véu que mascara sua chama incendiária. Toda mulher em liberdade é um perigo e ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro. Se algo de mau lhe acontece, ela está recebendo apenas aquilo que merece.²⁵⁷

No entanto, as mulheres passaram a fugir desse enclausuramento e a adentrar cada vez mais intensamente nas escolas e nas universidades. Ganham as ruas, elucidando que o “ser mulher” esteve composto por diversas facetas. Exemplo dessa multiplicidade de formas de viver o tempo é a chegada da mulher à Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Chegada que se apresenta como símbolo da abertura da mulher a novos espaços. Aquela rua, centro comercial, é descrita por João do Rio como *lócus* que anunciava a agitação da nova era e por ela começam a circular muitas mulheres fugindo do enclausuramento. Apesar de todas as saídas femininas observadas em espaços conhecidos da cidade do Rio, inúmeros discursos misóginos

matrimonial. Cf. CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; COSTA, Mara Lúcia Fernandes. O lar transformado em inferno: o olhar dos literatos sobre os ressentimentos dentro do casamento. *Revista História Unisinos*. v.15, n. ago, 2011. p.256-265.; PRIORE, 2006, p. 259. ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

²⁵⁷ PERROT, Michelle *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.447.

repercutiamem meio às transformações. Várias agremiações literárias, jornais e revistas perpetuavam esse tom de negação das novas possibilidades alcançadas pelo gênero feminino. Outras, entretanto, concedem abertura às mulheres, incentivando para que se lancem às ruas, à vida cultural, às agremiações literárias. Como Teresa, elas alcançam o espaço público, pagando o preço dessa ousadia. Lançam-se também a novos comportamentos. Teresa, por exemplo, assume como identidade a busca pela liberdade.

A esposa de Artur Lourenço caracteriza-se como mulher transgressora, mostra-se independente, não abdica de sua liberdade, dispensa o cavalheirismo do marido, um misógino que não admitia seu comportamento de mulher frequentadora de espaços públicos sem a presença masculina. Seu comportamento não condizia com os padrões tradicionais da sociedade da época: não admitia ser apenas a fada do lar, não se limita a ser apenas mãe e esposa. O filho Marcos pouco é referido na narrativa, dando a entender que Teresa não limita sua existência à “missão social da mulher” pautada no conservadorismo.

Devido ao seu comportamento, sofre na pele os julgamentos provenientes da sociedade cujas convenções delimitavam e ordenavam os espaços a serem ocupados. Teresa faz questão de enfatizar “eu que amo mais do que a vida a minha liberdade”²⁵⁸ é tida pela sociedade que a via como uma “namoradeira consumada” que “traz no rosto a serenidade de um anjo e na alma, o inferno.” Tais discursos caracterizam, portanto, o próprio impacto dessa mulher sobre uma sociedade tradicionalista.

Essa breve descrição é reveladora da existência de novas vivências por parte das mulheres e de como seus movimentos eram vistos e avaliados pela sociedade. Seguindo os passos da escrita de Amélia e acompanhando suas escolhas na construção de sua Teresa, pode-se refletir sobre os olhares que acompanhavam as mulheres.

Mulheres que preenchiam as ruas e que ganham cada vez mais destaque, pois como ressalta Dulcilia Buitoni,²⁵⁹ analisando a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira, a campanha sufragista se firma, sobretudo, a partir de 1910 quando Leolinda Daltro funda o Partido Republicano Feminino, organizando passeatas em prol do sufrágio, direcionando assim o olhar de todos à questão feminina. Nesse período, houve de fato uma movimentação feminista que se apregou de múltiplas formas, com graus distintos. O centro da questão feminista do período era, sem dúvida, a luta pelos direitos políticos, concretizados no direito de sair à rua, alcançar e se fazer notar no meio cultural, votar e ser votada. Essa

²⁵⁸ BEVILÁQUA, 1913, p. 97.

²⁵⁹ BUITONI, 1981, p.41.

bandeira se apresentou, portanto, como porta de acesso das mulheres na arena de luta por seus direitos.

Com olhos atentos a esses movimentos em defesa de lugares a serem ocupados pelas mulheres, Amélia apresenta o romance *Jeannete*. A obra, que leva como título o nome da personagem principal, foi publicada em 1923 e traz as marcas dos novos espaços vivenciados pelas mulheres. Assim como Teresa, Jeannete enfrenta o cotidiano com o marido misógino e expõe as marcas de um pensar diferenciado. O marido, costumeiramente, a tratava como ser infantil e não aceitava que assumisse uma postura crítica diante de suas atitudes avessas às conquistas femininas. Para ele, os papéis exercidos pela mulher eram restritos ao lar e os sentimentos deveriam ser controlados pelo homem. Este, no entanto, tinha plena liberdade de vivenciar múltiplas experiências no universo público e em se tratando de aventuras amorosas, a liberdade era concedida. Conferindo um lugar comum a todas as mulheres e limitando-as a ideia de “tolas”, ele se constitui como um porta voz, a partir do qual Amélia apresenta a ainda persistente percepção de muitos homens em relação às mulheres. Ele reflete:

Pobres mulheres, disse condoído, espreitando, de furto, a desolada senhora. Como são tolas! Suas amantes foram também assim. Nem uma razoável! E isso era de norte a sul. Que belo estudo, tradução livre de filosofia, onde encontrava a verdadeira profundidade de uma lógica inigualável, para escrever o seu primeiro livro sobre a *originalidade feminina*. [grifo nosso].²⁶⁰

June E. Hahner²⁶¹ discute que o meio social definia que “o universo feminino era para ser doméstico. Mesmo as mulheres das classes privilegiadas não podiam entrar no mundo masculino”²⁶², pois o ideal perpetuado definia ainda que “as opções disponíveis às mulheres da elite estavam intimamente ligadas aos interesses de suas famílias.”²⁶³ No entanto, a documentação pesquisada e as obras ficcionais de Amélia apresentam mulheres possíveis de um tempo, revelando a coexistência de outros modelos: mulheres que contestavam os maridos, que saíam às ruas, que não se deixavam enclausurar. A multiplicação de escrevinhadoras²⁶⁴ é reveladora dessas novas possibilidades de se constituir enquanto mulher.

Assim, longe do enclausuramento proposto, muitas mulheres andaram por territórios diversos, e assim deve-se ressaltar que as experiências eram múltiplas e é evidente que o pressuposto de limitação e enclausuramento não é válido para explicitar os papéis exercidos pelas mulheres. Nesse sentido, em se tratando de questões familiares, June E. Hahner afirma:

²⁶⁰ BEVILÁQUA, Amélia. *Jeannete*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1928

²⁶¹ HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria [Org.]. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

²⁶² HAHNER, 2013, p. 47.

²⁶³ HAHNER, 2013, p. 48.

²⁶⁴ GAY, 2001.

Por um bom tempo, difundiu-se de modo equivocado a ideia de que a mulher brasileira do passado vivia enclausurada. Hoje está claro que esse estereótipo não era universalmente válido e que o comportamento feminino variava de acordo com a classe social. Os constrangimentos que, de fato, cercavam as mulheres da elite refletiam considerações da época a respeito da honra feminina (baseada em sinais de pureza sexual e recato), que permaneciam estreitamente ligada à honra familiar. Além disso, a integridade das mulheres servia para certificar a real paternidade dos filhos com suas decorrências óbvias em termo de herança e transmissão do patrimônio.²⁶⁵

Jeannette, revidando o comportamento do marido de considerar-se superior, porta-se em determinada tarde com indiferença e faz o Senhor Geleda refletir sobre os reais atributos da esposa observando sua “inteligência muito lúcida, os julgamentos bastante sólidos, a réplica mordaz, o gosto acentuado pela meditação e ainda a direitura inflexível”. Mesmo assim, ciente das características que conferiam à sua mulher um posicionamento intelectual distinto do proposto por discursos dos séculos anteriores, ele a inferioriza e atribui o modo como lida com a liberdade amorosa masculina à “fraqueza” do gênero feminino, ideal perpetuado em discursos masculinos tanto no Brasil, como em outras localidades. Essa era uma das formas de podar o movimento de luta das mulheres brasileiras desde os séculos anteriores.

Luta que durante o período de escrita do romance e do tempo ao qual o mesmo se refere, a primeira década do século XX, se intensifica em decorrência da República. Esta se fundamentava na ideia de representação política dos diversos estratos sociais; acelerou o processo de engajamento em prol de direitos políticos, como bem discutem Maria Lígia Prado e Stella Scatena Franco em *Participação feminina no debate público brasileiro*²⁶⁶, onde apresentam um conjunto de mulheres que se destacaram no cenário das lutas diretas ou no campo das letras.

À medida que se intensificam as lutas, cresce o movimento duplo de negação e afirmação da chegada da mulher ao ambiente público. Reagindo ao posicionamento contrário ao exercício de papéis diferenciados por parte das mulheres, muitas se manifestaram na ação direta ou pelo uso da palavra. Como forma de divergir desses posicionamentos, Amélia usa sua arte para criticar os vários “Senhores Geledas” que compunham o cenário brasileiro. Uma das falas de Geleda apresenta a percepção de inúmeros homens:

²⁶⁵ HAHNER, 2013, p. 46.

²⁶⁶ PRADO, Maria Lígia; FRANCO, Stella Scatena. *Participação feminina no debate público brasileiro*, In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria [Org.]. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2013

São todas assim mesmo. E evocava os seus amores bizarros: brancos, pretas, mulatas... Nenhuma diferença. A mesma linha de demarcação. Querem as pretensiosas o direito de igualdade, direitos individuais, constituir uma personalidade soberana: em tudo arranjar espírito superior... Estadistas. protesto contra esse abuso. E os míseros maridos que passam o seu desgraçado caminho, lutando pela vida dessas bonecas pintadas, que despendem o seu tempo em luxúrias, sempre gastando os magros vencimentos dos homens... é horrível essa fórmula da sociedade moderna.²⁶⁷

Em sua fala Amaral Geleda reproduz os ideais de seu tempo e não admite o crescimento intelectual da mulher. Por meio do posicionamento de Jeannette, mulher astuta e cujo comportamento é de enfrentamento às desigualdades entre homens e mulheres, Amélia confronta uma realidade existente, tendo em vista que, embora as lutas feministas se intensificassem, permaneciam discursos em torno do exercício de um papel que se opunha radicalmente ao ingresso feminino em novos espaços.

Assim o discurso do *deve ser* norteou os órgãos normatizadores da sociedade e dessa forma mulheres que se permitiam o contato com muitos parceiros e experiências sexuais antes do casamento, distanciavam-se do matrimônio. Roupas simples, voz sempre agradável e calma, agrados rotineiros ao parceiro, evitando que o mesmo se enfadasse, assumir táticas de conquista deveriam ser atitudes femininas. Era o esperado por Amaral Geleda. Não era o assumido por Jeannette. Amélia registra em seu romance, que nos serve de registro e documento histórico, que elas burlavam as imposições. Elas se posicionavam. Referindo-se ao Brasil das três primeiras décadas do século XX, Marina Maluf e Maria Lúcia Mott afirmam:

O dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século foi, assim traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico, que reunia conservadores e diferentes matizes de reformistas e que acabou por desumanizá-los com sujeitos históricos, ao mesmo tempo em que cristalizava determinados tipos de comportamentos convertendo-os em rígidos papéis sociais.²⁶⁸

O discurso do *deve ser*, portanto, legitimou práticas e normatizações sociais em relação ao universo feminino. Entretanto as mulheres consumiram esses discursos de formas múltiplas. Problematizando esse discurso, Amélia Beviláqua elaborou Teresa e

²⁶⁷ BEVILÁQUA, 1928, p.25.

²⁶⁸ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In SEVCENKO, Nicolau [Org.]. *Historia da Vida Privada no Brasil 3*, – República: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.373.

Jeannete. Mulheres múltiplas. Sobre a mulher nos escritos de Amélia, Miridan Britto Knox Falci registra:

A mulher, nos seus escritos é uma peça vigorosa de pensamento e ação mental. Sua alma está sempre inquieta a filosofar, a questionar o direito das coisas, das pessoas, a religião. Amélia tem grande preocupação com a liberdade e com o estado de felicidade e prazer. Na maioria de seus romances passam principalmente, os choques, os abismos de incompreensões, das paixões humanas, das angústias, do amor não encontrado, da inexistência de afetos, da ausência de felicidade. Usa metáforas, imagens, símbolos para exprimir esses sentimentos e paixões.²⁶⁹

As mulheres de seus romances refletem sobre as relações sociais de uma sociedade com resquícios do patriarcado e conservadora que vivia o confronto com as pequenas aberturas conferidas às mulheres em decorrência de suas lutas. Produção, aqui deve-se ressaltar, pode ser compreendida a partir da ideia de um fazer, no caso o escriturístico, do sujeito inserido em um meio. Essas produções são compostas pelos novos enlaces que perpassavam as relações entre gêneros.

A mencionada sociedade, embora vivenciasse os frêmitos da inovação e que estava diante da chegada feminina ao universo público, buscava civilizar corpos, normatizar práticas, impor limites, controlar. Amaral Geleda, Artur Lourenço, na forma de julgar e de se relacionar com Jeannete e Teresa, são representativos. Representantes de um tempo estes personagens como reais possíveis corroboram e se apresentam como vestígios de uma época marcada por tensões que se configuram nas aberturas conquistadas pelas mulheres que lhes propiciaram a chegada a ambientes até então androcêntricos .

O romance *Silhouettes* traz como figuras principais Maria Rosa²⁷⁰, Vitalina²⁷¹ e Lúcio²⁷² que constituem um triângulo amoroso. Entre os espaços urbano e rural os

²⁶⁹ FALCI, Miridan Britto Knox. Mulheres no sertão nordestino, In: PRIORE, Mary del [Org]. *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p.241-277.

²⁷⁰ Maria Rosa é apresentada como uma moça pobre e inocente de uma cidade interiorana, filha da lavadeira Joana, uma viúva que morava em um casebre de palha. Joana casara-se com um português rústico e grosseiro que ao morrer a deixara em completa miséria. Quando Joana começa a trabalhar para Lúcio o mesmo se aproxima de Maria Rosa, moça com quem anos depois Lúcio teria um relacionamento amoroso. Maria Rosa vê na união com Lúcio uma possibilidade de mudar de vida. No entanto, é enganada por Lúcio e termina seus dias em um convento, mas não antes de ver o fim desastroso do ex-amado. Cf. BEVILÁQUA, 1923.

²⁷¹ A personagem é filha do Senhor Marçal, o homem mais rico da cidade. Embora possuísse riquezas, era muito feia e já estava perto de completar 30 anos, o que a afastava de contrair matrimônio. Cf. BEVILÁQUA, 1923.

²⁷² Lúcio é apresentado como um rapaz belo, mas de caráter duvidoso. Graduara-se em São Paulo e passa a residir na cidade interiorana de Vitalina e Maria Rosa. Aproveita-se da inocência de Maria

personagens se constituem como representantes das transgressões de seu tempo. Os personagens que compõem o romance constituem-se como representantes das formas de burlar tais convenções. Pode-se observar também as reações sociais perante essa fuga do padrão. Além disso, a importância do casamento em confronto com a solteirice, o rapto, o casamento por interesse, o amasiamento são alguns dos temas abordados.

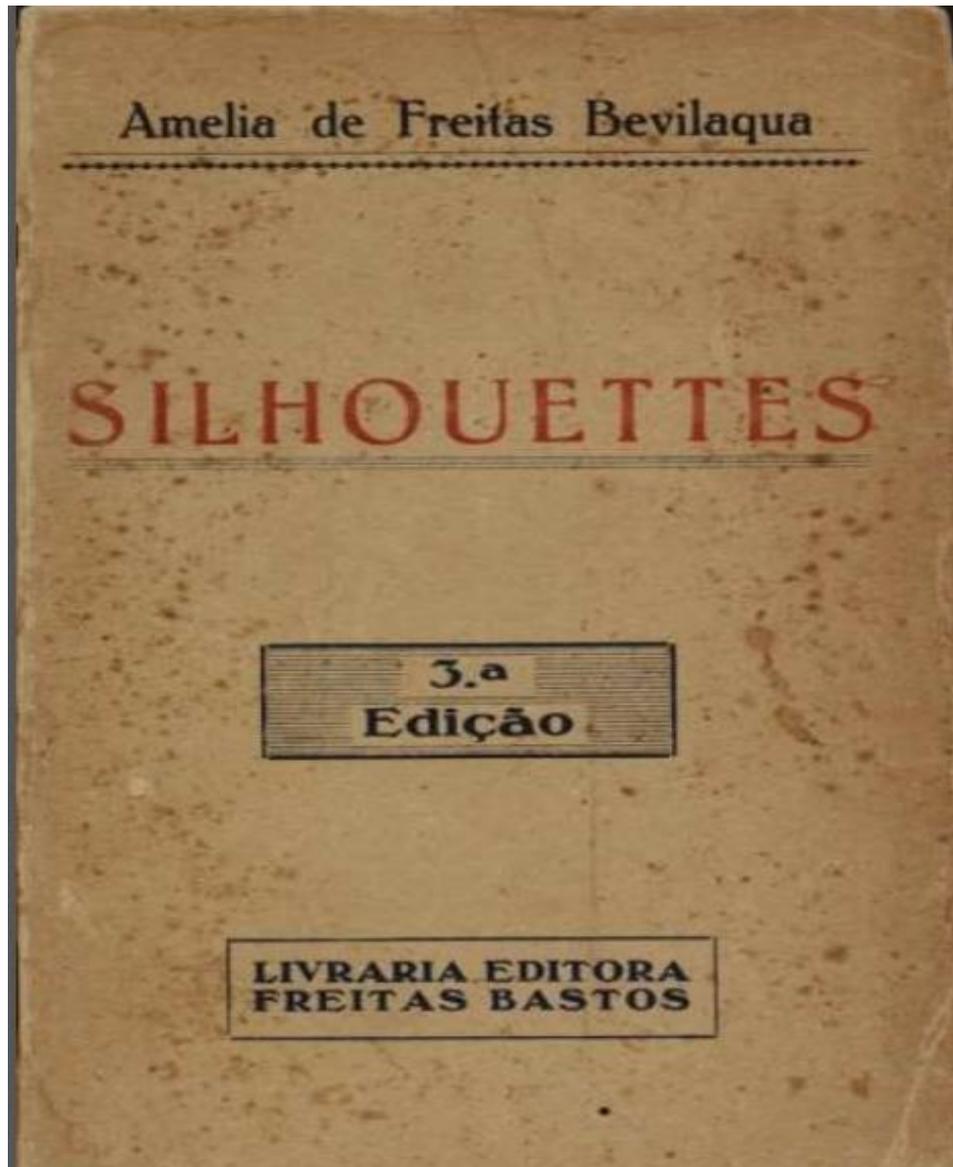


Figura 14: Capa da terceira edição do romance *Silhouettes*.

Maria Rosa, bela e pura, se apresenta como uma moça pobre, filha de uma lavadeira, que vê na imagem de Lúcio a chance de percorrer novos caminhos, sair da cidade pequena e

Rosa e a rapta, por considerá-la bela, a engana fazendo-a acreditar que estavam casados e pouco tempo depois a abandona indo casar-se com Vitalina. Cf.: BEVILÁQUA, 1923.

habitar no espaço urbano, contraindo matrimônio, destino reservado à mulher e sobre a qual estava a ideia de que a boa mulher era ainda mais dignificada através do casamento. Sua trajetória revela a pluralidade de vivências que a nova era propiciava e, sobretudo, as permanências depráticas. O doutor passa a direcionar o olhar a Maria Rosa que ainda era uma menina, o que desperta a desconfiança da mãe. Maria Rosa logo completa 18 anos tornando-se uma bela mulher. Joana fica receosa com o presente oferecido em certa feita, pelo bacharel Dr. Lúcio à filha. A mãe via no presente uma espécie de “desgraça iminente”. Um medo que revela muito sobre o tempo em que viviam. Muitas moças pobres acabavam seduzidas por conta de sua beleza e fragilidade por homens ricos, defloradas e, sem mais nenhuma perspectiva ou aceitação social, caíam no universo da prostituição. Receio que é compartilhado pela lavadeira Joana.

Para a mãe, o presente “era o primeiro passo para a queda no abismo das desgraças. O infortúnio. Maldito presente, maldito aquele que queria macular a alma da sua filha querida.”
Aconselha a filha:

Filha adorada fuge deste mundo que não é teu, repousa no meu peito a tua cabeça de anjo; é aqui teu único lugar, é aqui teu repouso feliz. E num movimento brusco sacudi para longe o corte de seda que jazia em cima da mesa como se fosse mancha que se engrandecia, ao reflexo da luz da lamparina.²⁷³

Michelle Perrot, analisando o caso parisiense do final do século XIX, destaca que as mães possuíam grande responsabilidade na criação das filhas, tendo em vista que estas eram, em suma, abandonadas pelo Estado. Era a mãe quem fazia a iniciação da menina no mundo e sua principal missão era não deixar que as filhas se “perdessem”,²⁷⁴ procurando um casamento do qual fossem dignas. A autora apreende neste ponto que “não há dúvida de que aqui a intenção é forjar uma linha de continuidade fundada sobre o papel conservador e evocador da mulher.”²⁷⁵

Mesmo assim, as normatizações sociais eram ultrapassadas e nem todas as mulheres se adequavam aos padrões exigidos. Em sua escrita problematizadora da realidade social, Amélia questiona esse padrão e apresenta Vitalina, moça que foge aos padrões “do deve ser”.

No romance, Amélia a descreve como muito espevitada, feia, desengonçada, o queixo inferior ligeiramente levantado, lábios muito delgados, que desapareciam quando a boca se

²⁷³ BEVILÁQUA, 1906, p.62.

²⁷⁴ A virgindade estava associada à honra da mulher e da família. Sua perda antes do casamento se constituía como um dos maiores temores por parte da família. Por isso as moças eram controladas sob olhares atentos. Cf. PERROT, 2007, p.18.

²⁷⁵ PERROT, 2007, p.18.

fechava, olhar languido, face angulosa” e já andava a inteirar os 30 anos. Na linguagem comum, Vitalina é sinônimo de “moça velha”, “mulher que ficou para titia”, uma moça que não se casou. Propositadamente ou não, a personagem Vitalina do conto de Amélia beirava os 30 anos de idade e, apesar de toda a riqueza de seu pai, o Sr. Marçal, até então não havia contraído casamento e era por essa razão posta à margem. Segundo a narrativa:

A Vitalina andava a inteirar os 30. Muitas outras da mesma idade e ainda mais moças já se haviam casado, entretanto ela ia ficando...Estava ficando impaciente, não pensava em outra coisa, tinha um medo horrroso de ficar no rol dos esquecidos, mas somente lhe servia um titular.²⁷⁶

Segundo Michelle Perrot, essa estigmatização decorre do modelo familiar dominante no século XIX, que se constitui como uma força normativa, imposta tanto às instituições quanto aos indivíduos e que acabava por construir várias zonas de exclusão. Segundo a perspectiva patriarcalista,²⁷⁷ a mulher foi feita para ser protegida e por isso fora do lar e do casamento não existia salvação. A mulher que fugisse desse padrão, e porventura viesse a ficar solteira, despertava desconfiança, reprovação e zombaria. Justamente por isso, as famílias faziam o máximo para lutar contra a solteirice das filhas. Conforme afirma Michelle Perrot: “a solidão é uma relação: consigo mesmo e com os outros. Ainda não é um direito do indivíduo. Ela devolve como um espelho, a imagem de uma sociedade que valoriza a ordem da casa e o aconchego do lar.”²⁷⁸

A pressão para a conquista de um matrimônio leva Vitalina a ousar. Estava sempre a encarar um bonito rapaz de sua adjacência chamado Sandielle. Isso até chegar àquela pequena cidade um moço chamado Lúcio. Era um rapaz cuja beleza e postura impressionavam. Um bacharel que logo chama a atenção das moças da vizinhança, tendo em mente a importância

²⁷⁶ BEVILÁQUA, 1906, p.27.

²⁷⁷“ O Patriarcalismo tem como definição ideológica a supremacia do homem nas relações sociais. Foi o modelo imperante em muitas das sociedades ocidentais. O termo Patriarcalismo é oriundo de Patriarcado, que, por sua vez, tem origem na palavra *pater*. A primeira vez que o termo foi usado com conotação de preponderância do homem na organização social foi pelos hebreus com o propósito de qualificação do líder de uma sociedade judaica. Mas o grego helenístico também já fazia menção ao termo, pois as mulheres eram concebidas como objetos de satisfação masculina e, conseqüentemente, julgadas como inferiores. O patriarca manteve o poder, ao longo da história, sobre qualquer indivíduo na organização social de que fazia parte. Poderia ser sua mulher, seus filhos, seus súditos, seus escravos ou seu povo. Cabendo-lhe o poder de decisões cruciais de forma inquestionável no seio da sociedade. Assim, na vigência do patriarcalismo, as relações humanas são estabelecidas em patamares desiguais e hierarquizados. O patriarca representa a autoridade maior determinando as condições que justificam seu *status* de superioridade e o *status* de inferioridade dos outros indivíduos. Apesar de sua rigidez, observam-se algumas brechas em sua constituição, o que possibilitou algumas transgressões, a exemplo as mulheres que buscavam emancipação por meio de suas práticas.”Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociedade/patriarcalismo/>. Acesso em: 18/02/2014.

²⁷⁸ PERROT, 2007.p. 24.

assumida por bacharéis na época, que despertavam a atenção em todos os lugares em que circulavam.

Tudo isso em uma época em que a beleza e a juventude eram tidos como fundamentais para contração do casamento, ela foge do padrão ao expor seus sentimentos aos homens, usa, portanto, da audácia e de sua posição social privilegiada para lançar galanteios aos pretendentes, inclusive a Lúcio, que reage a sua declaração:

O rapaz ficou atordoado. Nunca havia pensado naquela criatura magra e feia. Recordando-a, uma sensação de frio atravessou-lhe o corpo até a medula dos ossos. Pareceu-lhe o abraço da própria morte. Rasgou a carta, frasco de perfumes, e, apavorado com a ousadia da pretensiosa matuta, vestiu-se apressado.²⁷⁹

Assim era percebida a mulher que assumia atitudes tidas como masculinas veiculadas nas polifonias cotidianas. Aquilo era uma afronta. Dessa forma, Amélia apresenta sua personagem como uma mulher ousada.

Segundo Teresinha Queiroz, práticas da leitura e escrita, inquietação com a natureza das relações amorosas e especialmente conjugais, a infância, a educação, as distinções de gênero, as relações familiares eram algumas das centralidades da vida de Amélia e por isso sua escrita foi extensa e variada.²⁸⁰ Essa inquietação pode ser observada na elaboração de seus personagens. Por meio deles, Amélia expressa sua percepção em relação ao mundo das mulheres, que, em uma perspectiva relacional, ligava-se aos homens. Jeannete, Teresa, Vitalina, Maria Rosa, Artur, Amaral Geleda são referências possíveis de um tempo expressando vozes e experiências verossímeis ao que era vivenciado socialmente. Esses personagens revelam conflitos, ousadias, o anseio pela liberdade *versus* a necessidade de permanecer podendo tal anseio.

Dessa forma, Amélia Beviláqua assume um lugar de poder, pois como bem evidencia Michelle Perrot:

O uso da palavra pública significa outra coisa. Ele é símbolo do poder e forma o acesso à esfera pública da qual as mulheres são excluídas segundo consta, devido à sua voz fraca, rouca, aguda e sua incontinência verbal. Apropriar-se do discurso e dominá-lo era apropriar-se do mundo e tentar o

²⁷⁹ BEVILÁQUA, 1928, p. 33.

²⁸⁰ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Beviláqua e a escrita feminina no Brasil, In: BORRALHO, J.; GALVES, M.; BEZERRA, N. [Org]. *Pontos, Contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café e Lápis; Editora UEMA, 2011.

esboço de uma revolução simbólica inacabada- interminável?- que está no centro do movimento das mulheres. Uma grande aventura, em suma.²⁸¹

O personagem Lúcio também se apresenta como metáfora do tempo de escrita de Amélia. A todo instante compara o mundo urbanizado paulista e carioca com o qual tinha contato, procurava nas moças da cidade pequena os hábitos civilizados típicos da *Belle Èpoque*. Rapta e aproveita-se da inocência de Maria Rosa, prometendo-lhe casamento. Depois foge e se casa com Vitalina, a jovem rica e feia. Acaba o romance na miséria após ter suas intenções descobertas pelo pai de Vitalina. Lúcio é representativo das permanências de características tradicionais dos homens de sua época. Sua derrota final soa como esperança da emergência de um tempo em que atitudes machistas seriam punidas e consideradas como desqualificadoras do lugar da mulher.

Estas obras de ficção trazem muitas contribuições ao universo dos historiadores. Assim como a vida de sua autora traz. A partir delas, podem-se desvendar aspectos e sensibilidades que outras fontes não propiciariam. A partir delas, pode-se observar também um mundo em que as mulheres ocupavam espaços ditados pelos paradigmas sociais e que ao deslocar as fronteiras impostas ao seu gênero, punham em risco todo um conjunto de ditames sociais pautados na tradição.

Denota-se, portanto, que os novos tempos levaram consigo uma espécie de abertura para a mulher no que se refere ao espaço público. Por isso surgiram figuras como Júlia Lopes de Almeida, Josefina Álvares de Azevedo, Anália de Campos e as representações de Teresa e Jeannete. A trajetória de Amélia se constitui como marca desses novos tempos. Uma trajetória que propicia evidenciar também as muitas permanências de um tempo que ainda aprisionava as mulheres. Um tempo de contradições. Um tempo de Lúcios, Marias Rosas e Vitalinas, transgressores da ordem.. Um Rio em que ao mesmo tempo conviviam as novidades do século, a civilidade importada da Europa, as rodas de intelectuais juntamente com a realidade suburbana perpassada por miséria. Um Rio de Janeiro no qual muitas mulheres galgam novos espaços e que ao mesmo tempo limita a entrada da mulher a estes.

Foi diante desses contrastes que Amélia, assim como outras escritoras se puseram como questionadoras da realidade que vivenciavam. Por essa razão, muitas viveram as dores de seus enfrentamentos, caso de Amélia no ano de 1930, momento em que ela lança sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. Analisar e compreender esse processo e os discursos produzidos em torno deles é o objetivo do capítulo a seguir.

²⁸¹ PERROT, 2005, p.326.

4 AMÉLIA BEVILÁQUA E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O espaço público, lugar de conflitos e disputas, aos poucos começa a ser alcançado por figuras femininas. Por meio das lutas e da busca por direitos, as mulheres se lançavam cada vez mais no cenário público, principalmente nas primeiras décadas do século XX, quando o movimento em prol dos direitos das mulheres avança no terreno ocidental. A experiência de Amélia Beviláqua, mulher inseridas nesse lugar social de conquistas e disputas, contribui para ampliar o olhar sobre os processos de chegada da mulher a esse *lócus*.

A tentativa de se tornar uma imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) é marca desse caminho de conquista e legitimação de um espaço marcado pela presença masculina. Compreender esse processo, bem como as repercussões momentâneas e posteriores do mesmo, relacionando-o às disputas de poder entre os gêneros no universo escriturístico, é o objetivo deste capítulo. Casos de enfrentamento como o vivenciado entre Amélia Beviláqua e a Academia Brasileira de Letras permitem entrever que muitas mulheres não se constituíram como meras vítimas de um sistema opressor. Dessa forma, observa-se que as novas experiências femininas foram ocasionando um deslocar das fronteiras que separavam os gêneros. Esse deslocar, lento e progressivo, provocou algumas dores nas que desejavam galgar novos horizontes, caso de Amélia.

4.1 Amélia e a Casa dos Imortais das Letras

A chegada da mulher a instituições intelectuais já era notória antes mesmo da década de 1920, quando os estados da Nação abriram espaço para a valorização e divulgação dos feitos intelectuais de mulheres notáveis. A exemplo disso, a Academia Piauiense de Letras (APL), também chamada de “Casa de Lucídio Freitas”, por ter sido este o idealizador, fundada em 30 de dezembro de 1917. O exemplo de apoio conferido a mulheres por esta instituição é publicado em 5 de junho de 1930, quando Odilo Costa, integrante da APL, utilizou as páginas do *Jornal do Comércio*, importante instrumento da imprensa carioca, para divulgar a contribuição de Amélia Beviláqua à APL. Segundo ele:

Honra-se a Academia Piauiense de Letras de ter no seio, ornamentando-a com o esplendor da virtude e o engenho do espírito, a festejada escritora brasileira, Amélia de Freitas Beviláqua. É o único elemento feminino existente na modesta corporação do querido e longínquo Estado do Norte, e

essa circunstância dá ainda maior realce ao seu nome que, para nós, acadêmicos provincianos, é uma espécie de símbolo. Portadora da graça que Olavo Bilac tanto exaltou como o atributo mais belo na mulher, acontece que tem sido luz persistente, suave e inspiradora desse que, ainda mais que outro, ilumina o nosso direito, dando-lhe vida nos códigos da república e nos ensinamentos que nos leva ao cérebro pelo caminho do coração.²⁸²

A contribuição de Amélia à Academia Piauiense de Letras iniciou-se em 1921,²⁸³ mesmo a literata morando no Rio de Janeiro. Embora Odilo Costa ressalte em seu discurso apenas os caracteres ditos e reproduzidos como femininos, tal como delicadeza e papel ornamentador, sua fala, expressa, em jornal de grande circulação, contribui para ressaltar a chegada da mulher a espaços de poder. No entanto, foi com desconfiança que a “rua” passou a ser alcançada pela mulher. Rachel Soihet, analisando a pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres²⁸⁴, esclarece que a dificuldade do acesso à área pública em muito se relacionava à educação que era direcionada à mulher, voltada para o incentivo e reforço dos papéis de mãe, esposa e dona do lar. Segundo ela, as mulheres que se lançaram na escalada em busca de seus direitos eram ridicularizadas e tiveram suas pretensões de autonomia feminina negadas.

Esclarecedora nesse sentido é a posição de Clodoaldo Freitas que, em crônica intitulada *O Feminismo*, ressaltava como as inversões de papéis provocariam confusão no espaço doméstico, pois não conseguia entender a mulher fora do lar e olhava com “prevenção invencível para essa espécie de macho, que não quer se conformar com os deveres do seu sexo”²⁸⁵. Assim, as conquistas femininas, resultado de suas lutas diárias, ora eram aplaudidas, ora eram desqualificadas pelos homens.

Foi percorrendo essa contradição que Amélia Beviláqua assumiu publicamente seu anseio por legitimar o universo público como pertencente à mulher. Embora já participasse de reuniões e conferências ao lado do esposo Clóvis Beviláqua, foi em 1930 que a relação com o novo espaço que buscava adentrar, estreitou-se.

Os jornais cariocas e paulistas anunciaram o pesar pelo falecimento do imortal da Academia Brasileira de Letras, Alfredo Pujol, no dia 20 de maio de 1930.²⁸⁶ O mesmo foi

²⁸² COSTA, Odilo. Academia Brasileira de Letras. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano 10, n. 133, jun. 1930.

²⁸³ ROCHA, Olívia Candeia Lima. *Mulheres, escrita e feminismo no Piauí(1875-1950)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2011. p.108.

²⁸⁴ SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*. 2000, n.15.p. 97

²⁸⁵ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo, In: *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p.71.

²⁸⁶ ALFREDO Pujol. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano 40, n.121. maio, 1930, p.5.

terceiro ocupante da Cadeira 23, eleito em 14 de novembro de 1917, na sucessão de Lafayette Rodrigues Pereira e recebido em 23 de julho de 1919 pelo Acadêmico Pedro Lessa. Distinguiu-se como advogado, literato, conferencista e ainda como político, como registram os arquivos da Academia Brasileira de Letras.

Com a cadeira vaga, a imprensa noticiou os questionamentos em torno do seu preenchimento. Como sugestão de amigos intelectuais, Amélia Carolina de Freitas Beviláqua escreveu ao presidente da Academia Brasileira de Letras, Aloísio de Castro solicitando sua inscrição, como consta na edição do *Jornal do Brasil* de junho de 1930, que esclareceu que “D. Amélia de Freitas Beviláqua escrevera uma carta a Academia, pretendendo candidatar-se a vaga de Alfredo Pujol”²⁸⁷.

Clóvis, o esposo, era grande incentivador da carreira de sua mulher e das conquistas da mulher em geral. Um texto de sua autoria publicado como matéria pela *Fon Fon* apresenta seu posicionamento diante da produção intelectual feminina:

Nós trabalhamos, mourejamos, deixamos pelos agros caminhos da existência, rastilhos de sangue, farrapos de nós mesmos, em procura de um ideal, que nos foge: a mulher ri-se da nossa incapacidade, e, sem esforço, sem luta, tem no coração preso o seu ideal. O homem leva noites mal dormidas e dias sem repouso para descobrir uma ideia, um pensamento que modifique a concepção do mundo, mas luta em vão, quase sempre. A mulher, sem preocupar-se com isso, encontra as grandes ideias, por que é bem verdade virem elas do coração e consegue modificações nas opiniões que repousam sobre os sentimentos. Ocioso seria mais discorrer. A balança pende para o lado da mulher. Convenhamos em nossa inferioridade.²⁸⁸

Em Clóvis, Amélia teve seu principal incentivo para destacar-se no meio escriturístico e intelectual. As cartas²⁸⁹ trocadas entre os mesmos, ainda na década de 1880, são demonstrativas dessa parceria. Esse aspecto é reforçado por Olívia Candeia Lima Rocha, quando adverte que as mulheres que ascendiam ao universo público possuíam bases reforçadoras que, aliadas às suas lutas e ousadias diárias, contribuía para a ascensão feminina. No caso de Amélia, a proveniência de uma família de prestígio político e intelectual e o casamento com Clóvis cooperaram no sentido de elevá-la a um espaço de destaque.

²⁸⁷ AMÉLIA Beviláqua e a ABL. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano 40, jun, 1930.

²⁸⁸ Beviláqua, Clóvis. Num livro de pensamentos de Amélia, quando menina. *Fon Fon*. Rio de Janeiro, dez, ano 23, n.51, dez.1929, p.20.

²⁸⁹ LIRA, José Luís [Org.] *De Clóvis para Amélia*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 2011.

Portanto, sob aplausos de Clóvis, Amélia lançou sua candidatura. Candidatura essa que movimentou aquela academia, tal como pode-se observar na análise da reunião de documentos sobre a candidatura que resultou na obra *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*, organizada pela própria Amélia. A obra é constituída por 24 capítulos e 187 páginas, com as impressões da intelectualidade, que compunham a elite intelectual em relação à candidatura de uma mulher à ABL. Os textos transformados em capítulos em sua maioria foram publicados nos jornais de grande circulação da capital federal, como *Diário de Notícias*, *Diário da Noite*, *Jornal do Brasil* e *Jornal do Comércio*, dentre outros.

De acordo com a publicação do *Jornal do Comércio* em 31 de junho de 1930, arquivada na reunião de documentos de Amélia, a inscrição de uma mulher foi comunicada aos imortais da casa no dia 29 de maio de 1930. No artigo intitulado Resolução da Academia Brasileira de Letras, o jornal traz os acontecimentos daquele dia 29:

Na sessão da ABL realizada no dia 29 de maio de 1930 o Senhor Presidente, Doutor Aloisio de Castro, comunicou ter requerido inscrição a vaga de Alfredo Pujol, Amélia de Freitas Beviláqua. Sendo a primeira vez que se apresentava, a Academia, uma candidatura feminina, o Senhor presidente, por não se achar autorizado a interpretar o artigo 2º dos estatutos solicitou que a Academia em plenário se manifestasse de modo que futuramente, se pudesse ter um critério seguro, para aceitar ou rejeitar candidaturas.²⁹⁰

Portanto, conforme indica a fonte, a sessão do dia 29 fora reservada apenas para a discussão em torno da candidatura de uma mulher àquela instituição. Na mesma estavam presentes Constâncio Alves²⁹¹, Augusto de Lima²⁹², Silva Ramos²⁹³, Afonso Celso²⁹⁴,

²⁹⁰RESOLUÇÃO da Academia Brasileira de Letras. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano103, n155, jun,1930.

²⁹¹“Terceiro ocupante da Cadeira 26, eleito em 6 de julho de 1922, na sucessão de Paulo Barreto e recebido pelo Acadêmico Félix Pacheco em 22 de agosto de 1922. Constâncio Alves (Antônio Constâncio Alves), jornalista, ensaísta e orador, nasceu em Salvador, BA, em 16 de julho de 1862, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de fevereiro de 1933. Iniciou o curso de Direito no Recife, em 1880, abandonando-o pouco depois para ingressar no curso de Medicina em Salvador, no qual se formou em 1885. Exerceu o jornalismo desde os anos de estudante. Em 1890, transferiu-se para o Rio de Janeiro e entrou para o *Jornal do Brasil*, de Rodolfo Dantas, onde manteve, durante muitos anos, uma seção diária, com notas cheias de ironia, de malícia, de humorismo e de sabedoria.” Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017

²⁹²“Augusto de Lima (Antônio Augusto de Lima), poeta e magistrado, nasceu em Congonhas de Sabará, hoje Nova Lima, MG, em 5 de abril de 1859, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de abril de 1934. Na Academia Brasileira de Letras, concorreu a primeira vez em 1902, na vaga de Francisco

Roquette Pinto²⁹⁵, Alberto de Oliveira²⁹⁶, Coelho Neto²⁹⁷, Ademar Tavares²⁹⁸, Luiz Carlos²⁹⁹, Fernando de Magalhães³⁰⁰, João Ribeiro³⁰¹ e Laudelino Freire³⁰², tal como esclareceu *Jornal do Comércio*.

de Castro, tendo sido eleito Martins Júnior. Um ano depois, apresentou-se candidato à vaga de Urbano Duarte. Foi eleito em 5 de fevereiro de 1903, mas só tomou posse quatro anos depois, em 5 de dezembro de 1907, sendo recebido pelo acadêmico Medeiros e Albuquerque.” Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017.

²⁹³“Silva Ramos (José Júlio da Silva Ramos), nasceu na cidade do Recife, PE, a 6 de março de 1853. Fez parte do grupo que fundou a Academia Brasileira de Letras, na qual escolheu para patrono de sua cadeira nº. 37 o poeta Tomás Antônio Gonzaga.” Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017.

²⁹⁴“Afonso Celso (Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior), natural de Ouro Preto, MG, nasceu em 31 de março de 1860 e veio a falecer no Rio de Janeiro, RJ, a 11 de julho de 1938. Filho do Visconde de Ouro Preto, último presidente do Conselho de Ministros do Império, e de D. Francisca de Paula Martins de Toledo, é um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras. Dedicou-se ao magistério e ao jornalismo, tendo colaborado durante mais de 30 anos no *Jornal do Brasil*. Outros órgãos da imprensa - tais como *A Tribuna Liberal*, *A Semana*, *Renascença*, *Correio da Manhã* e o *Almanaque Garnier*, divulgaram muitos de seus artigos.” Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017.

²⁹⁵“Terceiro ocupante da Cadeira 17, eleito em 20 de outubro de 1927, na sucessão de Osório Duque-Estrada e recebido pelo Acadêmico Aloísio de Castro em 3 de março de 1928. Médico legista, professor, antropólogo, etnólogo e ensaísta, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 25 de setembro de 1884, e faleceu na mesma cidade em 18 de outubro de 1954.” Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017.

²⁹⁶“Alberto de Oliveira (Antônio Mariano Alberto de Oliveira), farmacêutico, professor e poeta, nasceu em Palmital de Saquarema, RJ, em 28 de abril de 1857, e faleceu em Niterói, RJ, em 19 de janeiro de 1937. Durante toda a carreira literária, colaborou em jornais cariocas: *Gazetinha*, *A Semana*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Mequetrefe*, *Combate*, *Gazeta da Noite*, *Tribuna de Petrópolis*, *Revista Brasileira*, *Correio da Manhã*, *Revista do Brasil*, *Revista de Portugal*, *Revista de Língua Portuguesa*. Era um apaixonado bibliófilo, e chegou a possuir uma das bibliotecas mais escolhidas e valiosas de clássicos brasileiros e portugueses, que doou à Academia Brasileira de Letras

²⁹⁷ Fundador da Cadeira 2. Romancista, crítico e teatrólogo, nasceu em Caxias, MA, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017.

²⁹⁸“Quinto ocupante da Cadeira 11, eleito em 25 de março de 1926, na sucessão de João Luís Alves e recebido em 4 de setembro de 1926 pelo Acadêmico Laudelino Freire. Advogado, professor, jurista, magistrado e poeta, nasceu em Recife, PE, em 16 de fevereiro de 1888, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 20 de junho de 1963.” Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017.

²⁹⁹“Quarto ocupante da Cadeira 18, eleito em 20 de maio de 1926, na sucessão de Alberto Faria e recebido pelo Acadêmico Osório Duque-Estrada em 21 de dezembro de 1926. Luís Carlos (Luís Carlos da Fonseca Monteiro de Barros), engenheiro civil e poeta, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 10 de abril de 1880, e faleceu na mesma cidade em 16 de setembro de 1932.” Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017.

³⁰⁰“Segundo ocupante da Cadeira 33, eleito em 22 de julho de 1926, na sucessão de Domício da Gama e recebido pelo acadêmico Medeiros e Albuquerque em 8 de setembro de 1926. Fernando Magalhães

As candidaturas costumavam ser enviadas por correspondência como indica Michelle Asmar Fanini³⁰³. As mesmas eram apresentadas e votadas para que fosse escolhido o novo componente da Academia Brasileira de Letras. Os tramites daquela sessão, entretanto, se diferenciaram.

Na sessão do dia 29 de maio, a candidata não estava sendo avaliada por seus méritos e vasta publicação na imprensa, direção de revistas, participação em conferências e por suas obras literárias. Amélia foi avaliada por ser mulher, por desejar um espaço que ainda era dominado pelos homens e aos poucos alcançados pelas mulheres que não incorporavam um discurso vitimista como adverte Rachel Soihet.³⁰⁴

Amélia destacou-se no cenário intelectual carioca e brasileiro. Desde 1898 quando inicia suas publicações e, sobretudo a partir do *Lyrio*. Seu destaque nesse meio foi ampliado, sobretudo, em 1930, quando diversas agremiações literárias já haviam aceitado a presença e a contribuição feminina, a exemplo a Editora *Garnier*, uma das maiores da época, na qual foram lançadas várias obras de Amélia como consta da *Almanaque da Garnier* do ano de 1930³⁰⁵. A *Garnier* é mais uma mostra do destaque de Amélia em meios intelectuais majoritariamente masculinos, mas que por ela foram desbravados.

Essa aceitação da presença feminina, na perspectiva de Olivia Candeia Lima Rocha, demarca que:

Inaugurava-se uma época, na qual, as mulheres paulatinamente, ampliavam sua participação na sociedade, as fronteiras que demarcavam espaços de atuação masculinos e femininos tornavam-se confusas, pois as mulheres

(Fernando Augusto Ribeiro Magalhães), médico, professor e orador, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de fevereiro de 1878, e faleceu na mesma cidade em 10 de janeiro de 1944.”Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017.

³⁰¹“João Ribeiro (João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes), jornalista, crítico, filólogo, historiador, pintor, tradutor, nasceu em Laranjeiras, SE, em 24 de junho de 1860, e faleceu em agosto de 1898” Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017.

³⁰¹ “Laudelino Freire (Laudelino de Oliveira Freire), advogado, jornalista, professor, político, crítico e filólogo, nasceu em Lagarto, SE, em 26 de janeiro de 1873, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de junho de 1937. Segundo ocupante da Cadeira 10, eleito em 16 de novembro de 1923, na sucessão de Rui Barbosa e recebido pelo acadêmico Aloísio de Castro em 22 março de 1924. Recebeu o Acadêmico Aldemar Tavares. Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: janeiro de 2017.

³⁰² FANINI, 2009.

³⁰³ SOIHET, Raquel. História das Mulheres, In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

³⁰⁴ ALMANAQUE DA GARNIER, Rio de Janeiro, ano 28, 1930.

insinuavam-se por lugares de saber e poder anteriormente reservados aos homens.³⁰⁶

No entanto, apesar da aceitação e ampliação, algumas agremiações ainda mostravam resistência à chegada da mulher a novos lugares de exposição. Foi o caso da Academia Brasileira de Letras. O *Jornal do Comércio* realizou o registro do posicionamento dos imortais da casa quanto à chegada de senhoras à agremiação, destacando, inclusive, que intelectuais se manifestaram a respeito do caso e a determinação final da casa, tal como observa-se a seguir:

Sobre o assunto falaram os Senhores Constancio Alves, Augusto de Lima, Silva Ramos, Afonso Celso, Roquette-Pinto, Alberto de Oliveira e Coelho Neto, sendo afinal resolvido, por maioria *que na expressão são os brasileiros do artigo 2º dos estatutos só se incluam indivíduos do sexo masculino*. Votaram contra os Senhores Ademar Tavares, Luiz Carlos, Afonso Celso, Augusto de Lima, Fernando de Magalhães, João Ribeiro e Laudelino Freire[grifos de Amélia Beviláqua].³⁰⁷

O artigo citado na fonte era parte do Estatuto daquela instituição, um documento que definia, entre vários aspectos, quem poderia concorrer à ocupação de cadeira. No entanto, a análise realizada pelos integrantes da Casa dos imortais de que o termo brasileiros se relacionava apenas aos homens revela um movimento em torno da definição e limitação dos papéis de homens e de mulheres que ainda dominava e regia as relações.

O espaço da escrita foi um dos lugares utilizado pelo homem para exercer o seu domínio e, até o século XIX, tal lugar de fala não pertencia ao gênero feminino. Entretanto, a partir do século XIX a relação entre mulher e escrita começa a dar ares de aproximação. É o momento em que emergem por todo o mundo um grupo de mulheres, que, como Amélia, ousavam ultrapassar os limites das rígidas barreiras sociais e que passaram a utilizar a palavra escrita para dar vazão a reflexões relacionadas às mais diversas temáticas.

Nem todas eram consideradas subversivas. Todavia, o ato de se lançar ao universo da palavra escrita já era considerado um deslocamento de fronteiras. Um deslocar que se constituiu como um fenômeno e levou muitos homens a se posicionarem em busca da preservação de um lugar tido como pertencente ao seu gênero. Foi essa a tentativa buscada pelos imortais da ABL, resistir a um movimento de deslocar de fronteiras, observado no

³⁰⁵ ROCHA, 2008, p.20.

³⁰⁶ A ABL[...] *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano 103, n.125. 1930. p.1.

universo feminino desde o século XIX. Um aspecto observado a partir do artigo 2º que em nada se referia a questões de gênero. Este artigo previa que:

[...] só podem ser membros efetivos da Academia os *brasileiros* que tenham, em qualquer dos gêneros da literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário. As mesmas condições, menos a de nacionalidade exigem-se para os membros correspondentes.[grifo da autora]³⁰⁸

Dessa maneira, percebe-se que o termo *brasileiros* não era suficiente para limitar a chegada de uma mulher àquela Instituição. Foi por essa razão que a decisão dos imortais naquele dia 29 foi registrada nas páginas dos jornais que nos servem como lugares de observação.

A vaga de Alfredo Pujol só foi preenchida no mês de setembro como informa o *Correio Paulistano*³⁰⁹ do dia 26 de setembro de 1930, em artigo intitulado A eleição, ontem, do Ministro Otávio Mangabeira para vaga do Senhor Alfredo Pujol na Academia Brasileira de Letras -A unânime votação. O jornal destaca que com a presença de 27 acadêmicos, de forma unânime,o Ministro das Relações Exteriores foi escolhido com 35 votos, pois, embora alguns não estivessem presentes na casa, enviaram o parecer favorável a sua candidatura. Assim a vaga de Alfredo Pujol foi preenchida. Fato interessante é o destaque que faz referência às abstenções. Sem mencionar os motivos o *Correio Paulistano* adverte que os acadêmicos Graça Aranha e Clóvis Beviláqua “que há muito deixaram de frequentar a Academia de Letras”³¹⁰ deixaram de comparecer e não enviaram parecer sobre a escolha para a vaga de Pujol.

No entanto, aquela decisão negativa não teve seu efeito findo com o não conferido à escritora, pois gerou uma grande discussão no meio intelectual e na imprensa. Analisar as repercussões daquele caso é o objetivo do tópico a seguir.

³⁰⁸FANINI, Michele Asmar. A (in) elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras: Cardina Michaelis e Amélia Beviláqua. *Tempo Social*. v.22.n.1, 2010. p.149-177

³⁰⁹ A ELEIÇÃO ONTEM[...] *Correio paulistano*, São Paulo, ano 76, n. 270,p.1.

³¹⁰ A ELEIÇÃO ONTEM[...] *Correio paulistano*, São Paulo, ano 76, n. 270,p.1.

4.2 Compartilhando os registros de um protesto: a publicação da obra *Academia Brasileira de Letras* a defesa de Amélia Beviláqua

Amélia como mulher letrada que era, ciente de que poderia concorrer sem obstáculos a uma vaga por ser brasileira e contribuir para o enriquecimento da produção literária do país, não se calou após a sessão que a excluía da possibilidade de concorrer a uma vaga. Já contava com idade avançada, não era mais a bela e forte mulher de outrora, como apresentam os biógrafos de Clóvis Beviláqua³¹¹. No entanto, ainda publicaria obras até o final daquela década³¹². A mostra de que ainda era uma mulher lúcida, apesar dos problemas de saúde, foi a reunião de textos sobre a sessão que a impedira de compor a instituição. Ciente da importância de usar a escrita como lugar de fala e de protesto, ela resolveu, com ajuda do esposo, recolher todos os artigos publicados e discursos pronunciados a seu respeito na obra *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*.³¹³

O primeiro capítulo da obra apresenta as palavras iniciais de Amélia sobre o ocorrido.³¹⁴ Nele, a autora apresenta seu ressentimento, justifica o volume, apresentando a importância e as contribuições da publicação. O registro da justificativa e aspectos que contribuíram para reunião dos documentos soam como tom de ressentimento, quando por exemplo ela ressalta que era “muito resumido o grupo favorável, sete somente”, mas, sobretudo como o posicionar-se de uma mulher que não aceitava as fronteiras que ainda na década de 1930 impediam a mulher de alcançar os espaços pelos quais lutava e desejava. Segundo Amélia:

Tendo a Academia Brasileira de Letras recusado a minha inscrição como candidata à vaga de Alfredo Pujol, provocou revolta natural na mentalidade brasileira contemporânea, que se traduziu em escritos de grandes vibrações liberais e notável elegância de frase, em outras manifestações mais íntimas, igualmente expressivas de simpatia pela minha causa, principalmente pelo pensamento a que ela, dignamente deu expressão. Foi, portanto, um extraordinário acontecimento literário que eu julgo merecer ficar

³¹¹ BRITTO, Buggyja. *Quatro escorços biográficos*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora Ltda, 1978

³¹² A obra *Alma universal* foi publicada em 1935 e *Jornadas pela infância* foi publicada em 1940. BEVILÁQUA, Amélia. *Alma universal*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1935. BEVILÁQUA, Amélia. *Jornadas pela infância: memórias*. Rio de Janeiro: J. Borsoi, 1940.

³¹³ BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930.

³¹⁴ BEVILÁQUA, Amélia. Palavras iniciais. In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930. p.4-8.

documentado e não disperso em jornais. *Daí nasceu a ideia de publicar este volume.*³¹⁵[grifo nosso]

E prossegue:

Tantas foram as homenagens que me fizeram ficar profundamente comovida. Grande número de pessoas em cartas formosíssimas, de viva voz, por telegramas, ou enviando lindos ramalhetes de flores, livros, artigos, me trouxeram o grato conforto da estima, consideração e solidariedade, repelindo, vivamente, o golpe desferido contra mim pelos imortais direi mais acertado, que antipatizaram com a lembrança da minha candidatura, e violentamente, me afastaram do seu grêmio.³¹⁶

A presença de misóginos no meio intelectual era um aspecto de longa data, tal como observa-se na filosofia dos séculos XVIII e XIX, que ajudam a informar os ideais que compunham a intelectualidade do século XX. No entanto, o tempo já trazia consigo novas formas de consumir os ditames sociais. Não foi sem motivo que, em suas palavras iniciais, Amélia dedicou algumas linhas para informar nomes de indivíduos masculinos que discursaram positivamente a seus respeito, tais como Felix Pacheco, Spencer Vampré, Odilo Costa, J.Cavalcanti, Rui Severiano Caracas, Hector Santos, Nilo de Vasconcelos,Guilherme Estelita, Manoel Carlos, José Luiz Erthal além de outros personagens de quem Amélia destaca que conservava cartões e telegramas, como presentes. Além disso, Amélia apresenta posicionamento favorável do público feminino como Anicota Santos, e a Baroneza de Loreto.³¹⁷

Fazendo uso de metáforas de cunho religioso para enfatizar seu ressentimento e mostrando gratidão às “expressivas homenagens”³¹⁸ que recebia, Amélia fala e tem nisso a certeza de que será ouvida noutros tempos. Em sua reunião de alocuções, ela intenciona revelar aspectos das relações de gênero e de um tempo de permanências e metamorfoses. Constituem-se, portanto como memórias de uma época de contradições, reconstruídas e ressignificadas³¹⁹, mas que possuem elementos do tempo contado e vivido, oferecendo subsídios para a compreensão de enlacs das experiências vividas.

³¹⁵BEVILÁQUA, Amélia. Palavras iniciais. In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930. p. 5-6.

³¹⁶BEVILÁQUA, 1930, p. 6

³¹⁷BEVILÁQUA, 1930,p. 8.

³¹⁸BEVILÁQUA, 1930, p. 8.

³¹⁹LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

O segundo capítulo da obra também foi escrito por Amélia Beviláqua e traz como norte o questionamento: “Deve a mulher pertencer à Academia Brasileira de Letras?”³²⁰ Nesse espaço ela apresenta múltiplas respostas direcionadas a esse questionamento. Algumas favoráveis, outras contrárias, mas cuja análise em muito contribui para a compreensão daqueles tempos. Para a compreensão do que era ser mulher e dos enfrentamentos vivenciados por aquelas que desejavam ter o espaço público como seu.

A importância da escrita é registrada na coletânea:

Não sabia mesmo que devesse responder; senti uma espécie de aniquilamento de vida, talvez paralisação de forças imediatamente suspensas pela hesitação moral. Entretanto, para corresponder a delicadeza da pergunta concordei *em escrever qualquer coisa*, sem alegria nem entusiasmo. [grifos da autora]³²¹

Amélia acreditava na força que a palavra escrita possuía, e, por essa razão, o escrever “qualquer coisa”, para ela surtia o efeito de enfrentamento, de problematização, de deslocamento e questionamento do que era tido como norma. Constância Lima Duarte adverte, analisando a relação entre mulher e escrita, que o enfrentamento foi uma das principais características das mulheres que se lançavam em direção ao universo escriturístico.

Esse aspecto pode ser observado em Amélia, quando a mesma usa o espaço que tem para questionar por que a mulher ainda era impedida, mesmo já tendo alcançado espaços antes androcêntricos.

O capítulo subsequente apresenta um parecer³²² do seu esposo e membro da Academia Brasileira de Letras sobre o fato ocorrido, onde o jurista sai em defesa da mulher e expõe seu posicionamento contrário à forma como a decisão havia sido tomada. Em suas palavras, ele adverte que não era de acordo que “as ruínas do misoneísmo ainda possam alicerçar opiniões de elites intelectuais”³²³. Seu olhar, portanto, revela um novo modelo de olhar que se afirma, um processo de abertura a “rua” que aos poucos se estabelece. No texto publicado no *Jornal do Comércio*, Clóvis problematiza a contradição apresentada na sessão do dia 29, tendo em vista que “a Academia, por sua finalidade, deve ser a expressão da vida literária do país”, e prossegue afirmando que “se há mulheres de talento e cultura cujos livros são afirmações apreciáveis da mentalidade brasileira[...] a exclusão delas torna incompleta e

³²⁰ BEVILÁQUA, Amélia. Deve a mulher pertencer à Academia Brasileira de Letras? In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930.

³²¹ BEVILÁQUA, 1930, p. 8.

³²² BEVILÁQUA, Clóvis. Parecer, In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930. p.33-35.

³²³ BEVILÁQUA, Clóvis. Parecer, In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930, p.34.

falha a função representativa da Academia de Letras”³²⁴. Para ele “negar a admissão de senhoras no grêmio ilustre [...] é contrária a própria lei fundamental da Academia.”³²⁵

Dessa forma, ao defender a candidatura da esposa da qual foi o grande incentivador, Clóvis contribui para mostrar que as agremiações intelectuais eram espaços que ainda restringiam a presença feminina, mas que em decorrência dos novos tempos e dos novos lugares já habitados pelas mulheres, tal como o da escrita, aquela restrição já estava fora de contexto. Em outras palavras, dava-se lugar a uma nova mentalidade pautada nos direitos das mulheres que aos poucos estavam sendo alcançados. A ABL deveria atentar-se à nova época que se inaugurava.

Clóvis enfatiza também a importância da luta e da palavra femininas que passam a se tornar públicas, o que veio a contribuir para o processo de equiparação entre homens e mulheres. Segundo Clóvis, “[...] com o correr dos tempos, ela[a mulher] teve energia suficiente para impor-se ao homem, forçando-o a tratá-la como igual.”³²⁶ Ao tratar sobre a emergência de novas vivências masculinas no início do século XX, Pedro Vilarinho Castelo Branco³²⁷ considera que alguns homens destacaram-se na tentativa de civilizar a sociedade ainda patriarcal, levando-a a ter contato com novas ideias, embora a maioria deles tenha recusado o ideal da emancipação feminina. Clóvis foi um dos que, mesmo nos enlances de um mundo de homens, desejou dar voz às mulheres. Seu apoio aos feitos intelectuais da esposa era notável, tanto que nos clubes literários, conferências nas livrarias e editoras, eles eram sempre vistos juntos, inclusive na Garnier.

O texto de J. Cavalcanti, publicado originalmente no *Jornal do Comércio*³²⁸ em 29 de junho de 1930 e que também se insere na obra documental de Amélia, destaca os feitos de Amélia no universo da cultura letrada do país. Para ele, Amélia era digna de adentrar as portas da Academia por ser a maior das romancistas brasileiras, compara sua trajetória com outros escritores que haviam marcado época como José de Alencar, Júlia Lopes de Almeida, Afrânio Peixoto e até o próprio Machado de Assis. Em suas palavras, ele a descreve como “a estrela

³²⁴ BEVILÁQUA, Clóvis. Parecer, In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930, p.34.

³²⁵ BEVILÁQUA, Clóvis. Parecer, In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930, p.34.

³²⁶ BEVILÁQUA, Clóvis *apud* LIRA, José Luís [Org.] *De Clóvis para Amélia*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 2011, p. 173.

³²⁷ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e Masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

³²⁸ CAVALCANTI, J. A Academia Brasileira de Letras e a egrégia romancista Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 103, n. 146, jun. 1930, p.1.

de mais alto relevo, considerada pelo esplendor de seu espírito, pela imaginação, a faculdade que possui de revestir todas as coisas de uma expressão extraordinária, diferente de todos”.³²⁹

Excluí-la daquela agremiação é informativa do caráter misógino de muitos espaços que relegavam papéis menores para as mulheres. Segundo Michelle Asmar Fanini:

Como é possível constatar, tais critérios de elegibilidade não oferecem qualquer restrição (formal) ao ingresso feminino. E isto pelo menos até 1930, ano em que a ABL é surpreendida com a primeira proposta oficial de candidatura assinada por uma mulher. A ‘inusitada’ iniciativa, que partiu da escritora Amélia Beviláqua (1860-1946) – esposa do jurista e membro fundador da agremiação, Clóvis Beviláqua –, foi recebida com fortes ressalvas, e não deixou de transformar o ‘Silogeu Brasileiro’ em palco de uma acalorada discussão em torno da elegibilidade feminina. Este episódio tornou público aquilo que os documentos até então obnubilavam: o misogenismo da entidade.³³⁰

Em seu discurso, J. Cavalcanti critica o posicionamento da casa, considerando um “absurdo inexplicável” a preliminar que marcou a sessão do dia 29. Em suas palavras, encontra-se a evidência de um lugar já alcançado pelas mulheres, sobretudo quando ressalta que a mesma escrevia “admiravelmente bem”. A escrita, portanto, começava a se consolidar como lugar de pertencimento da mulher, um resultado das múltiplas reivindicações daquelas que no século XIX foram chamadas de “sabichonas de saia.”³³¹ De acordo com Norma Teles, naquele contexto a escrita ainda era um espaço demarcadamente masculino e excluía a mulher do processo de criação cultural. À mulher restava o papel de fada do lar. Enveredar pelo universo da escrita significava trair a domesticidade para qual havia sido criada.

Evidencia-se, por meio da análise de Norma Teles³³², que os homens consideravam a mulher e a escrita feminina como algo menor. Tal diminuição incomodava essas rebeldes. Apreendendo como se constituíam essas falas masculinas e a fim de se posicionar contra tais discursos, expõem dentro de suas obras esse parecer do pensamento masculino. A escrita feminina era na verdade constituída pelos debates suscitados em seu respectivo tempo, por questões que iam bem além do terreno dos sentimentos. Era uma escrita que envolvia conquista e luta contra preconceitos e estigmas e que buscava constituir uma identidade até

³²⁹CAVALCANTI, J. A Academia Brasileira de Letras e a egrégia romancista Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 10, n. 146, ano 103, jun.. 1930, p.1.

³³⁰FANINI, 2010,p.54.

³³¹GAY, Peter. O poderoso sexo frágil. In:GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.292-370.

³³² TELES, Norma. Escritoras, Escritas, escrituras, In: PRIORE, Mary del [Org]. *História das mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo. Contexto, 2000. p.401-441.

então negada. Muitas das mulheres escritoras incluíam em seus escritos a questão feminina, demonstrando não aceitar a prisão que lhes era imposta e à qual estavam submetidas.

A visão positiva em relação à escrita e aos avanços femininos pode ser observada na repercussão aqui analisada. Dando destaque à obra *Açucena*, J. Cavalcanti acrescenta que “a esposa do grande mestre do direito, [referindo-se a Clóvis], é um gênio e o mais cativante dos escritores modernos”. A fim de ressaltar seus atributos intelectuais, ele destaca também uma crítica feita por Amélia ao livro *Terra da promessa* de Luiz Guimarães Filho, ressaltando que se trata de crítica de estonteante beleza. Diante disso, conclui que a atitude soou como afrontosa e “antipática” e que “parece um sacrilégio querer nodoar o talento mais elevado de todas as brasileiras e a que levaria ao centro das letras o característico de mentalidade mais pura e aperfeiçoada”.³³³

Os atributos intelectuais que legitimariam a entrada de Amélia Beviláqua na ABL também são elucidadas por Odilo Costa, representante da Academia Piauiense de Letras em texto já destacado, mas cuja riqueza de expressão não foi de todo esgotada. Originalmente publicado no *Jornal do Comércio* em 5 de junho de 1930³³⁴, e republicado por Amélia, o artigo de Odilo Costa demarca que Amélia era parte de um grupo de mulheres, uma multidão de escrevinhadoras.

Após criticar o posicionamento da Casa de Machado de Assis, afirmando que “as leis do país permitem a entrada da mulher nos mais altos institutos de ensino da República” e que “nas escolas superiores e nas universidades onde saem professoras, dentistas, médicas e advogadas”, o intelectual destaca um grupo de mulheres das letras de nomes reconhecidos e cuja presença no seletivo grupo dos acadêmicos apenas enriqueceria a produção cultural da mulher. Em tom de esperança ele destaca que:

Um dia a Academia abrirá as portas à mulher e dissipará o receio de ver a maioria de suas cadeiras por ela ocupada. Continuando fechadas Amélia de Freitas Beviláqua, como Arséne Houssaye, terá, não obstante a sua cadeira, e destinará, com discursos de entrada e recepção outras tantas para Ana Amélia Carneiro de Mendonça, Gilka Machado, Rosalina Coelho Lisboa, Maria Eugênia Celso e Carolina Nabuco. E se na farda das academias há flores, que engrinaldam como símbolos exteriores da majestade do saber, os ramos de café ou de louro muito mais assentam na mulher, de onde irradiam, além dos clarões azulados dos privilegiados da inteligência, a delicadeza e

³³³ CAVALCANTI, J. A Academia Brasileira de Letras e a egrégia romancista Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 103, n. 146, jun. 1930, p.1.

³³⁴ COSTA, Odilo. Academia Brasileira de Letras. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 103, n.145 jun.1930, p.2.

suavidade de sentimentos, que a fizeram senhora dos homens e dominadora do mundo.³³⁵

Na sequência, o livro traz o artigo de Clóvis Beviláqua A Academia Brasileira de Letras e o futuro dicionário.³³⁶ Em tom ressentido, ele discute e problematiza o que foi denominado como justificativa. Destacou que:

Lendo, porém, o *Jornal do Comercio* de sábado 31 de maio verifiquei que há uma razão para a repulsa: a palavra *brasileiro* de que se servem os estatutos da Academia, no dispositivo referente à composição do grêmio literário, compreende, somente o sexo masculino! A declaração é oficial, e, por isso mesmo, conturbante. [grifo do autor]³³⁷

Conhecido pela personalidade calma³³⁸, o mestre já demonstrara noutros contextos o lugar de destaque que concedia a sua esposa, pois, embora a chamasse de senhora do meu lar, não a desejava limitada àquele espaço. Freitas Nobre, na construção da biografia do Mestre, ressaltou, por exemplo, que, nas sessões da Academia, quando os acadêmicos voltavam o olhar para a presença de Amélia, ele fazia questão de ressaltar que “lá fora deixo o meu chapéu e a minha bengala. Onde minha mulher não puder entrar, eu também não entrarei”³³⁹. Freitas Nobre nesse momento registrou o efeito da negação da Academia em relação à candidatura de Amélia, pois destaca que Clóvis, após ter pronunciado as palavras supracitadas, “desapareceu dos bancos acadêmicos, apesar da insistência com que o procuravam reaproximar da Casa de Machado de Assis.”³⁴⁰

Dessa forma, a presença da mulher em espaços androcêntricos, ainda era uma questão que suscitava debates, como observa-se nas palavras de Freitas Nobre:

Quando compareceu às primeiras reuniões do Petit Trianon, em companhia de sua esposa, D. Amélia de Freitas Beviláqua, logo após sua escolha para a Academia, convergiu para o casal a atenção e, algumas vezes, até o sarcasmo dos demais acadêmicos, em virtude da presença dessa senhora em sessões muitas vezes secretas.³⁴¹

³³⁵ BEVILÁQUA, 1930, p.52.

³³⁶ BEVILÁQUA, Clóvis. A Academia Brasileira de Letras e o futuro dicionário. In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930. p.54.

³³⁷ BEVILÁQUA, C. *apud* BEVILÁQUA, A. 1930. p.54.

³³⁸ NOBRE, Freitas. *Clóvis Beviláqua*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

³³⁹ NOBRE, 1954, p.14

³⁴⁰ NOBRE, 1954, p. 14.

³⁴¹ NOBRE, 1954, p.13

Sobre a chegada da mulher a esses espaços e o sentido pejorativo atribuído a esses enfrentamentos, Teresinha Queiroz destaca que:

A demonização da escrita feminina, a proibição e limitação das leituras, o disciplinamento do que poderia ser visto, ouvido, lido, conhecido pelas mulheres para que elas continuassem sendo mulheres- foi preocupação corrente entre inumeráveis escritores e escritoras no Brasil.³⁴²

Assim ocupando o espaço público, muitas eram tratadas como indignas. Michelle Perrot, analisando o caso europeu do século XIX, contribui para compreensão dos elementos e discussões que advêm no século a seguir em todo o Ocidente. Segundo ela, de maneira geral, quando as mulheres apareciam no espaço público, os observadores ficavam notavelmente desconcertados, quando aviam em massa ou em grupo, o que, aliás, corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestando na qualidade de mães, de donas-de-casa, de guardiãs dos víveres etc. Referiam-se a elas com estereótipos para designá-las e qualificá-las. No caso europeu, até mesmo os comissários de polícia se pronunciavam e falavam de ‘megeras’ ou de ‘viragos’(mulheres com atitudes e aspectos corporais masculinizados), para designar as manifestantes, quase sempre taxadas de ‘histéricas’ caso soltem o menor grito. A psicologia das multidões empresta a estas uma identidade feminina, suscetível de paixão, de nervosismo, de violência e mesmo de selvageria.³⁴³

Deve-se ressaltar que a conquista do território da escrita e das agremiações intelectuais foi longa e difícil para as mulheres e foi marcada por uma notória rivalidade entre escritores e escritoras. Muitos desses escritores deploravam a exibição pública da mulher moderna, não aceitando que ela trocasse a arte da culinária pela arte da escrita. Tais homens reivindicam sua “superioridade inata” e tinham posições ambíguas no que diz respeito aos direitos buscados pela mulher. Isso pôde ser observado por meio do discurso de Peter Gay³⁴⁴.

Peter Gay ressalta que os homens vivenciaram esses deslocamentos com muita preocupação, pois em suas concepções as mulheres escritoras acabariam por desordenar a sociedade. Assim as sabichonas de saia contribuíram por meio de suas penas para a reconfiguração das relações de gênero ao propiciarem a seus leitores e leitoras a reflexão sobre os lugares ocupados por homens e mulheres. Ao tratarem sobre a condição feminina elas levantaram uma espécie de clamor em prol da mulher que também deveria desfrutar a liberdade.

³⁴² QUEIROZ, 2011, p.204.

³⁴³ PERROT, 2008, p.21.

³⁴⁴ GAY, 2001, p.292-293.

A fim de problematizar essa demonização atribuída à entrada de sua esposa em um *locus* dito pertencente a homens, Clóvis faz uso do Código Civil por ele elaborado e questiona se a expressão do artigo 2º, Todo homem é capaz de direitos e obrigações, põe de parte as mulheres.³⁴⁵ E prossegue em tom de crítica advertindo que até aquele momento o termo abrangia tanto homens quanto mulheres sem distinção de sexo, concluindo que “opõe-se agora a academia a essa opinião comum, somente para o efeito de recusar a sua consagração a uma senhora, que a merece pelo cunho superior de sua produções literárias”.³⁴⁶ Respalda ainda sua defesa da esposa, utilizando o artigo 69,I da Constituição à época vigente, que declara: “São cidadãos brasileiros os nascidos no Brasil”, e que nesse caso o Brasil seria constituído apenas por senhores, se a constituição, Carta Magna do país fosse lida pela perspectiva utilizada pelos acadêmicos ao interpretar seus estatutos.

Félix Pacheco, também favorável à chegada da mulher ao universo da intelectualidade, na sessão da Academia Brasileira de Letras de 12 de junho de 1930 leu uma declaração que apresentava seu posicionamento em relação ao ocorrido entre Amélia e a agremiação. Essa declaração foi publicada no *Jornal do Comércio* no dia 14 do mesmo mês e elucida a multiplicação de mulheres intelectuais, onde destaca que “dia por dia a mulher cresce em cultura e se impõe na vida intelectual do mundo moderno, sem decair do seu papel antigo, assim aumentado de novos brilhos”³⁴⁷.

Conclui seu posicionamento afirmando que outras agremiações intelectuais do país já haviam aberto suas portas à presença feminina, tal como a Academia Piauiense de Letras, conforme seu olhar “os cenáculos estaduais, modelados pelo nosso, andam nesse ponto, muito adiante da Academia”³⁴⁸ e por fim afirma não estar criticando a instituição, mas apenas questionando e sugerindo uma abertura para novos tempos, citando, inclusive, notáveis nomes femininos no universo escriturístico da época:

Repito, porém, que não tenho a veleidade de criticar o que foi resolvido. A academia sabe o que faz, e não erra nunca. Eu também não quero errar, e a consciência me diz que erraria se procurasse de qualquer forma impedir que viessem a fazer parte do nosso grêmio escritoras e poetisas da estirpe de Maria Eugenia. Amélia de Freitas, Gilka da Costa, ou Rosalina Coelho Lisboa, para não citar senão alguns nomes entre os muitos que por aí vão fulgurando. Por que motivo havemos de seguir tão de perto aos fundadores no desacerto inicial que praticaram? Se o mal é de nascença, razão maior de

³⁴⁵ BEVILÁQUA, C. *apud* BEVILÁQUA, A., 1930, p.55.

³⁴⁶ PACHECO, Félix. Academia Brasileira. *Jornal do Comércio*. ano 103, n. 141, jun, 1930, p.5

³⁴⁷ PACHECO, Félix. Academia Brasileira. *Jornal do Comércio*. ano 103, n. 141, jun, 1930, p.5

³⁴⁸ PACHECO, Félix. Academia Brasileira. *Jornal do Comércio*. ano 103, n. 141, jun, 1930, p.5.

o corrigirmos. Não é triste que, na primeira turma de quarenta, deixassem de figurar Julia Lopes e Francisca Júlia? Para que ampliarmos, eternizarmos essa tristeza insistindo na negativa?³⁴⁹

Assim a chegada da mulher ao universo da produção cultural escriturística despertava a atenção de vários estudiosos. A exemplo do professor Spencer Vampré, que, em artigo publicado no jornal *A Notícia* em 28 de junho de 1930, quando o mesmo localizava-se em São Paulo, reservou espaço para tratar a respeito da necessidade de as agremiações literárias abrirem as portas para a chegada da mulher. Companheiro de Clóvis Beviláqua, tal como registram fotografias de época, a exemplo a abaixo citada, Spencer Vampré adverte que a decisão da academia, ao contrário do que afirmara Félix Pacheco, de fato fora um erro. Trata desse fato no artigo intitulado A palavra “brasileiros” só se refere aos homens: como está sendo julgada a candidatura da Senhora Amélia de Freitas Beviláqua em face daquele erro da Academia.



Figura 15: Clóvis Beviláqua e Spencer Vampré. Fonte: NOBRE, Freitas. *Clóvis Beviláqua*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.p.19.

³⁴⁹PACHECO, Félix. Academia Brasileira. *Jornal do Comércio*. ano 103, n. 141, jun, 1930, p.5

Um aspecto interessante ressaltado por Vampré é o lugar de destaque que a Academia deveria ter direcionado ao mérito da escritora que escrevera obras de cunho literário com inestimável valor, tal como *Angústia*. Por meio do seu discurso, pode-se compreender como a escrita se constituía como lugar de saber e, portanto, como lócus de exercício de poder. Um lugar marcado por disputas. Ele adverte que:

Raramente, se há de encontrar na história mental das agremiações literárias, um ponto de vista assim lamentavelmente estreito como este. As academias literárias se constituem para ser verdadeiras academias, isto é, fontes de estudos e ensinamentos, de onde borbotam, pela imitação e pelo exemplo, os primores da ficção. Em suma, são elas escolas, e não me parece que se possa banir do professorado quem tenha merecido o aplauso e a reverência de uma nação, como acontece agora com Amélia de Freitas Beviláqua.³⁵⁰

E prossegue ressaltando em seu discurso que:

A cultura literária não tem sexo; e a mentalidade feminina atinge, por vezes as culminâncias do pensamento. Sinto-me absolutamente insuspeito para dizer que Amélia de Freitas Beviláqua representa, com orgulho para os brasileiros e as brasileiras criações literárias do mais alto preço numa longa dedicação intelectual, tão indefesa quanto assinalada por brilhantes realizações.³⁵¹

Muitos dos intelectuais que se posicionaram favoravelmente à candidatura de Amélia eram frequentadores da residência de Clóvis e Amélia na Rua Barão de Mesquita, endereço bastante frequentado pelos acadêmicos, estudantes das faculdades e até mesmo crianças.³⁵² Dessa forma, conviviam de perto com a rotina de produção intelectual vivenciada por Amélia e seu esposo, conhecendo, portanto, seus méritos e competência que legitimariam sua presença no ambiente da academia.

³⁵⁰VAMPRÉ, Spencer. Decoro da inteligência. *A Notícia*. Rio de Janeiro, jun. 1930.,p.4.

³⁵¹VAMPRÉ, Spencer. Decoro da inteligência. *A Notícia*. Rio de Janeiro, jun. 1930. p.4.

³⁵²NOBRE, 1954, p. 12.



Figura 16: Clóvis e Amélia Beviláqua recebendo visitas. Fonte: LIRA, José Luís [Org.] *De Clóvis para Amélia*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 2011.

Publicado no *Jornal do Brasil* e divulgado em 31 de maio de 1930, o capítulo X intitulado *A Academia e as mulheres*³⁵³ não traz o registro autoral, mas apresenta argumentos que suscitam o debate da crescente onda de lutas de empoderamento que permeavam aquele *locus* social. Discute a permanência de aspectos patriarcais que ainda provocavam dores às mulheres, e em tom mais crítico, comparando a realidades mais distantes, como Estados Unidos da América e Alemanha, ressalta que “no Brasil ainda atravessamos um período de barbária”³⁵⁴.

Percebendo a reação da Academia para com Amélia como um “golpe tremendo no feminismo”³⁵⁵, o texto que constitui o capítulo XI intitulado *A Academia de Letras e o feminismo*, apresenta a força que ganha esse movimento e como este foi ferido em

³⁵³ A ACADEMIA e as mulheres. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, jun. 1930.

³⁵⁴ A ACADEMIA e as mulheres. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, jun. 1930.

³⁵⁵ A ACADEMIA de Letras e o feminismo. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, jun. 1930.

decorrência do ocorrido com Amélia Beviláqua. Contrário à decisão da ABL, o texto discute “contra isso se opõe a nossa mais douta corporação, que está fazendo um dicionário[...] Não há dúvida que o golpe foi muito forte”.

O *Jornal do Comércio*, veículo da imprensa cujas páginas contribuem para o entendimento da polêmica aqui analisada, tendo em vista que faz uma cobertura das reações, publicou em 29 de julho de 1930, o discurso do cearense Ruy Severiano Caracas, também incorporado por Amélia na construção de sua resposta à decisão dos imortais. Já haviam passado exatamente dois meses do ocorrido, tempo suficiente para as discussões em torno do caso terem sido mitigadas, mas ainda suscitavam debates. Segundo ele, havia justificativa para a perpetuação dos debates, pois o feito representava o demérito à produção intelectual de uma grande romancista. Em seu pensar “tudo se apaga e por fim desaparece; porém, a visão bizarra da preliminar de 29 de maio, remontará sempre viva no decorrer dos anos”³⁵⁶ e continua destacando os efeitos profundos que causara aquela decisão que “foi um desabamento medonho para as letras contemporâneas essa covardia dos intelectuais, que negaram no sodalício a inscrição da iminente e soberana do lar querido do notável jurista”.³⁵⁷ Entende-se aqui o registro do configurar de novos tempos.

Interessante o duplo lugar ocupado por Amélia Beviláqua na defesa de alguns intelectuais, alguns, ora destacavam sua contribuição para reconhecimento da produção intelectual feminina, ora deixavam claro seu papel de rainha do lar de Clóvis, papel deixado em segundo plano.³⁵⁸

Assim, definir seu mérito supremo como o de rainha do lar não dá conta de informar o lugar na cultura letrada do país ocupado por Amélia.

Henrique Pinheiro de Vasconcelos utilizou a *Gazeta de Notícias* para criticar diretamente o acadêmico Constâncio Alves, inclusive apresentando os argumentos por ele

³⁵⁶ CARACAS, Ruy Severiano. Ainda a Academia Brasileira de Letras e a egrégia romancista Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 103, n 171, jul. 1930, p.1

³⁵⁷ CARACAS, Ruy Severiano. Ainda a Academia Brasileira de Letras e a egrégia romancista Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 103, n 171, jul. 1930, p.1

³⁵⁸ De acordo com Bugyja Britto, biógrafo de Clóvis, Amélia dedicava mais tempo às produções intelectuais que à organização do lar: “É possível que existindo esses afazeres descritos e outros naturais, inclusive o de cozinhar, não sobrasse tempo para se fazer, ou de conservar, a casa à moda moderna: tapeada, o piso encerado diariamente, objetos de adorno pelas paredes e em cima das mesas, e sala reservada somente para receber visitas, e não nessa sala e noutros cômodos haver estantes de livros, voarem pombos, ter gaiolas com pássaros cantadores, passarem eventualmente gatos e cães de estima e pelo quintal cantarolarem os guinés (galinhas-d’Angola ou capotes), grasnarem patos, carcerejarem galinhas.” BRITTO, 1978.

utilizados para justificar o voto contrário à entrada de mulheres na agremiação. Constâncio Alves utiliza como argumento que:

Os que defendem as candidaturas femininas fundam-se na moderna interpretação constitucional, que pleiteia o direito de voto e demais direitos políticos para a mulher. Mas esses paladinos valem-se também de um sofisma, o mesmo a que ora nos apegamos que pretendem admitir a entrada de senhoras para o quadro acadêmico, isto é, brasileiros são todos os nascidos no Brasil. Se é assim é, por que é então que as mulheres, quer na Monarquia, quer na Republica, não foi nunca imposta a obrigação do serviço militar, nem o dever de servir no júri, nem o direito de voto, como aos demais brasileiros? Por que essa exceção para os deveres, e essa suposta reivindicação de direitos?³⁵⁹

O discurso de Constâncio Alves, posto em evidência por Henrique Pinheiro de Vasconcelos, é fruto da preocupação masculina em torno da chegada de mulheres a espaços que até o século anterior eram majoritariamente masculinos. Pedro Vilarinho Castelo Branco, analisando discursos masculinos presentes em obras literárias nas primeiras décadas do século XX, destaca que a partir do momento em que a mulher passa a exercer novos papéis e assumir novos lugares, os homens sentem com preocupação o que para eles se tratava de uma confusão entre os gêneros.³⁶⁰

Como resposta ao posicionamento de Constâncio Alves, Amélia diz não desejar ingressar no universo da política, e que não se propôs a votar, mas que apesar disso já havia sido provada a capacidade da mulher em ocupar lugares de destaque. Em sua concepção, se uma mulher já pode exercer o posto mais alto da administração pública, ainda no século anterior, não haveria sentido em negar “a mulher competência para exercer modestas funções de eleitoras”.³⁶¹

Muitos outros discursos favoráveis ou contrários alimentaram o debate sobre a chegada da mulher ao universo da intelectualidade. O discurso de Laudelino Freire, apresentado à Academia em sessão do dia 21 de julho de 1930, por exemplo, faz referência à defesa apresentada pelos nomes da cultura letrada do país afora, e é interessante, sobretudo, por propor a revogação da votação da fatídica sessão da ABL. Como resposta de sua intenção, recebe carta de Clóvis e de Amélia, na qual eles afirmam não ansiar por uma retomada do caso. Clóvis destaca que:

Fecharam, rudemente, as portas da Academia, para a Amélia, a quem se não pode recusar o título de fina artista da palavra escrita, à vista de numerosos trabalhos publicados, nos quais o sentimento e a ideia se exprimem por

³⁵⁹ ALVES *apud* BEVILÁQUA, 1930, p.93.

³⁶⁰ CASTELO BRANCO, 2008, p.22.

³⁶¹ BEVILÁQUA, 1930. p.115.

forma correta e límpida. Ainda quando lhe recusem uma cadeira no recinto acadêmico, por não quebrarem a norma rotineira, devia merecer a atenção, e o tratamento delicado, a quem tem direito, como escritora e como mulher da sociedade. Não sofreu somente ela o golpe. Ambos nós o recebemos. E não parece bem a qualquer de nós praticar ato algum, que possa ser interpretado como pedido de reconsideração da repulsa infringida.³⁶²

Em concordância com essa proposta, Sá Leitão, Nilo de Vasconcelos e Carlos Xavier destacam que os tempos eram novos e que em uma arena literária deveria prevalecer o mérito da produção artística e não o sexo. Carlos Xavier ainda adverte que “não se podem negar certos direitos às senhoras” e prossegue afirmando que “bem longe estamos dos velhos tempos, em que o lugar era de inferioridade”.³⁶³

Como resultado, Clóvis cortou os laços com a instituição e não frequentou mais as suas sessões como forma de protestar contra a decisão da Academia. Na conclusão da obra organizada com os discursos, cartas e posicionamentos, ela apresenta o sonho que guiara a candidatura, interrompido pelas fronteiras que ainda barravam a chegada de mulheres a alguns espaços. Sonho em que inúmeros nomes que contribuíram para o enriquecimento da produção literária nacional como José Veríssimo e Machado de Assis apareciam e mostravam favoráveis à sua entrada naquela instituição.

Assim, percebe-se que Amélia não se candidatou à toa. Ela era ciente de que, apesar dos obstáculos que ainda cercavam a mulheres, como as representações femininas de seus romances, havia um lugar de legitimação de novas práticas sendo estabelecido. O discurso favorável dos nomes aqui mencionados é prova de que ela não se candidatara a um lugar que não lhe fornecia uma base de legitimidade. Existiam novos homens.

Percebendo o caso europeu, que contribui para entender alguns aspectos do caso brasileiro, Michelle Perrot elucida que os locais de intelectualidade não se mostravam acolhedores, e a expectativa é que a mulher ficasse circunscrita apenas ao viés familiar. A rua cultural lhe era negada. A única “rua” que permaneceu sendo sua foi a cotidiana tal como pode ser vista na intensa movimentação pelos mercados, lojas e pelos lavadouros, importantes espaços de sociabilidade feminina. Mas foi a partir dessas sociabilidades que ela alcançou aos poucos seus anseios. De acordo com a já citada Michelle Perrot:

Elas tentaram também *sair*[...], para ter *enfim lugar em toda parte*. Sair fisicamente: deambular fora de sua casa, na rua, penetrar em lugares

³⁶² BEVILÁQUA, Clóvis. [Carta] 26 de agosto de 1930. Rio de Janeiro [para] FREIRE, Laudelino. Rio de Janeiro. Resposta ao apoio de Laudelino Freire. In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Garnier, 1930.

³⁶³ XAVIER, Carlos. O voto da Academia, In: BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1930.p.152.

proibidos -um café, um comício- viajar. Sair moralmente dos papéis designados, construir uma opinião, passar da sujeição à independência.³⁶⁴

No contexto do século XIX, destaca-se uma notável dificuldade que as mulheres enfrentam para escrever, publicar e fazer-se conhecer o que se relacionava ao fato dessa mulher exercer inúmeros papéis ao mesmo tempo. Essas inquietações permeiam o fazer dessas escritoras, como George Sand,³⁶⁵ que representava tudo o que uma boa mulher não devia ser. Seu lema era a liberdade, mesmo que para alcançá-la tivesse que transpor as rígidas barreiras sociais. Para os homens da época, assumir novos lugares desestabilizaria a sociedade, o que justificava o combate para com as mulheres que ansiavam ocupar novos espaços. Para eles, a mulher deveria entregar-se inteiramente à casa. Essa expectativa de um devotamento ilimitado esteve relacionada a um desejo de domínio absoluto. No entanto, o pressuposto do domínio não se constitui como suficiente para dar conta dos deslocamentos de fronteiras exercidos por essas mulheres que se lançavam a espaços tidos como restritivos à presença feminina, principalmente a partir do século XX, quando suas guerras e mudanças promovidas trazem consigo uma abertura. A interlocução e manifestação entre os amigos de Amélia Beviláqua tinham plena relação com o que estava sendo vivenciado: a luta das mulheres.

Rachel Soihet, analisando a pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz³⁶⁶, destaca que essas lutas pautaram-se,

³⁶⁴ PERROT, 2009, p.165.

³⁶⁵ Aurora Dupin era seu nome de batismo, mas foi sob o pseudônimo de George Sand que ela ficou sendo conhecida. Segundo André Maurois, George Sand foi a voz da mulher numa época em que esta deveria estar calada. Casa-se com Casimir Dudevant, mas não se sente completa com a vida de mãe e dona de casa, papéis que se constituíam como parte da identidade da mulher. Foge do casamento infeliz saindo de casa e indo morar com um moço bem mais jovem chamado Jules Sandeau, que ajudou Aurora a transformar-se em George. O próprio Sand, pseudônimo de Aurore, é uma abreviação do nome Sandeau do amante. Viver com um amante era subverter as convenções sociais direcionadas a uma boa mulher do século XIX. George Sand não se preocupava com essas convenções constituindo-se dessa forma como tudo que uma boa mulher não deveria ser. George Sand garante sua sobrevivência escrevendo para jornais da época como o *Figaro*, enquanto o guia literário Auguste Kératry lia os escritos de seus primeiros romances. Dentre suas obras destacam-se *Indiana* (1832), *Valentine* (1832), *Lélia* (1833), *Andréa* (1833), *Mattéa* (1833), *Jacques* (1833), *Leone Leoni* (1833), *Simon* (1835), *Pauline* (1839), *Horace* (1840) além de vários volumes de *Historie de Ma vie*, em que ela apresenta aspectos biográficos de sua trajetória. De acordo com Peter Gay, George Sand “exemplifica admiravelmente, [...] os perigos que aguardavam a mulher que buscava afirmar seu talento.” André Maurois, utilizando-se de uma vasta quantidade de documentos relacionados à escritora, afirma que a história de George Sand é a história de uma mulher que “irritada com qualquer autoridade masculina, lutou para liberar as mulheres dessa autoridade e para lhes assegurar a liberdade de seus corpos e dos seus sentimentos.” Cf. MAUROIS, André. *George Sand*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

³⁶⁶ SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*, n. 15. set/out/nov/dez, 2000.

sobretudo, no pleno acesso à educação de qualidade, ao direito de voto e de elegibilidade, aspirações, desejos que não se concretizam de imediato. No emergir do século XX, Bertha Lutz³⁶⁷ dá início à campanha pela emancipação feminina. Ela chama a atenção para a necessidade dessa conquista e começa a agregar um grupo de mulheres, tornando-se posteriormente uma das maiores referências nos movimentos de mulheres da época.

Para ela, a ascensão feminina resultaria não só em benefícios pessoais como também faria das mulheres instrumentos preciosos no progresso do Brasil. Dois pontos que chamam a atenção, e, que para melhorá-los, seria necessária uma luta intensa, eram as condições de trabalho e a educação.

Em 1920, dez anos antes da candidatura frustrada de Amélia, ocorre a criação da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher.³⁶⁸ Nas reivindicações, a conquista do voto era prioridade, bem como o acesso da mulher a novos espaços de atuação. Em 1922, o feminismo estreita os laços com entidades internacionais, momento em que Bertha participa da primeira Conferência Internacional de Mulheres. A partir de então é criada a Federação Brasileira para o Progresso Feminino que promove o Primeiro Congresso Internacional Feminino. Surgem inúmeras filiais dessa entidade e a partir disso o debate toma impulso, sendo parte inclusive dos jornais da época. A pressão no Congresso começa a dar frutos, levando alguns líderes a integrarem-se aos ideais da luta como Juvenal Lamartine que incluiu um dispositivo que estabelecia a igualdade dos sexos. Em 1930 e as demandas relacionadas à questão do voto ainda não haviam sido atendidas. É apenas em 1932 que o Brasil ganha um novo Código Eleitoral que estabeleceu no país o voto secreto e feminino.

Em decorrência desses movimentos e do novo olhar direcionado às práticas femininas, sobretudo, devido às lutas feministas que ganhavam cada vez mais força, o debate em torno da chegada da mulher ao universo público ganha a imprensa e a sociedade carioca e brasileira. Fato que pode ser observado em 1936 por meio de um concurso promovido pela revista *O Malho*, que buscou questionar os múltiplos parâmetros que passaram a reger a mentalidade

³⁶⁷Bertha Maria Júlia Lutz (São Paulo, 2 de agosto de 1894 – Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1976), bióloga especializada em anfíbios, pesquisadora do Museu Nacional. Foi uma das figuras mais significativas do feminismo e da educação no Brasil do século XX. Cf. SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*, n. 15. set/out/nov/dez, 2000.

³⁶⁸Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher foi criada por Berta Lutz em 1920. A Liga seria o embrião da Federação criada em 1922, que se tornaria uma referência do movimento feminista brasileiro na primeira metade do século XX, com destaque especial para a conquista do sufrágio feminino alcançado em 1932. Cf. SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*, n. 15. set/out/nov/dez, 2000.

social no que diz respeito ao alcance da “rua cultural” por parte da mulher. Concurso que teve como ponto de partida a experiência vivenciada por Amélia.

4.3 Levemos a mulher à Academia de Letras

A repercussão da polêmica envolvendo Amélia e a ABL pode ser observada por toda a década de 1930. A partir daquele momento, Amélia recebeu ainda mais olhares ora questionando sua ousadia, ora reconhecendo seu movimento como estratégia para elevar a mulher a outros patamares. A discussão em torno dessa nova época supracitada, em que os papéis tradicionais da mulher passam a ser questionados, chega à imprensa, principal responsável pela divulgação do ocorrido no mês de maio. Atento a esse ressoar de vozes, pode-se destacar o *Jornal do Comércio* que em agosto de 1930 apresenta um artigo homenageando Amélia em decorrência do seu aniversário.

Na matéria, Amélia é apresentada como mulher de destaque em meio ao mundo intelectual feminino e que esta há muito adquiriu um relevo verdadeiramente superior pela abundância e beleza de suas produções, assim como pelos atributos de cultura evidenciados nas suas obras. Nesse momento, o artigo ressoa mais uma vez o ocorrido na sessão do dia 29 de maio, ao registrar:

Temos sem dúvida uma brilhante constelação de senhoras honrando as nossas letras com a sua permanente atividade. Mas a Academia, que é do século passado ainda não quis compreender, em toda a sua extensão, o valor dessa contribuição da mulher no trabalho da elevação cultural do Brasil do século XX. A douda companhia prefere agarrar-se ao ponto de vista inatural, sustentando que assim opinaram os fundadores e que ainda hoje não se deve pensar de modo contrário aos mesmos. D. Amélia Beviláqua teve o ânimo de enfrentar essa corrente retrógrada e, e a sua candidatura não foi recebida, nem por isso deixe-a de focalizar imperativamente a questão.³⁶⁹

Assim, percebendo a importância do enfrentamento realizado por Amélia, o *Jornal do Comércio* tece elogios a sua intelectualidade e percebe o feito como positivo à medida que levou aquela agremiação intelectual a debater e refletir sobre a necessidade de reconfigurar os paradigmas que impediam o acesso da mulher, tal como esclarece o trecho a seguir:

³⁶⁹ COSTA, Odilo. D. Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. ano 103, n. 188. ago,1930.p. 6.

A Academia, aliás, vai se castigando a si mesma doseu erro. A sua sessão de ontem foi quase uma retratação e, o que é mais, uma retratação feita entre aplausos e palmas. A maior parte da referida sessão transformou-se em um hino entusiástico a aptidão feminina para as coisas divinas da arte e do pensamento.[...] A academia Brasileira, rendendo exatamente nesse dia um tão vivo preito à inteligência e a capacidade da mulher, quis talvez significar que vai afinal mudar de parecer e admitir que as nossas patrícias possam também pleitear as vagas que ali se abrirem. O contrário disso seria uma incoerência bradante.³⁷⁰

Tal incoerência permaneceu até a década de 1970. Antes porém, ainda na década de 1930, as vozes favoráveis à efetivação da chegada da mulher ao universo público permaneceram. Não à toa, em 1934 a mulher brasileira pode pela primeira vez ir às urnas após toda a luta sufragista.

Nesse mesmo ano, como forma de promover ainda mais debates em torno do alcance de outros territórios pelas mulheres, a revista *O Malho* fez um inquérito entre os acadêmicos da ABL a respeito da inelegibilidade de mulheres à Casa de Machado de Assis. O título da matéria apresenta-se de forma convidativa: “Levemos a mulher à Academia de Letras.”

O inquérito emergiu como simples convite que visava promover debates e ouvir várias vozes atentas àqueles movimentos. No primeiro desses inquéritos, o periódico buscou as opiniões de Miguel Osório de Almeida³⁷¹ e Múcio Leão³⁷², importantes nomes da cultura letrada brasileira.

Para Múcio Leão “a mulher deve conquistar todos os setores sociais”, apresentando uma visão que destoa da maioria dos imortais que em 1930 assumiram uma postura marcadamente androcêntrica ao impedir a candidatura de Amélia àquela instituição. Sobre isso, Múcio Leão adverte:

Por duas vezes já a casa de Machado de Assis se manifestou contrária à ideia de aceitar as escritoras brasileiras. A primeira foi no momento da sua fundação. Existiam, trabalhavam, produziam obras magníficas mulheres como Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia, Amélia Beviláqua e várias outras. Por que não as escolheram os organizadores da Academia? Em nenhum dos documentos que tenho lido acerca da constituição da casa,

³⁷⁰ COSTA, Odilo. D. Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. ano 103, n. 188. ago, 1930. p. 6

³⁷¹ “Miguel Osório de Almeida (1890-1952) foi um médico neurologista e cientista brasileiro, reitor da Universidade do Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Letras. Destacou-se por notáveis estudos sobre a fisiologia do sistema nervoso pelo qual recebeu o Prêmio Einstein concedido pela ABL e o Prêmio Sicard concedido pela Academia de Medicina de Paris.” Cf. www.academia.org.br.

³⁷² “Mucio Leão (1898-1969) jornalista, escritor e orador, que ocupou a cadeira de número 20 da ABL cujo patrono é Jose de Alencar. Dentre seus principais feitos no silogeu da intelectualidade brasileira encontra-se a organização da obra de João Ribeiro.” Cf. www.academia.org.br.

encontrei uma referência sequer a possibilidade da escolha de um nome feminino para alguma das suas quarenta cadeiras. A minha opinião pessoal é a opinião de um homem que sempre foi partidário do trabalho para as mulheres, que sempre achou que a mulher deve conquistar, em todos os setores sociais uma completa amplitude de ação exatamente como a tem os homens.³⁷³

Com perspectiva similar, encontra-se Miguel Osório de Almeida, também integrante da entidade. Para ele:

Se há ramo de atividade intelectual no qual as mulheres se têm distinguido este é sem sombra de dúvidas, a literatura. Várias escritoras tem obtido o Prêmio Nobel, a consagração máxima. Nada há, pois, que se oponha, em princípio, a entrada de escritoras para a Academia cujo fim é a cultura da língua e da literatura nacionais. É possível sem dificuldade apontar no Brasil algumas literatas cujo valor e cujo renome só honrariam a Academia.³⁷⁴

Uma perspectiva que não foi compartilhada por muitos. Justamente com a intenção de estabelecer fronteiras, os homens menosprezavam as “sabichonas de saia” que se multiplicam nos séculos XIX e XX, ocasionando movimentos de recusa como o observado entre Amélia e a ABL em 1930. As produções femininas se apresentam, dessa forma, como um tipo de fantasma que assombrava os homens cujo anseio era a manutenção e o domínio majoritário de seu sexo nos seus legítimos espaços de atuação. Essas escritoras que rareavam até o século XIX e que no século XX multiplicam-se, eram ridicularizadas, ao buscarem por meio de suas práticas escriturísticas, ou mesmo por seus anseios interiores, intervir no meio onde estavam inseridas, negando, por diversas vezes, a missão social para a qual estariam destinadas. Como observa Carola Saavedra:

Até o final do século XIX, elas praticamente não existiam, seja porque a maior parte pertencia a uma classe social que não permitia sequer o acesso à escolaridade, seja porque, quando se tinha acesso, no caso de famílias mais abastadas, na maioria das vezes não se admitia que gastassem seu tempo com veleidades artísticas ou intelectuais. Em outras palavras, lugar de mulher era em casa, junto ao marido, aos filhos, à mobília.³⁷⁵

Amélia era ciente de que estava imersa em um universo marcadamente androcêntrico, mas ousou transpor esses limites. Vivia em uma sociedade onde a mulher ainda era tida como

³⁷³ LEVEMOS a mulher à Academia de letras. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 35, n.176, out.1936,p.20.

³⁷⁴ LEVEMOS a mulher à Academia de letras. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 35, n.176, out.1936,p.20.

³⁷⁵ SAAVEDRA, Carola. O fantasma da literatura feminina. *Anuário de Literatura*. Florianópolis, v.18, n. 1, p. 45-48.

a musa inspiradora, nunca a criadora. Galgar um novo espaço, no caso o público, constituído pela nata da intelectualidade brasileira, define-se como de uma notável ousadia.

Embora espaços como a ABL permanecessem negando a presença feminina, deve-se ressaltar que várias mulheres alcançam outros espaços. Amélia já possuía uma extensa obra publicada, algumas inclusive pela Editora Garnier, uma das maiores agremiações literárias do limiar do século XX.

Este era um feito acessível a poucas mulheres. Mas o que possibilitou um voo tão alto de uma mulher naquele contexto? Segundo Olívia Candeia Lima Rocha, Amélia provinha de uma família de prestígio político e intelectual, o que só veio a ser acentuado com o casamento com o jurista Clóvis Beviláqua.³⁷⁶ Para além das questões familiares, é necessário refletir sobre outros elementos que legitimaram a atuação dessa mulher. Um dos elementos que, na perspectiva de Michel de Certeau,³⁷⁷ é crucial para compreensão dos sujeitos é o entendimento do lugar social no qual se está inserido.

Imersos nos debates sobre a questão feminina e com olhar atento aos seus feitos, pode-se destacar a revista *O Malho*. Os debates em torno da inegibilidade feminina à Academia Brasileira levaram os editores a promover uma ampla discussão, envolvendo os leitores com a polêmica.

Tudo iniciou-se a partir de pequenas colunas com o título *Levemos a mulher à Academia*, divulgadas mensalmente, a partir de 1936. Devido à repercussão dos debates promovidos, a comissão d'*O Malho* decidiu promover um concurso questionando seus leitores sobre qual mulher da intelectualidade nacional merecia entrar para a ABL. A fim de envolver seus leitores, a revista disponibilizaria uma ficha que seria devolvida na sede da redação d'*O Malho* a cada semana com nomes de mulheres que, pela experiência na vida literária e cultural carioca, poderiam integrar aquela casa.

³⁷⁶ ROCHA, 2011, p. 26.

³⁷⁷ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica, In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.



Figura 17: Ficha a ser preenchida com nomes de mulheres intelectuais que poderiam ser candidatas a integrantes da Academia Brasileira de Letras. Fonte: LEVEMOS a mulher a Academia de Letras. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 35, n.168, 1936. p.20.

O concurso tinha como bases os seguintes elementos:

Semanalmente *O Malho* publicará uma cédula em branco na qual cada leitor escreverá o nome da intelectual brasileira que lhe pareça merecedora dos lauréis da imortalidade. Cada cédula conterà lugar para o leitor votar em uma só candidata, mas a apuração final considerará as cinco mais votadas. Dessa maneira serão consideradas as cinco intelectuais que merecem na opinião do público leitor do país, ingressa na Academia de Letras.³⁷⁸

O concurso, iniciado após a polêmica envolvendo Amélia Beviláqua, é representativo do desconforto que a candidatura, bem como sua recusa, perpetuou naquela sociedade. Esses deslocamentos eram vivenciados com muita dor e ansiedade. Muitos homens:

[...] requintam-se em seus furores agressivos, escrevem e polemizam acerca dessas destruidoras do seu sexo e da sociedade e, a contrapelo, expressam a grande confusão na resposta à questão que vinha dos séculos anteriores, especialmente do século dezoito.[...].Uma das formas de responder a esse dilema foi a desqualificação da escrita feminina e das mulheres intelectuais e intelectualizadas -*as sabichonas de saia, as viragos obcenas, as solteironas da pena*, essas mulheres homens que ameaçavam despudoradamente os

³⁷⁸ LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 35, n.168, 1936. p.20.

sagrados valores da família, leia-se do patriarcado em vigor.[grifos da autora]³⁷⁹

No resultado da primeira apuração, no dia 20 de agosto de 1936, a revista publicou a repercussão do concurso, declarando que:

Causou enorme sucesso entre os nossos leitores, o início, em nosso número passado, do plebiscito para a escolha dos cinco nomes dentre as mulheres de letras do Brasil, merecedoras de receber a consagração da imortalidade. A consulta dirigida pelo *O Malho* aos seus leitores, simples e feita nos moldes mais liberais possíveis, por que envolve um assunto do mais palpitante interesse é desses que não podem deixar de apaixonar mesmo os mais indiferentes. É isso justamente, o que se está verificando e o que se pode inferir do resultado da primeira apuração de votos que hoje publicamos, resultado que consigna a solicitude com que quase uma centena de leitores, no mais exímio prazo de tempo, já correu a sufragar os nomes de várias prováveis candidatas a vitória no grande prélio.³⁸⁰

Logo na primeira apuração, 97 leitores se posicionaram, e assim surgiram nomes como Ana Amélia, Gilka Machado, Sílvia Patrícia, Iveta Ribeiro, Cecília Meireles, Bertha Lutz, Amélia Beviláqua, dentre outras. O resultado foi publicado em uma das edições posteriores d'*O Malho*. Nomes como os supracitados evidenciam a repercussão que as obras e as trajetórias dessas mulheres tinham no meio social e evidenciam também como a conquista do espaço público era desejada por aqueles que acompanhavam o caso com a Academia Brasileira de Letras.



³⁷⁹ QUEIROZ, Teresinha. Prefácio: Sobre os gêneros do desejo, In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.p.14.

³⁸⁰ LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. *Revista O Malho*, n.169, ano. 35, Rio de Janeiro, 1936. p.6.

Figura 18: Ana Amélia, Gilka Machado, Sílvia Patrícia, Ieda Ribeiro e Cecília Meireles. Escritoras cujos nomes foram mencionados na primeira apuração do concurso *d'O Malho*. Fonte: LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. *Revista O Malho*, n.169, ano.35, Rio de Janeiro, 1936. p.21.



Figura 19: Registro de Amélia Beviláqua na época da candidatura junto a Academia Brasileira de Letras. Fonte: FONTE: LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 35, n.169, 1936. p.21.

Em meio às apurações, foram emergindo inúmeros nomes que reafirmam a contribuição feminina ao universo da intelectualidade na primeira metade do século XX. Na vigésima primeira apuração, por exemplo, percebe-se que mais de 100 nomes das letras femininas são referidos. Após inúmeras apurações,³⁸¹ as ganhadoras do concurso foram Maria Eugênia Celso com 2.512 votos, Gilka Machado com 2.363 votos, Alba Nascimento com 2.069 votos, Ana Amélia com 1.949 votos e Henriqueta Lisboa com 1.787 votos. Amélia de Freitas Beviláqua compõe a lista das que receberam votos, ficando com 204 no total. As figuras a seguir foram registradas na cerimônia de homenagem das cinco mulheres cujo reconhecimento dos leitores as levou a ganhar o concurso da revista *O Malho*.

³⁸¹ Os documentos acessados na Revista *O Malho* nos levam ao conhecimento de 22 apurações.

O fim do plebiscito teve como mérito agitar os meios intelectuais do país e pôr em questão a ideia de que no país havia mulheres que possuíam plenas condições para se tornar imortais da Academia Brasileira de Letras, como esclarece a publicação dos primeiros dias do mês de janeiro:

Chega a seu termo, com a publicação que fazemos hoje da última cédula do plebiscito que em tão boa hora ‘O MALHO’ organizou e que teve o mérito indiscutível de agitar os meios intelectuais e culturais do país. O grito que partiu destas colunas: ‘Levemos a mulher à Academia Brasileira de Letras’ teve ressonância em todo o país, e repercutiu no seio da própria ‘Casa de Machado de Assis’. Através da palavra de quase todos os membros da Academia, que *O Malho* foi ouvir e transmitiu aos seus leitores, sente-se a simpatia com que a maioria ali recebe a hipótese de uma candidatura feminina a primeira vaga que se verificar em seu plenário. O êxito do plebiscito, o total de votos dados pelos nossos leitores a mais de uma centena de nomes intelectuais, o crescido número de sufrágios com que se vem apresentando as mais votadas, tudo isso constitui a prova evidente de que o Brasil possui mulheres de letras em condições de receber o galardão da imortalidade. Assim pensam todos os que deram seus votos.³⁸²

Orgulhosa do debate que havia propiciado, a revista prossegue na matéria da primeira semana do ano de 1937, advertindo quão bem recebido fora o concurso, que havia a necessidade de adiar o recebimento das cédulas por mais alguns dias.³⁸³ Ao término, cada uma das eleitas receberia um medalhão de bronze com dizeres alusivos à vitória alcançada e a consagração que a mesma lhes representava, como indica o arquivo da revista. Além disso, cada uma receberia um diploma fazendo referência à colocação obtida.³⁸⁴ Destaca ainda que, embora não pudesse lançar candidaturas, tendo em vista que essa decisão cabia às próprias candidatas, sentia-se feliz em ter aplainado o caminho para a inteligência feminina atingir as poltronas da ABL.

³⁸² LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. *Revista O Malho*, n.169, ano.35, Rio de Janeiro, 1936. p.21.

³⁸³ A matéria indica que o adiamento se deu até o dia 4 de Janeiro de 1937.

³⁸⁴ LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. *O Malho*, n.169, ano.35, Rio de Janeiro, 1936. p.21.



Figura 20: Premiação das vencedoras do concurso promovido pela revista *O malho*. Fonte: LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano 36, n.169, 1937.



Figura21: Premiação das vencedoras do concurso promovido pela revista *O malho*. Fonte: LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano 36, n.169, 1937.



Figura 22: Medalhão de bronze oferecido a cada uma das vendedoras pela revista *O Malho*. Fonte: LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. *Revista O Malho*. n.71, ano 36, Rio de Janeiro, jan.1937.p.26.



Figura 23: Diploma que os organizadores do concurso *d'O Malho* conferiram às ganhadoras. Fonte: LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. *Revista O Malho*. Rio de Janeiro, ano 36, n.71, jan.1937.p.26.

24:

RESULTADO FINAL DA APURAÇÃO DO PLEBISCITO

Nome	Votos	Nome	Posição
MARIA EUGENIA CELSO	2.517	Rachel de Queiroz	208
GILKA MACHADO	2.364	Sylvia Menzies	204
ALBA CANIZABES DO NASCIMENTO	2.069	Cortina Ribas	197
ANNA AMELIA	1.949	Adelste Corriá Netto	195
HENRIQUETA LISSON	1.787	Odete Barcellos	188
Leonor Peixoto	1.756	Isolina Pequena Dias	168
Hilariê Pavella	1.191	Bertha Lutz	154
Ada Macagny	1.158	Edwiges de Sá Pereira	142
Haydée de Moraes Sanchez	1.077	Patricia Galvão	142
Terêz de Trêff	977	Mercedes Duailas	133
Suzana Gonçalves	966	Emerantina Suppo de Almeida	130
Ivete Ribeiro	916	Terquiza de Araújo Sousa	113
Suzana de Campos	869	Alzira Oliveira Costa	108
Sylvia Patricia	835	Ilash Secundino	106
Nezi Miranda	820	Antonieta de Barros	103
Rosalina Coelho Lisboa	616	Albertina Brittas	102
Adalberto Bittencourt	615	Maria Augusta Seráfico Costa Lestrada	100
Anna Cruz	518	Oliva Terra Franco	99
Maria Lacerda de Moura	412	Maura de Oliveira Brasil	99
Maura de Sosa Pereira	397	Elze Mazza Nascimento Machado	91
Anadyr do Nascimento Silva Bastos	342	Lúcia Salles	88
Polayra Wanderley	316	Juarez B. Machado	87
Haydée Marques Porto	314	Maria Sábina de Albuquerque	86
Emerantina Del Basso Trama	299	Carmin Annes Dias	83
Priscilliana Duarte de Almeida	265	Maria Cecília	77
João Galvão	260	Amélia de Remele Martins	69
Lucretia Lacerda Dias	249	Eulher Ferreira Vianna Calderero	68
Evangelina Ferreira Martins	240	Hermínia Stamp	66
Inercina Guimarães Vilela	238	Marciana Taril de Macedo	61
Carmin Portinho	27	Marilyn Trêz de Meneses	54
Carmin Santiza	26	Irene Martins de Carvalho	54
Elizabeth Baston	25	Carolina Naves	51
Francisca de Basto Cordeiro	24	Irene Drummond	49
Janelyra Meyer de Azevedo	20	Virgínia Clóvis de Lacerda	47
Marieta Mesa Barreto Costa	19	Tatiana do Amaral	43
Terezita Bittencourt	19	Julia Correia da Silva	41
Cla Kandler	19	Lúcia P. de Camargo Branco	40
Cozilde Campos Gonçalves	18	Maria Magdalena Camocê	39
Edna Leite Queiroz	18	Augusta Valadup	38
Henzeperta Gomes da Silveira	18	Carmin Botelho Buechado	38
Henzeperta Galvão	18	Luiza Miguel Pereira	38
Iris Labarthe	17	Maria de Lourdes Coelho	38
Maria Jacinta Toró de Campos	17	Amélia Probst	37
Maria Luiza Babal	17	Dulce Garbo	37
Apalina Rodrigues Mans	17	Martina Coelho Costa	36
Benedicta de Melo	17	Rachel Probst	35
Hermínia von Sydow	15	Conselho Pimentel Marques	35
Magdalena da Gama Oliveira Pinto	15	Comes Mello	35
Dylda Barbosa Rodrigues	15	Carminha Goulter	35
Laura Villares	15	Deborah Mueinho Rapp	35
Zita Coelho Netto	15	Zuleia Litta	34
Anzila Lopes Ferreira	14	Evangelina Maia Cavalcanti	33
Bianilda Soares Mendonça	12	Hélens de Fiquitêdo	31
Carmin Soccos	12	Ivanina Carônia	31
Carmin Dalbert	10	Corbélia Marcondes Campos	30
Georgina Barbosa Vianna	10	Isadora de Assunção	30
Hélens Gomes da Silveira	8	Dulc Guilher	29
Margarida Wanda de Uchida Bouchado	8	Maria Luiza Bittencourt	28
Maria de Hollanda	8	Margarida Lopes de Almeida	27
M. T. Moraes Jardim	8	Rebecca H. de Mello	27
Noemy Silveira	7	Virgínia B. Campos	27
Tharcilla Henriques	7	Floza de Oliveira Lima	27
		Norma Nascimento Gama	27

Figura A

multidão de escrevinhadoras brasileiras. Fonte: LEVEMOS a mulher à Academia de Letras. Revista O Malho. n.71, ano 36, Rio de Janeiro, jan.1937.p.26.

A publicação do resultado final do concurso possibilita a compreensão do fenômeno de ampliação da prática escriturística feminina, bem como da repercussão social da produção dessas mulheres. Segundo Algemira de Macedo Mendes “o processo de transgressão apresentado nas lutas para a emancipação da mulher, mesmo que muitas delas tenham sido sob tutela dos homens, abriam caminho às que se engajaram nesse processo sociopolítico e cultural, diminuindo assim a assimetria existente na relação homem/mulher”.³⁸⁵ A escrita feminina, dessa forma, constitui-se como elemento de luta das mulheres em busca de igualdade e legitimidade perante o gênero masculino.

A lista que apresenta o resultado final da apuração do plebiscito evidencia que a multidão de escrivinhadoras que a Europa viu emergir no século XIX, também se faz presente no Brasil e cresceu com as transformações da sociedade carioca e brasileira no século XX. Evidencia também que a luta em busca de reconhecimento por parte das escritoras nas agremiações literárias da capital federal começa a ganhar força e possibilita questionar também quem seriam esses leitores que participaram da enquete na década de 1930. Seriam as próprias intelectuais que atentas a essas discussões se dispuseram a participar da investigação? Seriam mulheres interessadas na causa que aproveitaram a situação para questionar os padrões que regiam a capital federal? Seriam novos homens aptos a propiciar a inserção da mulher em ambientes cuja presença feminina não era aceita? Conforme a análise dos arquivos, é possível identificar que os leitores *d’OMalho* eram pessoas que costumavam estar atentos aos feitos do universo da intelectualidade. Lugar que fora ocupado com maestria por essas mulheres que aproveitaram o processo de legitimação que aos poucos lhes era concedido para deslocar as fronteiras de seu tempo.

Amélia Carolina de Freitas Beviláqua, cujo nome foi mencionado desde a primeira apuração da enquete, já estava nos últimos anos de sua trajetória. Mesmo assim, apesar da velhice e da doença que prejudicavam sua frequência assídua nos espaços de sociabilidades literárias, seu nome consta no resultado final. Em meio a nomes de mulheres jovens que estavam em plena e intensa atividade literária, ela conquistou 204 votos favoráveis. Mas foram aqueles votos contrários de sete anos atrás (1930) que promoveram e movimentaram a intelectualidade brasileira durante a década de 1930.

O debate suscitado por sua candidatura teve seu tão sonhado resultado apenas em 1977 quando a Academia dos imortais elegeu a romancista cearense, Rachel de Queiroz,³⁸⁶ como a

³⁸⁵ MENDES, 2004,p.56.

³⁸⁶“Nasceu em Fortaleza (CE), a 17 de novembro de 1910, numa família de intelectuais. Teve como tataravó uma das líderes da revolta republicana deflagrada no Nordeste em 1817, Bárbara Pereira de

primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, 5ª ocupante da Cadeira 5, cujo patrono é Bernardo Guimarães³⁸⁷. Portanto, a seu modo, Amélia contribuiu para interferir em um ambiente cuja dominação masculina ainda imperava, dominação que por meio de uma carta de inscrição a uma eleição foi questionada e levou a sociedade letrada a refletir sobre papéis e a necessidade de reconfigurá-los diante dos novos tempos.

Alencar. Sua trajetória literária foi iniciada em meados dos anos 1920, na forma de cartas que enviava, sob o pseudônimo de Rita de Queluz ou R. de Q., para o jornal *O Ceará*, de Fortaleza. As cartas fizeram sucesso e, contra sua vontade, acabou tendo sua identidade revelada. Embora tivesse apenas 16 anos, foi contratada como colunista do jornal. Em 1930, antes dos 20 anos, publicou seu primeiro romance, *O Quinze*, mostrando o drama dos flagelados da seca e a pobreza dos nordestinos. Muito bem recebido pela crítica, *O Quinze* já vendeu mais de 500 mil exemplares, representando um marco no ciclo do romance nordestino. Na década de 1930, Rachel militou no Partido Comunista Brasileiro. Nessa época escreveu o romance *João Miguel* (1932), que narra o drama de um presidiário e foi considerado pela crítica superior a *O Quinze*. Em *Caminho de pedras* (1937), relata os problemas de um casal comunista sob perseguição policial em uma sociedade provinciana. Consolidava-se sua posição como escritora vigorosa no movimento regionalista do Nordeste. Seguiu-se o romance *As três Marias* (1939). Abandonou a militância comunista no início dos anos 1940, mas continuou a atuar politicamente, tendo vivido intensamente os acontecimentos mais marcantes da história do Brasil neste século. Participou da campanha que levou à derrubada de Getúlio Vargas em 1945 e ajudou nas articulações do golpe de 1964, que depôs o presidente João Goulart. Sobre este momento da vida nacional, manifestou-se certa vez: “Já o que nós fazíamos era conspiração mesmo: saber onde estava a tropa, se o coronel fulano tinha se manifestado, se o coronel beltrano era de confiança eles me usavam como jornalista, eu opinava muito e era muito lida.” Inscrita no partido do governo, a Arena, Rachel chegou a ser consultada pelos militares para ser ministra da Educação. Em 1966, foi convidada para ser embaixadora do Brasil junto à ONU. Recusou ambos os convites. Mudou-se para o Rio de Janeiro após publicar seu quinto livro, *O galo de ouro* (1950), e deu início a uma intensa colaboração com jornais e revistas cariocas; a seção “Última página”, que assinava em *O Cruzeiro*, fez grande sucesso durante décadas. Como dramaturga, escreveu as peças *Lampião* (1953) e *A beata Maria do Egito* (1958). Em 1977, tornou-se a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Em 1992, publicou o romance *Memorial de Maria Moura*, que chegou rapidamente às listas dos mais vendidos. *Maria Moura* trouxe para Rachel de Queirós numerosos prêmios, como o de Romance do Ano, conferido pela Associação Paulista de Críticos de Arte, o de Intelectual do Ano, conferido pela União Brasileira de Escritores e o Prêmio Camões, concedido em Lisboa para o melhor autor do ano em língua portuguesa. O romance foi adaptado para a televisão, com enorme sucesso, sendo a personagem de Maria Moura interpretado por Glória Pires. No final do ano de 1998, a escritora, junto com sua irmã Maria Luíza, publicou o livro de memórias *Tantos anos*.” Cf. SHUMAHAR, Schuma; BRAZIL, Érico Vital [Org.]. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade* biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.547-548.

³⁸⁷“Bernardo Guimarães (Bernardo Joaquim da Silva Guimarães), magistrado, jornalista, professor, romancista e poeta, nasceu em Ouro Preto, MG, em 15 de agosto de 1825, e faleceu na mesma cidade, em 10 de março de 1884. Bacharelou-se em 1852. Nesse ano, publicou *Cantos da solidão*, poesia. Exerceu o cargo de juiz municipal e de órfãos de Catalão, em Goiás, por duas vezes, em 1852-1854 e 1861-1864. Em 1864-1865 publicou o volume *Poesias*, contendo *Cantos da solidão*, *Inspirações da tarde*, *Poesias diversas*, *Evocações* e *A baía de Botafogo*.” Cf. www.academia.org.br.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1946, a primeira página do *Jornal do Brasil* trazia como destaque o falecimento da viúva de Clóvis Beviláqua:

Pouco antes das vinte horas de ontem falecia em sua residência, à rua Barão de Mesquita, D. Amélia de Freitas Beviláqua, viúva do saudoso jurista Clóvis Beviláqua. D. Amélia falece aos oitenta e seis anos de idade, depois de uma vida de intensa atividade intelectual.³⁸⁸

Portanto, falecendo em 1946, Amélia deixou seu legado àqueles que pretendem estudar as relações sociais no Brasil dos séculos XIX e XX. Suas obras dão o tom do mundo feminino nessa conjuntura. Sua carreira no mundo da escrita permite perceber aspectos de um tempo onde o mundo inteiro vê a emergência de mulheres que lutam por intermédio da pena. Mas, as obras de Amélia foram relegadas ao esquecimento, embora isso venha mudando na historiografia do século XXI, período em que é possível localizar uma maior quantidade de obras e artigos voltados para as experiências dessa escritora.

Analisando suas vivências pode-se observar um tempo marcado por profundas transformações nas estruturas econômicas e sociais no mundo ocidental; mudanças que acabaram afetando o mundo todo em virtude das características do processo de expansão. Como destacado a cultura letrada assumiu papel fundamental nesse processo. E é por meio deste lugar social que Amélia fala. A cosmovisão da escritora manifesta-se por meio do ponto de vista de suas personagens, objetivando captar o mundo circundante num cosmos imaginário. Imaginário que é representativo de um tempo. Cada romance é um local de interseção de toda uma teia de códigos culturais e convenções. Um lugar com gestos e relações peculiares. Seus romances permitem observar as dificuldades vivenciadas pelas mulheres, mas, sobretudo os avanços, a busca por liberdade, a chegada da mulher a rua, a divulgação dos hábitos cariocas.

Mesmo sob olhares controladores, observa-se a multiplicação das mulheres que passam a se inserir no universo das publicações, caso de Amélia que inicia em 1898 e que através de *O Lírio*, revista na qual atuou como redatora-chefe, fazendo-se conhecer pelo trabalho exercido. Ampliando seus escritos, fazendo-os ser apreciados pela imprensa que divulgava cotidianamente seus livros ou feitos como visitas às livrarias ou conferências ao lado do esposo ela se fez notar e legitimou seu nome em meio a cultura letrada do país. Ansiando ir além, em 1930 ela sofre na pele as fronteiras que ainda delimitavam espaços,

³⁸⁸MORRE a viúva de Clóvis Beviláqua. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 56, n. 271, nov. 1946. p. 8

quando envia carta ao presidente da Academia Brasileira de Letras desejando candidatar-se aquela agremiação. Com a resposta negativa, identifica-se que a conquista do território da escrita foi longa e difícil para as mulheres, e foi marcada por uma notória rivalidade entre escritores e escritoras. Muitos desses escritores deploravam a exibição pública da mulher moderna, não aceitando que ela trocasse a arte da culinária pela arte da escrita. Tais homens reivindicam “sua superioridade inata” e tinham posições ambíguas no que diz respeito aos direitos buscados pela mulher. Isso pôde ser observado por meio do discurso de Peter Gay. Este ressalta que os homens vivenciaram esses deslocamentos com muita preocupação, pois as mulheres escritoras acabariam por “desordenar a sociedade.” Para reivindicar esse espaço elas usavam a palavra escrita, ou seus modos de se portar. Com seus romances, elas incentivariam a prática da leitura feminina. Suas escritas expressavam inquietação com a natureza das relações amorosas e especialmente conjugais, a infância, a educação, as distinções de gênero, as relações familiares. Essas temáticas constituíram algumas das centralidades da vida de Amélia, como destaca Teresinha Queiroz.³⁸⁹

Existe, portanto, a necessidade de valorizar essa literata piauiense, bem como suas produções. Uma literata que ousou afrontar um sistema masculino que excluía as mulheres. Que publicou romances de sua autoria embora isso ora era festejado, ora incomodava a muitos.

As “sabichonas de saia” contribuíram, por meio de suas penas, para a reconfiguração das relações de gênero ao propiciarem a seus leitores e leitoras a reflexão sobre os lugares ocupados por homens e mulheres. Ao tratarem sobre o múltiplo universo feminino elas levantaram uma espécie de clamor em prol da mulher que também deveria desfrutar a liberdade.

Ao longo deste trabalho, pôde-se identificar o lugar social da mulher literata do século XIX e início do XX. Observou-se o difícil caminho tomado por aquelas que decidiram fazer da pena seu instrumento de intervenção. Percebeu-se também um movimento de emergência e multiplicação em todo o mundo dessas escritoras e que a trajetória de Amélia esteve em confluência com esse crescimento.

A análise sobre a polêmica envolvendo Amélia Beviláqua e a Academia Brasileira de Letras constitui exemplo de como as relações de poder entre os gêneros se estabeleciam inclusive no mundo da escrita. Mundo masculino, contrário à feminilidade. Esse episódio

³⁸⁹ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Beviláqua e a escrita feminina no Brasil, In: BORRALHO, J.; GALVES, M.; BEZERRA, N. [Org]. *Pontos, Contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café e Lápis; Editora UEMA, 2011.p.210.

permite observar quão complexa foi a ideia da mulher que ansiava forçar sua entrada no mundo escriturístico. Os discursos em torno dessa candidatura evidenciam que, aquele sistema opressor, objetivava manter a divisão dos papéis de gênero, uma forma de manter a ordem social e não ameaçar seu lugar ditado pela própria natureza.

No entanto, o fato de Amélia Beviláqua ter sido a primeira a apresentar formalmente sua candidatura à ABL dá mostras de que ela não se enquadrava no paradigma de inferioridade e submissão destinado à mulher. Além da postura assumida em 1930, a análise de suas obras possibilita a compreensão de como a escrita pode se constituir como representação de códigos culturais. Nessas obras pode-se identificar inúmeros elementos relacionados à condição feminina daquele tempo. São obras permeadas pelo ideal da busca de igualdade de papéis por meio da exposição das possibilidades de ser mulher. Daluz, a moça cujo anseio por educar-se e por encontrar o amor fora notável, sofre as agruras dos limites de sua condição. Maria Rosa, a moça pobre, enganada, tem sua tentativa de encontrar o amor frustrada. Vitalina, a solteirona de beleza questionável ousa declarar-se para o melhor partido da região, mesmo assumindo uma posição tida como masculina.

Mas, é em Teresa que Amélia Carolina de Freitas Beviláqua mostra mais intensamente seu anseio por mudanças. A personagem é a representação da nova mulher que emerge na época. Passeia publicamente sem o marido, não se submete aos caprichos de seus ciúmes excessivos, se quer independente, burla normatizações. Aceita o divórcio em um tempo que este desvalorizava a mulher, apesar dos debates por ele suscitados. Uma mulher que reivindica seu lugar, que busca a equiparação entre os gêneros. Uma mulher como Amélia e as sabichonas do século XIX que em muito contribuem por meio de suas vivências e produções para o processo de emancipação do gênero feminino. Sabichonas para as quais o reino de Clío deve voltar o olhar a fim de realçar um passado de lutas, percalços e embates. Passado em que simples mulheres com penas nas mãos incomodaram e se tornaram protagonistas de um tempo.

Ao longo desta pesquisa pôde-se observar algumas experiências de um grupo de mulheres que não se limitaram ao ideal “miserabilista”, como destaca Rachel Soihet³⁹⁰ousando por meio de suas práticas. O episódio entre Amélia Carolina de Freitas Beviláqua e a Academia Brasileira de Letras é revelador desse aspecto. As vivências destas mulheres estiveram muitas vezes barradas por um sistema opressor que as queria longe da

³⁹⁰ SOIHET, Rachel. História das Mulheres, In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

produção cultural. Mesmo assim, sob o uso de estratégias, ou mesmo sob o perigo de serem rechaçadas publicamente, elas se fizeram notar e se constituem como preciosos elementos para a compreensão de um tempo histórico permeado por mudanças, tradições, embates, conflitos, reconfigurações.

Amélia Carolina de Freitas Beviláqua é uma notável representante do seu tempo. Tempo no qual as mulheres começavam a adentrar pelo espaço público. Neste espaço elas começam a reivindicar seus direitos e tem na palavra escrita um importante lugar de fala. Foi por meio desse instrumento que elas se impuseram.

O concurso promovido pela revista *O Malho* é revelador sob vários aspectos. Primeiro por apresentar um incômodo social diante da recusa e inelegibilidade na Academia Brasileira de Letras. Revela também uma nova sensibilidade diante da entrada da mulher em uma instituição intelectual que, no entanto, restringiu a entrada de mulheres até a década de 1970. Revela também como Amélia chamou atenção e marcou os circuitos literários de sua época. O concurso da revista *O Malho* transcorreu ao longo da década de 1930 quando Amélia encontrava-se em seus últimos anos de vida e com a produção intelectual reduzida pela doença que marcou o fim de sua trajetória e a afastou do meio escriturístico. Mesmo assim ao término da votação que elegeria possíveis nomes femininos para integrar a Casa de Machado de Assis, lá estava ela compondo a lista da multidão de escrevinhadoras brasileiras que destacaram-se no Rio de Janeiro contando com um total de 204 votos. Isso é prova da importância que Amélia teve naquele contexto. Fora ela que movera toda aquela discussão e mesmo ao término da vida esteve com o nome na lista de um grupo de mulheres que promoveram a ruptura dos paradigmas masculinos dominantes contribuindo para a emancipação feminina.

O Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX em que viveu Amélia Beviláqua foi um espaço de metamorfoses que vieram acompanhadas de muitas tensões. Era um espaço que ainda enclausurava a mulher e a limitava em vários aspectos. No entanto, as fronteiras desses limites passam a ser ultrapassados quando emergiram personagens similares às personagens Teresa e Jeannete cuja inquietação diante das novas possibilidades de vivências emergentes as levaram a adquirir novas práticas. Elas são elementos representativos e críticos daquela sociedade. As sabichonas de saia contribuíram por meio de suas penas para a reconfiguração das relações de gênero ao propiciarem a seus leitores e leitoras a reflexão sobre os lugares ocupados por homens e mulheres. Ao tratarem sobre a condição feminina

elas levantaram uma espécie de clamor em prol da mulher que também deveria desfrutar a liberdade.

Em 1930 foi a vez de Amélia Beviláqua forçar sua entrada nesse universo intelectual. Embora não tenha sido aceita sua atitude movimentou a imprensa, moveu a sociedade civil e levantou nesta a discussão a respeito do lugar social ocupado pela mulher. Tal atitude delineia a confluência entre as marcas de um modelo familiar pautado no patriarcalismo com um processo de reconfiguração quanto aos espaços ocupados pelos gêneros. São os primeiros passos de um longo e doloroso processo de abertura enfrentado por mulheres como Amélia que deixaram na história a marca do anseio por mudanças.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Elizabeth Sousa. *O dote é a moça educada:mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República*. São Luís: EDUEMA, 2012.

ÀRIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARROS, Nino César Dourado; QUEIROZ, Teresinha. Entre a pena, o tinteiro e a escrivadinha: Amélia Beviláqua como redatora-chefe da revista pernambucana *O Lyrio*(1902-1904). In: NASCIMENTO, Francisco; SILVA, Rodrigo Caetano; FERREIRA, Ronyere[Org.]. *História e cultura: trajetos singulares*. Teresina: EDUFPI, 2016.

BERNARDES, Maria Thereza Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro século XIX.São. Paulo: T.A. Queiroz., 1989.

BEVILÁQUA, Amélia. *A Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1913.

BEVILÁQUA, Amélia. Alcione. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 2, n. 1,p.16-33.

BEVILÁQUA, Amélia. *Angústia*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1913.

BEVILÁQUA, Amélia. *Através da vida*. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1904.

BEVILÁQUA, Amélia. *Impressões*. Rio de janeiro: Typografia Bernard Freres, 1929.

BEVILÁQUA, Amélia. *Jeanette*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1928.

BEVILÁQUA, Amélia. *Jornadas pela infância: memórias*. Rio de Janeiro: J. Borsoi, 1940.

BEVILÁQUA, Amélia. *Silhouettes*. Recife: T.Garnier, 1906.

BEVILÁQUA, Amélia. *Vesta*. Rio de Janeiro: Bernard Freres, 1909.

BEVILÁQUA, Clóvis. *Traços biográficos do Desembargador José Manoel de Freitas*. Recife: Tipografia Universal, 1888.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRANDÃO, Noemia Paes Barreto. *Clóvis Beviláqua na intimidade*. São Paulo: Editorama, 2008.

BRITTO, Bugyja. *Quatro escorços biográficos*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1978.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

CASTELO BRANCO, Pedro. *História e Masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina: 1920-1960*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2010.

CARVALHO, Regina Coelli Batista Moura de. *Astúcias de mulher: Amélia Beviláqua e as relações de gênero*. Teresina: Halley, 2007.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica, In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

DUARTE, Constância Lima. Mulher e escritura: produção letrada e emancipação feminina no Brasil. *Pontos de Interrogação*. Revista do Programa de Pós-Graduação em crítica cultural. n.1, 2001.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro, 1840–1890*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FALCI, Miridan Brito Knox. *Amélia de Freitas Beviláqua: a intelectual piauiense avançada*. Anais do XX Congresso de Sociologia. Fortaleza, set, 2001.

FALCI, Miridan Brito Knox. Mulheres no sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del [Org]. *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p.241-277.

FANINI, Michele Asmar. A (in) elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras: Cardina Michaelis e Amélia Beviláqua. *Tempo Social*. São Paulo, v.22.n.1, 2010. p.149-177.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle [Dir.]. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

FRANCO, Stella Scatena; PRADO, Maria Lígia. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

FRANCO, Stella Scatena; PRADO, Maria Lígia. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

GAY, Peter. O poderoso sexo frágil. In: GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 292-370.

KNIBIEHLER, Yvonne. *Corpos e Corações*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 4. São Paulo: Ebradil, 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LIMA, Miridan Rejane Soares; FILHO, Pedro Pio Fontineles. *Entre falas e silêncios da escrita: Representações sociais e relações de gênero na obra de Amélia Beviláqua*. Disponível em: www.uespi.br. Acesso em: 23/05/2013.

LIRA, José Luís [Org.] *De Clóvis para Amélia*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 2011.

MAUROIS, André. *George Sand*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

MEIRA, Sílvio. *Clóvis Beviláqua: sua vida, sua obra*. Fortaleza: EUFC, 1990.

MENDES, Algemira de Macedo. *A imagem da mulher na obra de Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

MENDES, Algemira de Macedo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística e Letras)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

MENDES, Algemira de Macedo. *As marcas da submissão em Através da Vida, de Amélia Beviláqua*. Anais do Encontro Prática de Leitura, Gênero e Exclusão, 2003, Campinas. Campinas, 2003.

NEDER, Gizlene. *Amélia e Clóvis Beviláqua: o casamento, o casal e a ideia de indivíduo*. X Encontro Regional de História da ANPUH, Anais. UERJ, Rio de Janeiro, 14-18 out. 2002.

NOBRE, Freitas. *Clóvis Beviláqua*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

OLÍMPIO, Matias. *Uma piauiense notável*. Revista Academia Piauiense de Letras, Teresina, ano 1, jun. 1918.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v.24, n.1. p.77-98, 2005.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*, Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relatos de uma experiência. *Cadernos Pagu*, 1995.p. 9-21.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PRIORI, Mary del. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos César de [Org.]. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

PRIORE, Mary del. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

PRIORE, Mary del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. *Revista Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

QUEIROZ, Teresinha. Amélia Beviláqua e a escrita feminina no Brasil, In: BORRALHO, J.; GALVES, M.; BEZERRA, N. [Org]. *Pontos, Contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café e Lápis; Editora UEMA, 2011.

QUEIROZ, Teresinha. Mulheres plurais, In: *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006.

QUEIROZ, Teresinha. Prefácio: sobre os gêneros do desejo, In: VILARINHO, Pedro. *História e Masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

RIO, João. *O momento literário*. Paris: Garnier, 1905.

ROCHA, Olívia Candeia. As mulheres piauienses e a conquista da palavra escrita. In: *Revista Ao pé da letra*. v. 4. Recife: UFPE, 2002.

ROCHA, Olívia Candeia. Escritoras piauienses: pseudônimos, flores e espinhos. *Revista Mafuá*, Florianópolis, dez. 2003.

ROCHA, Olívia Candeia. Uma perspectiva da inserção literária da mulher piauiense entre 1875 e 1950, In: *Cadernos Teresina*, ano 14, n. 33, ago, 2012.

SAAVEDRA, Carola. O fantasma da literatura feminina, In: *Anuário de literatura*, Florianópolis, v.18, n. 1, p. 45-48.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1991.

SCHOPENHAUER, Arthur. Ensaio acerca das mulheres, In: SHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor*. Lisboa: Editorial Inquérito, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SHUMAHHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital[Org.]. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público, In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*, n. 15. set/out/nov/dez, 2000.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres, In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOIHET, Rachel. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania, *Revista estudos feministas*, Florianópolis. v. 13 n.1, jan./abr. 2005.

TELES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras, In: DEL PRIORI, Mary [Org]. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo. Contexto, 2000.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. As mulheres na Academia. *Revista Brasileira/AB*, Rio de Janeiro, ano 13,n.49 out/nov/dez , 2006.

Fontes hemerográficas

A ACADEMIA e as mulheres. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro,s/n, jun.1930.

A ACADEMIA de letras e o feminismo. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro,s/n, jun.1930.

ALMANAQUE DA GARNIER. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1906, 1910 e 1911.

AMÉLIA Beviláqua e a ABL. *Jornal do Brasil*,Rio de Janeiro, ano 40, jun, 1930.

ALFREDO Pujol. *Jornal do Brasil*. . Rio de Janeiro, ano 40, n.121, p.5, maio, 1930.

ALMANAQUE DA GARNIER, Rio de Janeiro, ano 28, 1930.

AZEVEDO, Josefina Álvares. Carnet de Voyage. *A família*. Rio de Janeiro,s/n,p.6, 21 de dez.1890.

BEVILÁQUA, Clóvis. Num livro de pensamentos de Amélia, quando menina. *Revista Fon Fon*.Rio de Janeiro, ano 23,.51,p.20, dez 1929.

CARACAS, Ruy Severiano. Ainda a Academia Brasileira de letras e a egrégia romancista Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 103, n. 171, p.1, jul. 1930.

CAVALCANTI, J. A Academia Brasileira de letras e a egrégia romancista Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 103, n. 146, p.1, jun. 1930.

CONFERÊNCIA[...]. *Diário de notícias*. Rio de Janeiro, maio, 1934, p. 8.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: Typografia Universal, 1930.

COSTA, Odilo. D. Amélia de Freitas Beviláqua. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 103, n. 188, p.6, ago, 1930.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Typografia Universal, 1930-1946.

FREIRE, Laudelino. D. Amélia de Freitas Beviláqua, *Almanaque Brasileiro da Garnier*. Rio de Janeiro, 1904, p.225.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro : Typografia. da Gazeta de Noticias. maio, jun, jul, 1930.

JORNAL A Família. Rio de Janeiro, ano 4, n. 144, 1892.

JORNAL das moças. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.1 21 de maio. 1914.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro: Typografia Universal, 1930.

JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Comércio, 1906-1936.

LEVEMOS a mulher a Academia de Letras. *Revista O Malho*. Rio de Janeiro, ano 36, n.71, p.26, jan. 1937.

MORRE a viúva de Clóvis Beviláqua. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n[?], ano, 1946.

NA INTIMIDADE[...] *Revista O Malho*, Rio de Janeiro, ano 31, p.6, out. 1933.

O RIO em flagrante. *Revista Fon Fon*. Rio de Janeiro, ano 1, 1907.

PACHECO, Felix. Academia Brasileira. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 103, n. 141, p.5, jun, 1930.

RESOLUÇÃO da Academia Brasileira de Letras. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 103, n.155, jun, 1930.

REVISTA FON FON. Rio de Janeiro: Tipografia da revista Fon Fon, 1906-1930.

REVISTA O *LÍRIO*. Recife, Tipografia d'A Província, nov, 1902, dez, 1904.

REVISTA O MALHO. Rio de Janeiro: O Malho AS, 1930-1937.

VAMPRÉ, Spencer. Decoro da inteligência. *A notícia*. Rio de Janeiro, jun. 1930. p.4.

VELHO, Cosme. Diálogos das novas grandezas do Brasil. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano 84, n. 323.p.1, 1910.